

I

MINISTÉRIO DA CULTURA
Fundação Biblioteca Nacional
Departamento Nacional do Livro

FILOMENA BORGES
Aluísio Azevedo

FLORES DE LARANJEIRA

O Borges não cabia em si de contente no dia de seu consórcio com a filha de d. Clementina.

Estava a perder a cabeça — ia e vinha por toda a casa, radiante, cheio, abraçando os convidados, forçando-os a participarem daquela felicidade, que marcava a melhor e a mais extraordinária época de sua vida.

Era homem de meia idade, quarenta a quarenta e cinco anos, robusto, socado, fisionomia franca e extremamente bondoso, movimentos acanhados de quem não convive em alta sociedade, e um perene sorriso de dentes puros e perfeitos.

Usava o bigode raspado e uma barbinha de orelha a orelha, por baixo do queixo-o que o fazia parecer mais feio e mais velho. Nunca saía de suas calças de brim mineiro, do seu invariável paletó de alpaca, dos seus sapatões de bezerro e do seu chapéu do Chile. Um enorme guarda-chuva sempre debaixo do braço.

Todo ele estava a revelar a sua infância no campo, descalço, o corpo à vontade, as madrugadas feitas de pé, ao primeiro sol.

Nascera em Paquetá, onde se criou à larga com leite de jumenta, e onde residiu até a ocasião de perder o pai, um afamado e rico mestre de obras, português, antigo, econômico e ríspido, que, ao morrer lhe legou uma dúzia de prédios bem edificadas, alguns terrenos, que mais tarde valeriam muito, e o inestimável hábito de ganhar a vida.

Borges sucedeu ao pai no trabalho, fez-se construtor como ele, e, em poucos anos, tornou-se um dos proprietários mais ricos da Corte. Todavia, o muito dinheiro, se não conseguiu fazer dele um extravagante, muito menos logrou precipitá-lo no orgulho e na avareza — o coração do bom homem continuou tão franqueado às virtudes, quanto sua bolsa fechada às loucuras e às vaidades.

Além desses dotes, tinha uma saúde de ferro e dispunha de uma força física de tal ordem, que se tornou legendária entre as pessoas que o conheciam de perto.

Citavam anedotas a esse respeito: um dia, estando a administrar umas obras, escapara dos andaimes um dos pedreiros, e o Borges apanhou-o no ar, como quem apanha um chapéu de palha, outra vez, tratando-se de safar um pobre diabo, que ficara entalado entre uma andorinha e uma parede — o nosso Borges arranjou um ponto de apoio, meteu os ombros contra a andorinha, e esta

virou e caiu imediatamente para o lado oposto.

E como estes, muitos outros fatos, verdadeiros ou não, corriam de boca em boca, a respeito do possante mestre de obras.

Verdade é que bastava observar aquela carne transpirante e sadia, aqueles pulsos rijos e cabeludos, aquele peito largo, aquele pescoço nervoso e duro, para que a gente fizesse logo uma idéia justa do que seria capaz o Borges em matéria de força muscular.

Contudo, ninguém era menos amigo de questões. Nunca se metia em barulho; às vezes até, coitado, suportava em silêncio certos desaforos: mas também, quando lhe chegasse a mostarda ao nariz, o contendor podia entregar o seu ao boticário, porque o esborrachamento havia de ser memorável.

Devido a essa pujança excepcional, davam-lhe a alcunha significativa de João Touro.

João Touro era geralmente tido e havido pelo mais completo modelo de bondade e de bom senso. Ninguém lhe fosse pedir manifestações brilhantes de talento, concepções artísticas, descobertas científicas; ele, coitado! não era “homem de estudos” e nunca também lhe “puxaram muito pela memória”. Aos doze anos saíra da aula de primeiras letras para se meter logo no trabalho; mas tinha muito “bom pensar” e um tino admirável para os negócios. Seu único vício consistia no rapezinho Paulo Cordeiro — nada de charutos!! — nada de bebidas! — e grande aversão às mulheres que não fossem tão puras como ele.

Antes do casamento, ninguém lhe conheceu uma inclinação amorosa, uma fraqueza; e nunca ninguém lhe descobriu outra preocupação que não fosse a do seu trabalho e a do — “seu Urso”.

Urso vinha a ser um enorme cão de São Bernardo, que o acompanhava, havia muitos anos. Animal bonito, todo negro, e de uma aparência tão feroz, que lhe dava inteiro direito de usar do nome.

Todavia, o mestre de obras fora algumas vezes requestado pelas mulheres. Várias trintonas lhe lançaram a rede, mas ele sempre se desviara sorrindo e corando.

Entre essas, distinguia-se d. Chiquinha Perdigão, mulher de firma comercial, negociante, muito rica, com um bonito nome na praça — *Viúva Perdigão & Cia*,

O Borges, porém não queria outros negócios com ela, além dos de puro interesse pecuniário, e embalde o demônio da viúva empregava todos os meios para obrigá-lo a desistir de tal resolução.

Uma vez chegou a tomar-lhe as mãos, confessar que o amava, que só a ele podia fazer feliz; e o bom homem, sem ter uma resposta, pôs-se a suar, a suar até que fugiu, atônito e espavorido, como se levasse uma fera atrás de si.

Só a filha de d. Clementina, a flor das moças do Catete, a bela Filomena, teve o dom de acordar naquele coração encruado as fibras adormecidas do amor.

Ele próprio não atinara como “aquilo” se dera: um dia, a convite de Guterres, foi à casa de d. Clementina, viu a pequena, ouviu-a cantar ao piano um romance de Tosti, e desde esse momento não ficou mais senhor de si.

E o amor, o desejo, a paixão, rebentaram-lhe por dentro, como um monstro que se levanta, espedaçando a velha calma de quarenta anos.

Era a primeira vez que amava. O Borges, que até aí vivera para as suas propriedades e para os seus prédios em construção, desde que viu Filomena, desde que concebeu a idéia de possuí-la, nunca mais pôde compreender a existência sem a companhia dessa formosa criatura, por quem logo se sentiu capaz de todos os sacrifícios.

Lamentava, contudo não ser mais novo; não dispor de mais atrativos, para melhor merecê-la. Desejava ser mais fino, mais terno, mais civilizado; temia assustá-la com a sua medonha figura de touro. Receava o contraste formidável de sua grossa corpulência, de seu abdômen redondo e farto, de suas mãos curtas e vermelhas, de seus pés enormes, postos em confronto com aquele corpinho tão delicado, tão bem feito, com aquela pele tão branca, com aqueles pezinhos tão sutis.

Oh! aquele casamento realizava o melhor sonho de sua vida! Ele queria-a tanto!...

Os amigos ficaram pasmados quando tiveram notícia do fato:

— Quê?!... Pois o Borges, o João Touro, aquele *pax vobis* ia casar! e logo com quem?!..., com a filha de d. Clementina — a moça mais romântica e mais cheia de fumaças que havia no mundo!... Oh! — O João Touro com certeza não estava em seu juízo! — Ninguém lhe dizia que não casasse; mas, que diabo! fosse buscar uma mulher mais própria para isso e não uma cabecinha de vento, que só cuidava em patacoadas e maluquices!

O seu amigo mais íntimo e mais antigo, o Barroso, não se pôde conter, quando o Borges lhe falou nisso:

— Enlouqueceste, homem de Deus?! Não vês que vais fazer uma reverendíssima asneira?! Não vês que aquilo não é mulher que te convenha?! Não desconfias pedaço d'asno, que aquela sirigaita e mais a raposa da mãe estão a farejar-te os cobres?!... Não compreendes que elas te querem, porque tens para mais de quinhentos mil contos?! Ora vai deitar um cáustico na nuca?!

João Touro, porém, não estava em circunstâncias de pensar. Todo ele era pouco para a sua paixão e, depois de uma conversa agitada com o Barroso, concluiu, perdendo a paciência:

— Homem! queres saber de uma coisa?! Vocês podem rosnar como entenderem; o que lhes afianço é que só a própria d. Filomena seria capaz de me fazer desistir do casamento. Só ela! Entendes tu?! só ela!

— Bem filho! respondeu o Barroso com o gesto de quem solta alguma coisa das mãos. — Tua alma, tu palma! Assim o queres, assim o terás. — Ora essa! Na certeza de que — para mim — se levores a cabo a tua doidice — perdeste tudo!

— Pois que perca! É boa!

— E desde então não contes comigo para coisa alguma!

— Vai para o diabo! gritou-lhe Borges, enterrando o chapéu na cabeça, e saindo furioso.

Entretanto, a Filomena custou bastante resolver-se a dar o “sim”.

Muito sonhadora, muito saturada de romantismo, não se conformava com a idéia de se ligar a um burguês ratão como o Borges.

Tinha lá o seu ideal, seu tipo e, só com muito sacrifício, desistiria da esperança de encontrá-lo no mundo.

Sempre fora muito dessas coisas. Aos quinze anos perdia noites a ler novelas, várias vezes foi a mãe encontrá-la assentada no jardim, olhos no céu, a cismar, a cismar, perdida nos seus devaneios.

Era então franzina, muito descorada, e tinha grandes pupilas negras de um rebrilhar de tísica. Quase nunca expunha o colo, e seus vestidos, sempre afogados, cosidos à garganta por um estreito colarinho de rendas, davam-lhe o ar passivo e contrafeito de uma pensionista das irmãs de caridade.

Quando ria, o que era raro, mostrava dentes grandes, alinhados e extremamente claros. De perto, bem examinada, notava-se-lhe no canto dos olhos, estalando o pó de arroz, uma redezinha de pequenas rugas trêmulas, que se espalhavam pelas fronteiras, até à entrança dos cabelos. Em torno das sobranceiras, finas e delgadas, nas mucosas das pálpebras, das orelhas, do nariz e da boca — um tom arroxeadado de umidade serosa e doentia. As pestanas, muito escuras e ramalhudas, pareciam despregar e cair a cada movimento dos olhos.

Nas *soirées* fazia impressão vê-la assentada horas esquecidas a um canto da sala; muito direita no seu espartilho, o corpo teso, os longos e vagarosos braços cruzados sobre o ventre, os ombros empinados e contraídos, como por uma sensação de medo, trazia sempre o cabelo com singeleza; quando não era solto, apenas enrodilhado na nuca, acentuado o desenho puro de sua cabecinha redonda e deixando lóbrigar parte do pescoço, que já então principiava a ser belo na sua cor de camélia fanada.

Perdera o pai por essa idade, e sua mãe d. Clementina de Araújo, uma senhora magra e comida de desgosto, impacientava-se silenciosamente por ver casada “aquela filha que Deus lhe dera”.

Era essa toda a sua preocupação e também toda a sua esperança: — “Só um bom casamento as salvaria da triste situação em que se achavam”.

O chefe da casa — o defunto conselheiro — não fora homem previdente, e gastara-se quase todo em procurar luzir; os bens, que sobejaram da política, caíram na voragem do jogo e das confeitarias. Ainda assim durante a vida, nunca lhe perceberam sombra de dificuldades, nem houve jamais, quem melhor soubesse guardar as conveniências de sua posição social. Os chás do defunto conselheiro eram deliciosos.

Quando uma apoplexia veio chamá-lo para a cova, os amigos tiveram que se cotizar para o fim de lhe pagarem as dívidas, a viúva teve que trabalhar para manter decentemente a filha — essa pobre filha, que da existência apenas conhecia alguns noturnos ao piano e alguns romances traduzidos do francês; essa filha, que crescera à luz do gás, dançando desde os quatro anos, e arruinando o estômago com os mesmos doces que a ruíram a fortuna do pai.

Trabalhar! Trabalhar seria o menos; esconder a precisão do trabalho é que era mais difícil! Felizmente o prédio em que moravam pertencia à orfã, e o imperador, que fora amigo do defunto — amigo e compadre — havia de ajudá-la.

Assim foi: Sua Majestade não negou o seu augusto auxílio à comadre, e esta, por sua vez, tratou de alugar o prédio e refugiar-se com a filha em uma casa mais em conta.

— Não seria, porém, metida entre quatro paredes, que a menina arranjará um bom casamento! — Era preciso aparecer! — Mas os bailes, os teatros, os

passeios, custavam tanto! — As modistas e os armarinhos “pediam os olhos da cara por qualquer trapo mais no tom!”

Todavia, não desertaram da boa sociedade.

Mas quanto sacrifício! Quanta luta! Quanto heroísmo ignorado! Que de lágrimas não havia escondidas naqueles vestidos enfeitados pela quarta vez! Quanta amargura naqueles penteados, naquelas capas, naqueles chapéus! Quanto sofrimento, quanta resignação naqueles leques, naqueles sapatinhos e naqueles sorrisos de amabilidade?

Às vezes tinham ambas que passar pior de boca, para não faltarem ao baile do sr. conde de tal ou à *soirée* do sr. barão de tal e tal. Uma verdadeira campanha! Um verdadeiro martírio, principalmente para a rapariga, que, em constante revolta com a realidade, estava sempre a sonhar coisas extraordinárias e regalias de alto preço.

A longa peregrinação pelas salas e pelas ruas dera-lhes um grande tato, uma grande experiência. Conheciam a gente à primeira vista. Mãe e filha entravam já familiarmente pelas almas dos indivíduos e iam devassando o que lá estava por dentro, como se bisbilhotassem uma gaveta franqueada.

Para a velha, então, não havia coração, por mais fechado, que se não traísse. Embalde procuravam outros, em idênticas circunstâncias, dissimular a falta de certos recursos; embalde se endomingavam caixeiros pobres, literatos necessitados, doutores sem meios de vida, procurando iludir, aparentar grandezas: — era bastante que d. Clementina corresse por qualquer deles uma olhadela de alto a baixo, para ficar sabendo quanto o sujeito pesava ao certo — quanto ganhava, quanto possuía, que lugar, enfim, devia ocupar na bitola de sua consideração.

Porque, é preciso notar, a viúva do conselheiro tinha já uma bitola para aferir os pretendentes da filha. Essa bitola marcava desde o marido “ótimo” até ao marido “péssimo”. Quando a velha se referia a algum deles dizia secamente “regular” ou “bom”, “sofrível para bom”, etc. E essas simples palavras, ditas à socapa, determinavam as maneiras que Filomena devia usar para com o tal sujeito, se este se apresentasse.

O fato é que muita gente a cortejava. d. Clementina de vez em quando abria a casa aos seus amigos.

Que talento desenvolvido nesses modestos chás de família! Nada deixava perceber o mecanismo posto em ação para que não viesse a faltar coisa alguma no melhor da festa. Havia sempre piano, canto, recitativos, e às vezes dança, muita dança.

Mas tudo isso era por conta, peso e medida. Não se gastava um fósforo que não estivesse inventariado. Acabada a festa, procedia-se a um balanço minucioso; guardava-se com todo o cuidado o que pudesse servir para outra vez, e, antes de se deitarem, as duas senhoras arrumavam tudo, escovavam as roupas, acondicionavam as botinas, os leques e as jóias falsas.

Filomena lançava-se depois aos travesseiros, devorada por um estranho desgosto da vida, por uma vaga necessidade de horizontes largos, um desejar pungente de coisas imprevistas e grandes, uma sede indefinida de empresas arriscadas e situações transcendentais, que sua louca imaginação mal podia delinear.

E chorava muito, aflitivamente, sem saber porque. No outro dia eram suspiros e mais suspiros, queixas, tristezas, e um fastio e um tédio de causarem dó.

A mãe caía-lhe em cima, a ralhar, a aconselhar. Filomena que se deixasse de bobagens, que os tempos não davam para isso! E dizia -lhe tintim por tintim o que lhe convinha praticar, como devia proceder. Ensinava-lhe os segredinhos de agradar a todos, de prender, de “prometer sem dar, de negar, sem desistir”.

— Agüenta-te, minha filha! Agüenta-te como vais, e um belo dia, quando menos o esperares, cai-te do céu um noivo “dos bons”, que nos indenizará de todos estes sacrifícios.

O belo dia chegou com efeito, e o Borges caiu.

— Hein? que te dizia eu?... perguntou a velha, abraçando-se à filha, com as lágrimas nos olhos. — Chegou ou não chegou a tua vez?

Filomena abaixou o rosto e fez um gesto de descontentamento.

— Ora, deixa-te dessas coisas, minha filha! observou a mãe, apanhando no ar a intenção daquele desgosto. Quem dera a muitas a tua fortuna!

A outra soltou um grande suspiro.

— Que mais querias tu, então?!... volveu d. Clementina, entre meiga e repreensiva. — Quem sabe se preferias por aí algum bonifrates, que nos viesse atrapalhar ainda mais o capítulo?...

A filha emplumou-se com altivez, franziu o nariz, e estalou um muxoxo desdenhoso.

— Então?! prosseguiu a viúva do conselheiro.

— O Borges não é de certo nenhum Adonis; mas é um maridão, que vale quanto pesa!

E engrossando a voz, respeitosamente:

— Muito benquistado, muito bem relacionado... não é nenhum pé de boi... tem sua educaçãozinha... e, olha, filha, que aquilo tudo é sólido!

— Ora, faça-me o favor!..., disse a rapariga, impacientando-se — sólido será, mas não me venha dizer que o Borges tem educação!... É um bruto! É mesmo um “João Touro”!

— Não é tanto assim, menina!

— E o que fez ele outro dia aqui em casa?! Aquilo é de quem tem educação?! Um homem que come com a faca! Ora, minha mãe!...

— De acordo, de acordo, mas tu também deves fechar os olhos a umas certas coisas, oh!... Os bons maridos fazem-se, preparam-se — os diamantes não se encontram já lapidados! E, então aquele, coitado! Que a gente o leva para onde quer... Ali, é teres um pouco de paciência e o porás a teu jeito!

— Não acredito que daquele lorpa se possa fazer alguma coisa! retrucou a menina com desdém.

— Parece-te agora, verás depois que é justamente o contrário!... Em questões de casamento, minha filha, as aparências quase sempre enganam muito! Em geral os maridos que nos parecem mais fáceis de tragar, são justamente os mais amargos: ao passo que os outros, os tipos, os “Borges”, esses são os bons, os doces! Cá por mim, nunca aconselharia mulher alguma a unir-se a um homem, que julgasse o seu espírito superior ao dela. Nada! Para haver perfeito equilíbrio num casal, é sempre indispensável que o marido conheça

alguma superioridade na mulher: seja essa superioridade de fortuna, de inteligência, de educação ou mesmo de força física. Desgraçada da tola que não pense sobre isso antes do casamento — não será uma esposa, será uma escrava!

E d. Clementina, depois de dar uma pequena volta na sala terminou, batendo com ternura no ombro da filha: — Não te queixes da sorte, ingrata! O que no Borges agora se te afigura defeitos, são justamente qualidades muito aproveitáveis! Não avalias o tesouro que ali está! Digo-te com experiência! E, se duvidas, deixa correr o tempo, e dir-me-ás depois!

Filomena não se decidiu logo; porém, daí a poucos dias, a morte inesperada da mãe obrigou-a a tomar uma deliberação. Seis meses depois, voltava ela de uma igreja, casada com o Borges.

Seguiram logo para Botafogo, onde iam morar, segundo exigira a noiva. João Touro não poupou esforços para festejar o seu casamento, e, como sujeito considerado, que era, conseguiu reunir uma sociedade bem escolhida. Só o Barroso não quis comparecer:

— Tinha lá a sua opinião sobre o fato e não havia quem o demovesse daí.

Os convivas, não obstante, estavam todos de acordo em que o Borges não poderia encontrar mulher mais formosa e mais simpática.

Filomena, com efeito, apesar dos dissabores, já não lembrava aquela rapariga seca e descorada de outros tempos. Toda ela se carneara: a pele, atufada pela gordura, estendeu-se numa transparência macia e provocadora: o colo abriu-se em deliciosas curvas; a garganta enformou-se completamente; os braços encheram-se; os quadris ampliaram-se; a voz acentuou-se, e os olhos amorteceram com os cruentos mistérios da puberdade.

— E que ar de inocência! Comentavam em voz baixa, a contemplá-la no seu rico vestido de chamalote branco — que candura!...

— Não! dizia o Borges, que estava perto. — Não! nisso não tenho que invejar ninguém! — fui feliz!...

E esfregando as mãos:

— Fui muito feliz! A respeito de gênio, não há outra: dócil, meiga, modesta, incapaz de uma exigência, de uma recriminação! Nunca lhe vi o narizinho torcido, nunca lhe ouvi uma palavra mais áspera, um arremesso, uma impertinência! Sempre aquele mesmo sorriso de bondade, aquele mesmo arzinho de santa! É um anjo! É uma pomba de doçura a minha filoca! a minha rica filoquinha!

E o Borges, sem poder conter os ímpetos da felicidade, andava de um lado para outro, a contar os segundos, dando repetidas palmadinhas na barriga.

A casa tinha dois andares. Estava combinado que, à meia-noite, os noivos fugiriam para o de cima, enquanto no primeiro a festa continuaria, até entrar pela madrugada. Mas os ponteiros do relógio se reuniram nas doze horas, o Borges, impaciente, aproximou-se da esposa e, com a voz trêmula, o olhar suplicante e o hálito em brasa, disse-lhe ao ouvido:

— Podemos fugir... são horas... não acha?!

Ela ergueu os olhos e sorriu; depois levantou-se, deu-lhe o braço, e ambos desapareceram pelos fundos da sala de jantar. A madrinha já estava à espera da noiva, para a cerimônia do despojamento das roupas.

Mas o Borges, quando atravessava a sala contígua à alcova nupcial, ficou muito surpreso com a mudança brusca, que acabava de se operar na desposada. O tal arzinho de santa fora substituído por uma expressão dura de má vontade. E a surpresa de João Touro aumentou ainda na ocasião em que, tentando segurar Filomena pela cintura para dar-lhe o primeiro beijo, ouviu-lhe dizer com um repêlo enérgico: — Deixe-se disso, homem!

E ainda aumentou quando, depois que a madrinha a deixou só no quarto, ele — o noivo — querendo também recolher-se, levou com a porta no nariz, e ouviu ranger um ferrolho que a fechava por dentro.

— Ora esta! resmungou o Borges, sem saber que fizesse.

E bateu, a princípio devagarinho, depois mais forte, mais forte ainda. Só resolveu abandonar o posto, quando Filomena lhe gritou da cama:

— Com efeito! O senhor não tenciona acabar com isso?! Vá dormir, e deixe-se de imprudências! Se espera que eu lhe abra a porta, perde o seu tempo. Boa-noite!

— Bonito! disse o pobre noivo, cruzando os braços.

II

O FERROLHO

O Borges passou toda a noite na tal saleta contígua à alcova da mulher, estirado num divã, a ouvir o coaxar insuportável de um velho relógio suspenso na parede, justamente sobre sua cabeça.

Que noite, coitado! Que terrível situação para um pobre homem que, durante os seus calmos quarenta anos, nunca passou uma noite fora de sua cama, nunca dormiu menos de sete horas, deitando-se invariavelmente às onze e acordando às seis.

Ele! Ele, que nunca entrara numa pândega, passar uma noite inteira enfronhado em calças pretas, camisa bordada e gravata branca!

E o pior é que o infeliz, no cego empenho de parecer agradável aquela noite à esposa, metera-se num banho de perfumes, e sentia por todo o corpo, atabafado na roupa preta, uma comichão desenfreada.

Pobre noivo! Quanto não sofreste essa noite!

O Borges, mesmo no tempo de rapaz fora o protótipo da ordem, do arranjo e do método. Gostou sempre das coisas no seu lugar — o almoço às tantas, o jantar às tantas, o seu chá com torradas antes de dormir — e nada de se afastar desse regime.

Não podia compreender como houvesse no mundo quem, por gosto, perdesse as horas sagradas do sono, vergado sobre uma banca de jogo, a beber numa taverna, ou a fumar em companhia de mulheres.

Santo homem! Uma simples palavra mais decotada era bastante para fazer refluir-lhe às faces o mais pronto e legítimo rubor. Por isso alguns amigos lhe faziam troça, às vezes; mas, no fundo, todos o respeitavam, todos o amavam. Sabiam já que daquela boca cor de rosa, de dentes imaculados, daquela boca

sem vícios, não sairiam a calúnia ou a intriga. Tinham certeza que daquele coração, virgem de paixões, não poderiam brotar o ódio, a inveja e a perversidade.

Conheciam, por longa experiência, a sinceridade daqueles olhos doces e compassivos, que muita vez se umedeceram com as desgraças alheias, e que, aos domingos, nos espetáculos da tarde, iam chorar três horas ao S. Pedro de Alcântara, defronte de um dramalhão de D'Ennery.

Pobre homem! Foi preciso que te casasses para passares mal a tua primeira noite! Tu! que vias no casamento “a última expressão da paz e da estabilidade” tu! que procuravas no matrimônio “o sossego completo, a dignidade do teu lar e o cumprimento de teus deveres de homem com a sociedade e para com a natureza”! Oh! como não te devias sentir indignado!

Não estava, porém, no seu gênio o revoltar-se.

— Não gostava de contendas — não queria estrear por uma desavença a sua vida de casado.

Além disso, amava-a tanto!..., adorava-a de tal forma, que se sentia perfeitamente incapaz de reagir.

— Não fez aquilo com má intenção!..., pensou ele. — Foi talvez por pudor, coitada! ou, quem sabe? talvez tivesse medo desta minha figura!

— É isso! com certeza não foi outra coisa!... concluiu de si para si, a coçar-se, quando a aurora já lhe invadia a sala pelos vidros da janela.

E foi nas pontas dos pés acordar um criado.

— Arranja-me um banho morno quanto antes! gritou — e vê se descobres por aí alguma roupa, aquilo lá por cima está ainda tudo fechado! Olha! vê também se me dás café e algumas bolachinhas; estou a cair de fraqueza! O criado, tonto de sono, porque o baile havia acabado pouco antes, ergueu-se a roncar, resmungando, muito intrigado por ver o amo já tão cedo às voltas com ele e, o que era mais ainda com a roupa da véspera e a dar ordens com uma tal impertinência que não parecia o mesmo.

Já vai! Já vai! respondeu, ouvindo novas reclamações do Borges. E pôs-se em movimento, a parafusar no que diabo teria sucedido ao amo, para andar tão cedo à procura de banhos mornos, de roupas e cafés com bolachinhas! — Aquilo foi grande espalhafato lá por cima! resolveu ele, tratando de executar as ordens. Ora, queira Deus que este casamento ainda não lhe venha a dar na cabeça!... Eu nunca achei grande coisa a tal senhora d. Filomena! Pode ser que me engane... mas aquela boneca de engonços há de dar água pela barba do patrão!

Daí a pouco o Borges, já restaurado, metido numa fatiota de brim branco, a barbinha feita, o seu farto cabelo bem penteado, lia o *Jornal do Comércio*, no salão do segundo andar, à espera de que a mulher se levantasse.

Quando Filomena, às dez horas da manhã, saiu do quarto para o salão, encontrou-o repimpado na cadeira de balanço, dormindo de papo para o ar, a boca aberta, a barriga espipando por dentro do colete e do rodapé de brim, os braços soltos, e numa das mãos o jornal.

Schocking! exclamou ela, arrevesando um olhar de nojo.

O marido bocejou, despertado por aquela exclamação. E, ao dar com a mulher, endireitou-se atrapalhadamente, contendo os bocejos, as carnes a tremerem-lhe e os olhos sumidos na rápida congestão do estremunhamento.

Ela vinha formosa a mais não ser. O sono completo dera-lhe às feições a olímpica serenidade das Vênus antigas. Trazia a rastros um longo penteador de linho bordado; o cabelo preso ao alto da cabeça, como dantes, mas agora enriquecido, à moda japonesa, por um gancho encastado de pedras preciosas. Em volta do mármore sem brilho de seu pescoço, reluziam pérolas e toda ela respirava um cheiro bom de saúde e de asseio.

— Como passou? disse, aproximando-se do marido e estendendo-lhe a mão.

Borges adiantou-se cerimoniosamente para cumprimentá-la. Um acanhamento espesso tolheu-o dos pés à cabeça. Quis responder e apenas gaguejou algumas palavras sem sentido. Naquele instante lhe passava pela idéia o receio de que a mulher desconfiasse do ressentimento, que porventura nele tivesse produzido o fato da véspera. — Como chegara a imaginar, pensou num relance — que aquela mulher, tão delicada e tão ativa, consentisse em recebê-lo ao seu lado, na sua cama, logo na primeira noite do casamento! — Onde tinha ele a cabeça para esperar semelhante coisa?!

Filomena, como se adivinhasse o pensamento do marido, expediu-lhe generosamente um sorriso de indulgência e disse-lhe, devagar, enfiando o seu braço no dele:

— O senhor seria muito amável se quisesse fazer-me companhia ao almoço...

É vendo um gesto de surpresa no Borges. — Isto significa que desejo almoçar aqui, no segundo andar, sozinha com o senhor, sem a presença de estranhos, nem mesmo a dos criados — um verdadeiro *tête-à-tête*... não acha boa a idéia?

— Oh!... se acho!... Eu não ousava ambicionar tanto!... Sim, quero dizer..., eu...

— Pois então tenha a bondade de dar as providências para isso. Quanto às nossas visitas de hoje — só me pilharão ao jantar.

E no fim de uma pausa, tocando-lhe no ombro:

— Então! Vá!! Mexa-se!

O Borges, encolheu a cabeça e precipitou-se de carreira para o primeiro andar.

Só se tornaram a ver à mesa do almoço.

— É bom que esteja tudo à mão para não termos de chamar pelos criados, observou ela, acomodando-se na sua cadeira, defronte uma pilha de ostras cruas.

E desdobrando o guardanapo sobre o peito:

— É uma providência dispormos deste segundo andar; fica-se aqui perfeitamente à vontade. É tão desagradável mostrar-se a gente a visitas logo pela manhã, depois de um casamento!

O Borges sorriu. — É desagradável... é! disse ele corando levemente.

— É brutal! emendou Filomena, passando o copo de vidro verde, para que o marido lhe servisse o *sauterne* que tinha ao lado.

E depois de beber:

— Não compreendo como ainda se conservam na sociedade moderna certos costumes verdadeiramente bárbaros. As cerimônias do casamento estão nesse caso. Nada há mais grotesco, mais ridículo, do que essa espécie de festim

pagão em que se celebra o sacrifício de uma virgem. Horroriza-me, faz-me nojo, toda essa formalidade que usamos no casamento — a exposição do leito nupcial, os clássicos conselhos da madrinha, o ato formalista de despir a noiva, e, no dia seguinte, os comentários, as costumadas pilhérias dos parentes e dos amigos... Oh! é indecente! Mas agora reparo; o senhor não come!...

De fato, enquanto Filomena falava, o marido era todo olhos sobre ela, não se fartava de contemplar aquele adorável busto que tinha defronte de si. Causavam-lhe estranhos arrepios o modo desembaraçado, a graça natural, com que a mulher prendia uma ostra na pontinha dos dedos cor de rosa para levá-la à boca, numa riqueza de braços arremangados, onde tilintavam dois *porte-bonheurs* de metal branco.

— Ao menos beba! replicou ela, vendo que o Borges não se resolvia a comer.

E encheu-lhe o copo.

O pobre homem teve acanhamento de confessar que nunca em toda a sua vida, bebera o mais pequeno trago de vinho.

— Então... fez a mulher. — Vamos! E tocando o seu copo no dele: — Ao nosso casamento!

Borges emborcou o seu de um fôlego com uma careta.

Filomena não se pôde conter, e soltou uma dessas risadas retumbantes, que chegam para encher toda uma casa. Aquele ar esquerdo do mestre de obras, engasgado, roxo de tosse, fazia-lhe cócegas pelo corpo inteiro. E ela ria, ria, ria, sem se dominar, cobrindo o rosto com as mãos, torcendo-se como uma cobra, enquanto o Borges, muito enfiado, procurava posições na cadeira, ardendo por sair daquela situação que o torturava.

— Coma sempre alguma coisa! disse-lhe por fim a esposa, fazendo inúteis esforços para reprimir a hilaridade — olhe que não é cedo!... uma hora, creio eu.

— Obrigado! Não tenho apetite... respondeu ele, cada vez mais confuso, a limpar o suor que já lhe sobrevinha ao rosto.

Ela continuava a rir.

— Há de ser porque passei mal a noite... acrescentou o Borges. Não preguei olho!... Isto para quem nunca saiu de seus hábitos...

— Mas, meu amigo, acudiu Filomena, sollicitamente, tornando-se séria — para que faz o senhor loucuras dessa ordem? Isso pode causar-lhe mal! Lembre-se de que já não tem vinte anos, e a sua saúde, na sua idade, é coisa muito preciosa!

O Borges desta vez perdeu de todo o bom humor. Ou fosse por efeito do vinho, que ele bebia pela primeira vez, ou fosse que as palavras da mulher o irritassem deveras, o caso é que fechou o rosto e respondeu quase com azedume:

— Eu não perdi a noite pelo gostinho de a passar em claro! Não foi minha a culpa!..

— De quem foi, nesse caso?..., indagou Filomena, já com o riso a espiar pelos cantos da boca.

— Ora, minha senhora!...

— Quer dizer que foi minha?!

— A senhora bem o sabe...

— Perdão, meu amigo, convém que nos entendamos! O senhor terá

bastante bom senso para compreender o que lhe digo: ouça..

— Tenho até para mais... aparteou o Borges, encavacado. — Tenho para compreender o papel ridículo que a senhora quer me fazer representar!...

— Ridículo? Por quê?!

— Por quê?! Porque eu não tinha a menor necessidade de passar a noite no sofá e ainda por cima servir de galhofa! Ora aí tem porque!

— Mas que queria o senhor que eu lhe fizesse?!... .

— Ora, minha senhora! Por amor de Deus!

Pois acha que devo ter plena confiança em um homem que mal conheço?! Um homem que eu não sei se me ama, ou que, pelo menos ainda não me deu provas disso?!...

— Não dei provas!!! exclamou Borges ofendendo-se. — Não dei provas!... Homessa!..., Quer então uma prova superior ao casamento... Então o fato de me fazer seu esposo, não vale nada?!

— Vale tanto como o de fazer-me eu sua esposa. Foi uma permuta, uma troca. E por ora é só o que há — estamos quites — nem o senhor por enquanto tem direitos adquiridos, nem eu!! Salvo se entende que o noivo vale muito mais que a noiva!...

— Eu não entendo nada! respondeu ele, triste; — sei apenas que me casei com a senhora porque a estimo muito...

E abaixando a voz, ainda com mais amargura:

— A senhora, sim! é que nunca me teve afeição, e princípio a duvidar que isso venha a suceder algum dia...

— Depende unicamente do senhor, meu amigo!..., retrucou Filomena.

Agora parecia comovida. Estava muito séria; o olhar ferrado no prato.

Houve um silêncio. Ela, afinal, continuou a falar, imóvel, sem descrevar os olhos donde estavam, e a bater compassos na mesa com a faca.

— O coração de uma mulher nas minhas condições, disse, medindo as palavras e recitando, como se tivesse os períodos decorados — não é coisa que se conquiste assim com um simples casamento: não haveria nada melhor! O senhor, se quer ter a minha confiança plena, a minha dedicação, a minha ternura, faça por merecê-las... Não será de certo com esses modos e com essa cara fechada, que conseguirá abrir-me o coração! Eu, até, se soubesse que o senhor havia de se portar desta forma, não o teria convidado para almoçar em minha companhia... O senhor fala de farto!... Em vez de agradecer à sua boa estrela a bela ocasião que lhe faculto para principiar a conquistar-me, põe-se nesse estado e parece disposto a incompatibilizar-se comigo por uma vez!

Borges ouviu tudo isso, vergado na cadeira, sem um movimento, os olhos corridos, o rosto anuviado por uma funda expressão de mágoa resignada. Quando a mulher terminou, ele estendeu-lhe um olhar de súplica e tentou agarrar-lhe as pontas dos dedos.

Filomena retirou a mão com um movimento rápido, e voltou-se para o outro lado, dando as costas ao marido. Este arrastou-se com a cadeira para junto da esposa, e, em segredo, a voz medrosa e submissa, perguntou-lhe o que então queria que lhe fizesse?...

— Tudo! respondeu Filomena na mesma posição, a sacudir uma perna, que havia dobrado sobre a outra.

— Mas tudo, como?... perguntou Borges, tentando acarinhá-la.

Ela ergueu-se, demovendo o corpo, e acrescentou, encarando-o:

— Ouça! — Por ora, meu amigo, pertencço-lhe de direito, porque nos casamos, e isso tornava-se inevitável na situação em que o senhor me achou; mas declaro-lhe abertamente que só lhe pertencerei de fato no dia em que o senhor tiver conquistado o meu amor à custa de dedicação e de perseverança! Só lhe pertencerei de fato no dia em que o senhor se houver cabalmente habilitado para isso! Compreende agora?...

O marido deixou cair a cabeça e ficou a pensar, enquanto a mulher atravessava o gabinete, depois a saleta, e fora assentar-se no divã do salão. No fim de cinco minutos, Borges levantou-se resolutamente e foi ter com ela:

— De sorte que a senhora tenciona continuar com a porta do seu quarto fechada, até que eu...

— A porta e o coração, acudiu Filomena — até que o senhor os consiga abrir com os seus desvelos!

— Quer então que lhe faça a corte?...

— Decerto.

— Pois tomo a liberdade de declarar a V. Ex^a que foi justamente por não ter jeito para essas coisas que me casei! Se eu tivesse gênio para atirar-me aos pés de uma mulher e fazer-lhe a minha declaração com palavreados de romance, se eu tivesse queda para falante, não procuraria uma esposa, bastava-me ter uma...

Filomena não lhe deu tempo de concluir a frase. Ergueu-se num só movimento, e, depois de medi-lo de alto a baixo com um olhar de rainha ofendida, afastou-se lentamente em silêncio, os passos firmes, a cabeça altiva.

Borges correu logo atrás dela e segurou-lhe uma das mãos.

— Solte-me! exclamou Filomena, arrecadando o braço.

E fugiu para a saleta, atirou-se sobre o divã em que o marido passara a noite, e aí rompeu a soluçar com um frenesi histórico.

Borges ajoelhou-se-lhe aos pés e cobriu-lhe as mãos de beijos e de lágrimas.

— Não leves a mal aquilo, minha santa! Desculpa, exclamou ele, escondendo o rosto no colo da esposa. — Reconheço que não fui muito delicado — excedi-me, mas não sei onde tenho a cabeça — não estou em mim! É que me pões doido com tuas palavras! Oh! mas não fiques zangada, não chores; tudo aquilo prova justamente o bem que eu te quero, minha vida, minha mulherzinha do coração!

Filomena não respondia e continuava a chorar, toda prostrada no divã: a cabeça vergada para trás, o rosto encoberto por um lenço de rendas, que ela segurava em uma das mãos, ao passo que abandonava a outra aos beijos apaixonados do marido. Agora os soluços eram espaçados e mais secos, como os últimos rumores de uma tempestade que acalma.

De repente ergueu-se. Fitou por instantes o marido, que jazia a seus pés ajoelhado, a encará-la lacrimoso e súplice; depois estendeu os braços, deu-lhe um empurrão e fugiu para o seu quarto, fechando-se logo por dentro, violentamente.

O Borges ficou meio assentado e meio deitado no chão, amparando-se às mãos e aos pés.

— E esta — balbuciou ele daí a pouco, erguendo-se de mau humor. — É gira ou não é gira?...

E pôs-se a percorrer todo o pavimento, rondando o quarto fechado da mulher, como um gato que fareja o guarda-petiscos... No fim de uma hora de exercício, indo e revindo incessantemente, de lá para cá, as mãos nas algibeiras das calças, o olhar cravado na esteirinha do soalho, Borges estacou no meio do salão:

— É demais! pensou ele. — É para um homem perder a cabeça!

E atirou-se prostrado à cadeira de balanço, passando uma revista mental a todas as contrariedades e decepções que o afligiam desde a véspera.

— Ora aí estava para que se tinha casado!... Passar por tudo aquilo... Ele! Ele, que em sua longa vida de solteiro nunca amargara uma noite tão má e um dia tão levado da breca! — Quem te mandou, João Borges, meter-te em camisas de onze varas?... Maldito fosse o Guterres, que o levou à casa da defunta Clementina! Antes tivessem ambos quebrado as pernas nessa ocasião! Maldito Guterres!

E, acabrunhado por esses raciocínios, sentindo perfeitamente que não tinha forças para arrancar de si a paixão enorme que lhe inspirava a esposa, levantou-se de novo, foi e veio por todo o segundo andar, suspirando e tossindo todas as vezes que passava defronte da porta de Filomena. Afinal, no fim de outra hora de passeio, convencido de que a mulher não aparecia, desceu ao primeiro pavimento.

Os amigos já lá estavam para o jantar. Guterres foi o primeiro que correu ao seu encontro, abrindo-lhe os braços.

E, discretamente, enquanto o estreitava:

— Você está abatido, seu maganão!

Borges sorriu, protestando vagamente:

— Uma enxaqueca!... Uma pequena enxaqueca!...

— E sua senhora?..., perguntou um dos amigos.

— Vem já, vem já... Ela, também, coitadinha!..., não passou lá para que digamos!...

— Outra enxaqueca?...

— Naturalmente! Considerou um terceiro a rir.

— Ah! estes noivos! estes noivos!... voltou o Guterres a bater no ombro do Borges. — Não precisa fazer-se vermelho, que diabo! Já sei o que isso é, meu amigo, já passei duas vezes por esses transes!...

O Borges teve um novo sorriso, ainda mais amarelo que o primeiro, e foi continuando a receber os parabéns dos outros convidados, cujas pilhérias, cujas pequenas frases de sentido dúbio e malicioso, ditas aliás com a intenção de lisonjeá-lo, mais e mais o indispunham e frenesiavam.

III

COMEÇAM AS PROVAÇÕES

O jantar correu melhor do que se podia esperar; Filomena mostrou-se muito

amável às suas visitas e, sem se dar mais a uma do que a outra, sempre risonha, afável e cheia de espírito, dividindo-se por todas elas a um só tempo, mostrou quanto era profunda na complicada ciência de agradar em casa, na mesma ocasião, muita gente reunida.

Fez-se música; houve canto e conversou-se a valer.

Ao retirarem-se às dez e meia, iam todos penhorados pela dona da casa e plenamente convencidos de que não havia no mundo inteiro um marido mais feliz do que João Touro.

O que, entretanto, não obstou que o pobre homem três dias depois caísse numa melancolia taciturna e pesada, que lhe tirava o gosto para tudo, até para o trabalho. Emagrecia a olho visto, e com as suas gorduras fugiam-lhe as belas cores do rosto e escapava-lhe dos lábios aquele calmo sorriso de felicidade, seu bom companheiro de tantos anos.

É que a portinha do quarto da esposa continuava fechada por dentro.

— Aquilo não era mulher para o Borges! murmuravam os maldizentes, ao vê-lo tão puxado e abatido.

— Olhe que ela o tem derreado! considerava outro.

E a verdade é que o infeliz estava apaixonado e apaixonado deveras. Para fazer as pazes (restritas, bem entendido) com a mulher, depois do primeiro arrufo do almoço, teve que lançar mão de todos os recursos da humildade e da súplica.

— Procure ser-me agradável! aconselhou Filomena, e o senhor obterá de mim tudo quanto quiser!...

— Mas em que lhe posso ser agradável, minha querida... A senhora bem vê que faço para isso tudo que está nas minhas mãos!...

— Talvez assim lhe pareça, mas juro-lhe que o não é! Por exemplo — por que razão não se resolve desde já o meu caro esposo a abandonar esse hábito insuportável de rapé... hábito, que, só por si, é quanto basta para o incompatibilizar comigo?

Borges corou e prometeu nunca mais tomar rapé:

— Não fosse essa a razão!...

— Aí tem já o senhor por onde principiar: — Eu tanto abomino o vil e baixo rapé, quanto gosto do aristocrático perfume do charuto. Experimente fumar um! Eu mesma posso encarregar-me de prepará-lo. Já vê que não sou tão má — até lhe aponto os meios, que o seu coração devia ser o único a descobrir para conquistar o meu.

E, depois de fazer vir uma caixa dos melhores charutos que se encontraram, tomou um, trincou-lhe fraciosamente a ponta, e disse, passando-o ao marido:

— Vamos lá! Sente-se aqui ao pé de mim... Muito bem.

E, riscando um fósforo: — Principiemos!

Borges hesitava.

— É que eu nunca fumei, filhinha... objetava ele timidamente.

— Oh! que grande sacrifício! E encheu a boca com a frase — “Nunca fumou!” E os outros?..., os que fumam?..., acenderam o primeiro charuto só depois de habituados a fumar?!...

— Isto pode fazer-me mal...

— Pois então não fume! Ora essa! respondeu ela, erguendo-se já amuada.

Quando para fumar é isto, quanto mais...

— Vem cá, menina, vem cá! Oh! Tu também te esquentas por qualquer coisa! Eu não disse que não fumava!...

— Pois então vamos lá! tornou a formosa mulher com uma pontinha da faceirice.

— Acenda...

— Tu és os meus pecados!... disse o Borges obedecendo.

— Acenda direito..., recomendou Filomena, fazendo-se amável. — Não chupe com tanta força! Assim... assim! Veja como vai bem agora!

E o Borges fumava afinal, interrompendo-se a cada momento para tossir sufocado, sem dar vencimento à saliva que lhe acudia.

— É horrroso! afirmava ele alguns minutos depois, segurando o charuto com ambas as mãos. — Faz-me vir água aos olhos!

— É delicioso! contestava a mulher ao lado, derreada para trás, aspirando voluptuosamente o fumo que o marido expelia da boca.

Borges, quando se levantou, sentia tonturas, vontade de vomitar e suores frios.

— Continue, continue, que em breve se habituará! disse-lhe a mulher, enquanto ele se afastava para o quarto muito pálido, cheio de calafrios, agarrando-se às cadeiras.

E desde então Filomena não consentiu que o marido se aproximasse dela, sem vir fumando.

— E promete que me deixa depois dar-lhe um beijinho na face?..., perguntou ele na ocasião de submeter-se ao sacrifício do segundo charuto.

Prometo que lhe consentirei beijar-me a testa — a testa! — no dia em que fumar o último charuto da caixa.

Filomena cumpriu a promessa; o Borges, depois de fumar cem charutos, beijou pela primeira vez a fronte da esposa.

Ela, porém, tornava-se mais exigente de dia para dia. O marido teve que pôr abaixo a sua barbinha à portuguesa e deixar crescer o bigode; teve que abandonar as suas queridas calças de brim mineiro, de que tanto gostava, teve que suportar cosméticos e brilhantinas, contra os quais protestava o seu delicado olfato de homem puro. O que, porém, mais lhe custou, o que atingia as proporções de um verdadeiro sacrifício, foi ter de submeter-se a “usar pastinhas”. Ele! o Borges! de pastinhas! — Que não diriam os seus velhos e respeitáveis amigos do comércio?!... Que não suporia o Barroso?!...

Mas enfim... usou.

— Ah! o amor! o amor! gemia ele, quando no seu quarto entregava a cabeça aos ferros quentes do cabeleireiro.

— Deus me dê paciência!

A dois passos, o criado observava-o em silêncio, com um ar de compaixão.

— A que bonito estado o reduziu aquela mulherzinha dos demônios.

Quando eu digo as coisas!...

E de uma feita, vendo os esforços que o amo fazia por disfarçar o abdômen com um espartilho, ficou tão indignado, que saiu do quarto, para não cometer alguma imprudência. Embaixo foi desabafar a sua indignação com o copeiro e o cozinheiro.

— Eu é que já não estou disposto, disse este, a suportar as impertinências da patroa! Tenho servido em casas muito mais ricas do que esta, e nunca sofri o que me fazem aqui. Todo o dia são reclamações e mais reclamações. Não há meio de agradar! Se faço assim, é mau; se não faço, é pior! E nada presta! e “tudo é uma porcaria”! Hoje é com a sopa, amanhã com o assado! Vá para o diabo um tal sistema!

— Além disso, acudiu o copeiro — não há horas certas para a comida! Uma vez querem o almoço às sete da manhã e já no dia seguinte só o reclamam às duas da tarde. O jantar, tanto pode ser às quatro, como às seis, como às oito e até como às onze da noite! E eu que me amole! Não! Assim também não se atura!

— E comigo então?! perguntou a criada, que se havia metido já na conversa — comigo é que são elas! — Falte água no jarro, falte qualquer coisa, não corra eu ao primeiro chamado, para ver como fica a bicha! Outro dia, porque quebrei o braço de uma pestezinha de figura que ela tem sobre a cômoda, deu-me um tal pescoção que me fez cair de encontro à quina da secretária! Ainda estou com este quadril todo roxo! Bruta!

O jardineiro, que também se achegara do grupo, contou que, não havia uma semana, a senhora varrera com um pontapé os vasos da escada do jardim, só porque uma das begônias parecia mal tratada. — É uma mulherzinha de gênio!...

— E agora vão ver! tornou a criada. — Para ralhar e atirar com as coisas na gente, é isto que se sabe; entretanto, a casa pode cair aos pedaços que ela não se incomoda. Se o patrão que é aquele mesmo, não der as providências ninguém as dará!

— Não! Que ela tem pancada na bola, não resta dúvida!

E os comentários da criadagem foram-se desenvolvendo de tal forma, que chegaram aos ouvidos de Filomena.

— Tudo na rua! Já! disse esta, sem se alterar.

— Não quero semelhante súcia nem mais um instante em casa! acrescentou ao marido. — Despede-os, e anuncia, quanto antes, que precisamos de nova gente! Preferem-se estrangeiros!

O Borges tratou de executar as ordens da mulher.

— Então o senhor põe-me fora?... perguntou-lhe o criado, quando recebeu a intimação para sair.

— É verdade, Manuel, sustentou o Borges — tem paciência, mas não há outro remédio... Reconheço que és um bom rapaz, mas não podes continuar ao meu serviço. Vai-te e acredita que não é por meu gosto.

— Mas por que sou despedido? Há seis anos que estou ao serviço de vossemecê, e creio que até agora ainda não dei motivos para ser posto na rua como um cachorro.

— Tens razão! tens razão, mas, já te disse, filho! Não há outro remédio!...

— É que é duro ficar a gente assim desempregado de um momento para o outro, quando aliás...

— Eu recomendar-te-ei aos meus amigos. Não ficarás desamparado. E se te vires em algum aperto, procura-me...

— É duro! insistia Manuel. — É muito duro! Ah! mas vossemecê me

despede por que lhe foram encher os ouvidos a meu respeito!

— Homem, rapaz, é melhor que te vás logo e não me estejas a causticar a paciência. Só te despeço é porque assim o entendo, sebo!

— Qual o quê! vossemecê despede-me a mandado da patroa!

— Ó seu mariola! gritou o amo. — Ponha-se já na rua!

— Isto é uma casa de S. Gonçalo... principiou ainda o criado, quando o Borges, perdendo de todo a paciência, saltou sobre ele, e tê-lo-ia rachado com um pontapé, se o respondão não tratasse de ganhar a porta da rua.

— Atrevido! rosnou o Borges. — Insolente! Faltar-me ao respeito! A mim!

No dia seguinte principiou a escolha do novo pessoal. O Borges, já bastante importunado com ter de suportar comida de hotel, viu-se tonto no meio da chusma de cozinheiros, copeiros, jardineiros, serventes de ambos os sexos e de todas as nacionalidades, que choviam de Sul e Norte, entre uma algazarra infernal.

A coisa durou dias. Filomena vacilava na escolha; — queria gente especial, fora do comum e pronta a cumprir estritamente os seus caprichos, sem tugir nem mugir; ainda que com isso custasse muito mais cara.

Para a cozinha preferia um chim; para o serviço da copa um inglês, um *groom* legítimo, e para sua criada grave alguma coisa de francesa ou russa ou espanhola, uma cria da, enfim, que não fosse de cor, nem tivesse a menor sombra de portuguesa.

— Oh! os portugueses eram incompatíveis com a sua fantasia!

Mas não encontrou gente nessas condições, e, enquanto esperava por ela, resignou-se a tomar para seu serviço uma Cecília, tão brasileira como um Roberto, que foi substituir o Manuel e também como o novo jardineiro, e como o novo copeiro, e como o novo cozinheiro. — Uma lástima! — todos brasileiros!

— Está agora mais satisfeitinha com seu marido?!... perguntou-lhe o Borges meigamente.

— Sim, respondeu ela, deixando-o beijar-lhe a mão. Vais muito bem. Continua, continua dessa forma, que um dia, talvez..., consigas captar-me a estima.

— Ora!... balbuciou o mestre de obras, já meio desanimado. — É só “continua” continua!” e as coisas é que vão continuando na mesma!...

E o bom homem, no desespero de merecer as graças da esposa, transformava-se pouco a pouco.

O Guterres, indo visitá-lo, três meses depois do casamento, soltou um grito de estupefação e abriu grandes olhos espantados:

— Que! Pois é o João Borges?!... que metamorfose, meu Deus! que mudança!

E contemplando-o de alto a baixo. — Sim senhor! sim senhor! — Está moço e bonito! Onde foi você, seu maganão, arranjar esses bigodes tão pretos e tão petulantes?!

— É que aquela barba por debaixo do queixo principiava a incomodar-me... respondeu o marido de Filomena, abaixando os olhos e enrubescendo.

— Mas agora reparo! tornou o outro, — fraque à inglesa! colarinho da moda! *prastron!* meias de cor! polainas! sapatos de verniz! flor à gola! —

Bravo! seu João! Bravo! Não há como uma mulherzinha bonita para fazer desses milagres!

E vendo o amigo acender um charuto. — Também fuma?!... Ó senhores! estou maravilhado!

— É... gaguejou o janota à força; — o rapé ultimamente, não me fazia bem... Dou-me muito melhor com o charuto!...

— E digam mal do casamento!..., considerou o Guterres. — Queria que se mirassem neste espelho!

E em resposta a um gesto de impaciência do Borges:

— Não, meu amigo, isto tenha paciência! Em três vidas que você vivesse não me pagaria o serviço que lhe prestei, levando-o à casa da defunta d. Clementina!

— Sim, sim..., respondeu o outro, cortando a conversa. — Mas que ordena afinal, o meu amigo?

O Guterres, mudando logo de aspecto, disse então o motivo de sua visita; — se o outro lhe pudesse adiantar ainda uns duzentos mil réis seria um grande favor...

O Borges coçou a cabeça. — Era o diabo!... As coisas não iam lá muito bem... O casamento trouxera despesas consideráveis!... agora o negócio ficava mais fino; tinha de pensar no futuro!... os filhos não tardariam por aí...

— Bom, senhor! Retorquiu o Guterres, transformando-se de novo. — Bom! Eu também não exijo sacrifícios!...

E deixando escapar aos poucos como o vapor comprimido de uma caldeira, a raiva que se lhe desenvolvia por dentro.

— Desculpe! Desculpe! — Pensei que você fosse o mesmo homem!... ou que pelo menos o fosse para mim... a quem... digo então!... devia trazer nas palminhas, se... se soubesse ser mais reconhecido!

— Ora, vá plantar batatas! exclamou o Borges, contendo a custo o que tinha para dizer a respeito dos tais favores do Guterres.

— Não esteja aí a dizer barbaridades!

— Você nega então que só a mim deve estar casado?

— Homem! não me amole, homem de Deus! Se, para o ver pelas costas, tenho de dar duzentos mil réis — aqui estão! mas, por quem é, deixe-me em paz!

— Ingrato!

— Aí os tem, leve-os e não se incomode em voltar cá para restitui-los! Vá, vá com Deus!

— Sim! disse o Guterres com ênfase, tomando o chapéu e a bengala — sim! levo comigo o vil dinheiro, porque desgraçadamente não tenho outro remédio; mas também sabendo que, de sua parte, é uma covardia aproveitar o aperto em que me acho, para injuriar-me desse modo!

— Fomente-se! respondeu o Borges, dando-lhe as costas.

O outro, desde aí, não o poupou mais. Logo no dia seguinte, em uma roda onde se falava do mestre de obras teve ocasião de lhe meter as botas. — Além de um grande pedaço d'asno, é um impostor! bradou ele. Pensa, lá por ter os seus mil réis, que é superior a todo o mundo! Um tolo!

E apontou as tolices do Borges, as transformações que sofrera o basbaque depois do casamento. Mas quase todos lançaram esses comentários à conta da

inveja, e o mando da encantadora Filomena ia, cada vez mais, ganhando a reputação de um homem completamente feliz.

Entretanto, as exigências daquela multiplicavam-se, e o Borges continuava a submeter-se, estribado sempre na grata esperança de possuí-la um dia.

Vieram as festas, os bailes; Filomena principiou a luzir nas salas, a ofuscar. Sua beleza, sua vivacidade espiritual e romanesca, postas agora em relevo pelos mil réis do marido, tomaram proporções dominadoras. Era sempre a rainha dos lugares onde se achava; a mais querida, a mais falada, a mais desejada.

Todos viam no Borges um cúmulo de fortunas — Os homens invejavam-no, mas nenhum deles se podia gabar de ir um ponto além de sua inveja. Filomena a todos prendia igualmente na mesma rede de atrações, sem dar a nenhum direito de avançar, nem ânimo de fugir. Se o sorriso prometia — o olhar negava; e se de seus olhos escapava porventura uma dessas faulas satânicas, que acendem no coração mil esperanças a um tempo — era uma frase, enérgica e pronta, que vinha destruir de chofre a indiscreta promessa dos olhos.

E o Borges, apesar de marido, não estava ileso dessas condições; feliz aos olhos de todos, ia arrastando ele o seu desgosto, sem poder confessar a pessoa alguma os tormentos que o devoravam. Esta circunstância ainda o fazia sofrer mais.

— És um felizardo! Repetiam-lhe a todo o instante. E essa maldita frase produzia-lhe o efeito de um ferro em brasa. Evitava já ficar a sós, nas janelas ou nos cantos da sala, com os amigos mais chegados, para não ouvir a constante glorificação daquela felicidade, que só existia na imaginação deles.

— Para você é que é esta vida!..., diziam-lhe.

— Meu caro, quem nasce sob uma boa estrela, não tem que se apoquentar com a sorte!

E o Borges sacudia os ombros, sorrindo contrafeito. Mas a sua tristeza aumentava; o seu vigor decrescia, e todo ele ia parecendo vítima de uma grande enfermidade.

— Você precisa ter um pouco de cuidado, segredou-lhe uma vez o médico.
— Olhe que o mundo não se acaba, meu amigo! Isso pode prejudicar mesmo a sua senhora, que, em todo o caso, é uma mulher e tem a constituição mais delicada! Não convém abusar! Não convém abusar!

— E isto é dito a mim! a mim! exclamava o Borges, a bater no peito, chorando, logo que se achava só. Mas não desanimava, certo de que os sacrifícios dedicados à cruel deusa de seus sonhos teriam, mais cedo ou mais tarde, uma recompensa.

— Oh! só de pensar em tal, o coração saltava-me por dentro.

Não obstante, as exigências continuavam a surgir, e ele continuava a render-se, cada vez mais submisso e mais vencido.

Agora já lhe não custava a suportar os bailes de cerimônia, e recebia duas vezes por mês. Aquele homem, que dantes, ao bater das onze, se recolhia invariavelmente aos seus travesseiros, passava agora todas as noites em uma roda viva de etiquetas, a cortejar para a direita e para a esquerda, a rir, a lisonjear, a fazer-se fino. Suas reuniões tornavam-se famosas pela suntuosidade, profusão bem escolhida dos vinhos, excelência dos bufetes, boa música e esplêndida variedade de convivas de ambos os sexos.

— Não há dúvida! É um felizardo! insistiam os amigos!

— Que mulher possui o ladrão! — Formosa, distinta, elegante, inteligente e, além de tudo, honesta! Parece que só vive para o marido! Definitivamente não há outro mais feliz!...

Só o mísero esposo não pensava dessa forma. Agora os caprichos da mulher impunham-lhe uma provação terrível para ele, e a pior de todas que até aí cometera; Filomena exigiu que o desgraçado aprendesse a valsar.

Valsar o Borges! O Borges! o homem mais incompatível com a dança!

Foi preciso arranjar um professor discreto, que lhe desse as lições em casa, às ocultas, todos os dias, das três às cinco da tarde.

Que luta, santo Deus! Que longas horas de tormento! Que heroísmo para não desanimar no meio da empresa!

Foi uma campanha formidável! Seus vastos e pesados pés não se queriam sujeitar àquela violência implacável dos passos e dos saltinhos; seus nodosos tornozelos, grossos como troncos de árvore, protestavam energicamente contra os inquisitoriais ritornelos das valsas puladas. Recalcitravam-se os joanetes, revoltavam-se os calos; tremia o soalho; vinham abaixo as bugigangas que estavam sobre os consolos da sala; o Borges suave, afogueava-se e não conseguia passar das primeiras figuras.

Mas Filomena estava ali para lhe dar coragem — como nos cavalheirescos torneios da Idade-Média. A imagem dela ‘animava-o, como a presença de um grande prêmio ambicionado. Só valsando conseguiria transpor o limiar daquele paraíso. Pois bem! Valsaria, custasse o que custasse!

— Oh! ela adorava a dança! Não podia sofrer um homem que não soubesse valsar. A dança foi sempre uma de suas paixões mais fortes; em pequena chegou a imitar vários passos difíceis que vira no teatro. Sabia o solo inglês, a gaivota, o minuete, a cachucha e muitos outros,

O Borges, no fim de cinco meses de estudo acérrimo, conseguia dançar, não só a valsa, como a polca; a mazurca, o *schottisch*, e as quadrilhas francesas. Filomena então exigiu que ele, enquanto descansava da última campanha, se entregasse à leitura escolhida de certos poetas e romancistas. Apresentou-lhe os livros e marcou as lições que o marido havia de decorar.

— Quero que tenhas de memória um bom repertório de versos, para mos recitares nas ocasiões de aborrecimento. A prosa todos os dias fatiga muito!

O Borges obedeceu, como de costume, e daí a pouco tempo atroava nas salas a sua voz de baixo profundo, recitando os trechos mais declamatórios de Marília, de Gonzaga.

Um amigo, que ia visitá-lo, não se animou a tocar a campainha, intimidado por aquela gritaria, e desgalgou a escada, benzendo-se. A criada bispou-o e foi logo contar o fato à senhora.

— Pois de hoje em diante quero a porta da rua fechada, enquanto durar a declamação, ordenou Filomena; e, a partir desse momento, fechavam-se sempre ao meio-dia e caíam no recitativo.

Filomena, que tinha muitos versos de memória, lembrou-se de dialogar com o marido as poesias mais próprias para isso. Depois veio-lhe a idéia de recorrer às tragédias de Gonçalves Dias e fazer a coisa mais ao vivo, tomando cada um o traço e o característico que exigia o papel.

— Queres saber de uma coisa?!... disse ela afinal. O verdadeiro é arranjarmos um teatro.

O Borges levou as mãos à cabeça.

— Um teatro! Pois eu tenho de representar?...

— E que há nisso de extraordinário?... Na Europa o teatro em família é um divertimento da melhor sociedade. Convidam-se algumas pessoas para nos ajudar — o Barradinhas, por exemplo, serve, que tem muito jeito. Vê-se também o Chico Serra, Gonçalves, o Moraes; chama-se a viúva Perdigão...

— A viúva Perdigão?!... perguntou o marido, sentindo um arrepio.

— Sim! há de dar uma excelente dama central. É muito desembaraçada e tem graça. Enfim, não faltará quem nos ajude. O teatro pode ser na chácara; estende-se mais aquele pavilhão que lá está e rouba-se um pouco do jardim para a platéia.

O Borges ainda tentou algumas objeções; mas no dia seguinte vieram os trabalhadores, e as obras principiaram.

IV

VEREMOS QUEM VENCE

Foi esse um tempo magnífico para a Filomena; vivia muito entretida com a construção de seu teatrinho. Era ela própria quem dirigia as obras; quem arranjava os desenhos decorativos da sala e do frontispício; quem administrava e conduzia os trabalhos do cenógrafo.

Quinze dias depois, estava em ensaios a primeira peça. A casa tomou um caráter boêmio de *atelier*; encheu-se de amadores dramáticos, de músicos. Havia certo movimento, certa agitação alegre, feita de conversas em voz alta, de risadas, de afinações de instrumentos. Viam-se carpinteiros, de cachimbo ao canto da boca, trabalhando e cantarolando em mangas de camisa; panos enormes, estendidos no chão, cobertos de tinta; costureiras, aderecistas, operários de todos os gêneros, a entrar e a sair numa atividade ruidosa.

O Borges andava muito atrapalhado com tudo aquilo, e principalmente com o seu

papel.

— Ora que diabo me havia agora de cair na cabeça!...dizia ele consigo. Eu nunca tive queda para ator. Esta só a mim sucede!

Mas a peça ficou ensaiada; expediram-se os convites, e no dia do espetáculo o teatrinho de Filomena encheu-se de amigos.

O Barradinhas era o melhor dos curiosos, e fazia de galã. Devia ir muito bem; tinha enorme talento para a cena; “uma figura de arrebatador”! Bonito, cabelos crespos e uma voz que nem um tenor italiano”! Filomena representava a sua amante; ele caía-lhe aos pés, várias vezes, e dizia-lhe longas frases retoricamente apaixonadas.

O Borges é que não ficava muito satisfeito com a história. — Ele, para que o havia de negar?... não morria de amores por aquele gênero de divertimento!...

E cuidava muito mais em vigiar o galã do que em estudar o seu papel. Pode ser que se enganasse... mas ia jurar que aquele pelintra não tinha por ali muito boas intenções!... Ah! ele sabia perfeitamente que a mulher não era das mais fáceis... (Oh! se sabia!) não estava, porém, em suas mãos afastar os olhos de cima do tal galã! Era lá uma cisma!...

— Também! Pobrezinho dele se me cai na arara de tentar alguma! jurava o mestre de obras. Racho-o de meio a meio!

E rachava. Mas o bonito curioso, bem a contra-gosto, não tinha achado ainda uma boa ocasião para dizer em particular a Filomena o que lhe repetia todos os dias, ajoelhado a seus pés, defronte do marido. Por várias vezes estivera até “vai não vai”, chegara a supor que a coisa se decidia; mas o diabo do Borges apresentava-se de repente, e... lá se ia a ocasião.

— Por ela, coitada! estou garantido! Considerava o Barradinhas, pensando nos olhares prometedores de Filomena. Está caidinha! Assim dispusesse eu de um momento!... Não queria mais que um momento!... Dizer-lhe uma palavra; entregar-lhe uma carta; fazer-lhe um sinal — bastava!

Mas o demônio do marido nem isso permitia!

A peste não fazia outra coisa senão vigiar a mulher! — Cacete!

Chegou o dia do espetáculo, sem que o Barradinhas tivesse oportunidade de ouvir dos lábios de Filomena aquilo que havia tanto tempo diziam os olhos indiscretos da formosa criatura.

— É para maçar! pensava ele indignado. É para fazer um homem perder a paciência! Sei que sou amado por uma mulher que adoro; caio-lhe aos pés, tomo-lhe as mãos, bebo-lhe nos olhos a confissão de sua ternura, e, a despeito de tudo isso, não consigo estar com ela um só instante; porque essa mulher tem um marido impossível, um marido único, um marido que não a larga, um marido que não vai cuidar de seus negócios, um marido-calamidade! Diabo leve quem inventou semelhante homem!

E o lindo curioso dramático, quando fazia esses raciocínios, ficava colérico, furioso, a passear no lugar em que estivesse, com as mãos nos bolsos, o coração oprimido como por uma injustiça.

— Oh! ela será minha! Isso juro eu! Para que serve então ter talento e ser moço e bonito?...

Às oito horas da noite estava o teatrinho completamente cheio; a orquestra havia já tocado a sua sinfonia, e esperava o sinal para lançar a música com que tinha de principiar a peça. Corria nos espectadores um sussurro de impaciência. Filomena, nervosa, trêmula, esperava atrás de um bastidor que o pano subisse, para mostrar-se ao público, esplêndida na sua roupa de caráter, com o seu papel na ponta da língua. O contra-regra corria de um para outro lado, perguntando se todos estavam prontos e declarando que ia principiar o espetáculo. “Fora de cena! Fora de cena!” O ponto correu a esconder-se no seu buraco. E, na confusão que se fazia na caixa, cada um tratou de tomar o seu lugar. Mas ninguém sabia dar notícias do Borges.

— Ora, onde, diabo, se foi meter este homem?!... perguntou o contra-regra aflito.

Por esse tempo, o Barradinhas, que vira Filomena pela primeira vez sem o marido, meio oculta no vão sombrio de um bastidor, concebeu logo a idéia de aproveitar a ocasião; deu uma volta pelo fundo da caixa, e, surgindo misteriosamente por detrás dela, ia a segurar-lhe a cintura e ferrar-lhe um beijo, quando a bela mulher vira-se de súbito, recua dois passos e solta em cheio no lindo rosto do galã a mais sonora bofetada.

O regente, supondo ser aquela palmada o sinal que ele esperava, rompeu a orquestra, o pano ergueu-se logo, e os espectadores viram o seguinte:

Filomena, sem poder conter as gargalhadas, torcia-se num divã; e Barradinhas, vestido de calção e meia, procurava uma saída, perseguido pelo Borges que, em mangas de camisa e botas de montar, numa cabeleira a escapar-lhe pelo pescoço, cercava-o por toda a parte, a dardejar bengaladas. No meio do palco uma das amadoras escabujava com um ataque de nervos, entre o grupo assustado dos curiosos, que iam e vinham, num fluxo e refluxo de encontrões promovidos pelo Borges.

O público defronte daquela cena tão agitada e tão ao vivo, tomou a resolução de aplaudir; enquanto o dono da casa, repetindo as bengaladas, bramava possesso:

— Pensavas que eu não te via, grande velhaco? Não sabias que trago há

muito a pulga atrás da orelha, grande maroto?!

O Borges, com efeito, não perdera de vista o galã, na ocasião em que se vestia no camarim, farejou-lhe os planos e tanto bastou para ir, munido de bengala, esconder-se sorratamente perto da mulher, por detrás de uma empanada, sem mais pensar no drama, e surdo completamente aos reclamos do contra-regra.

Entretanto, o Barradinhas, vendo que não conseguia fugir pelos fundos do teatro, arremessa-se sobre a orquestra, salta por cima dos rabequistas, enfia pela platéia e ganha a chácara, e afinal a rua, onde se lançou de carreira, na frente do populacho, que a sua estranha roupa de veludo chamava e atraía.

É inútil acrescentar que este fato cortou pela raiz a idéia das representações, e induziu o Borges a fazer um bom conceito da mulher. Esta circunstância em parte o consolou de seus duros infortúnios; mas... desgraçado! uma nova provação já o esperava.

Filomena descobriu que o Urso lhe fazia mal aos nervos, e declarou positivamente não estar disposta a sofrer em casa semelhante bicho.

— Porém, que mal te fez o pobre cão?... perguntou o Borges, sobressaltado com a idéia de separar-se daquele fiel amigo de tanto tempo.

— Ora! respondeu ela. É um animal feio! feio, e está sempre a pregar-me sustos! Ainda não há dois dias, achava-me eu descuidada na sala de jantar, quando o maldito surge-me pelas costas. Não imaginas que susto apanhei! Demais, só gosto dos cães em certas e muitas determinadas circunstâncias: — como acessório pitoresco de uma paisagem, não são maus; na qualidade de guia de cego, ao longo da rua, num dia chuvoso, também não desgosto; ou então dentro de casa num gabinete de trabalho — um cãozinho felpudo, asseado, muito gordinho, um *kingcharles* esquecido sobre as cadeiras — tem sua graça. Mas o Urso não está em nenhum desses casos, é um cão detestável, feio, sem pitoresco, sem razão de ser, sem pés nem cabeça de cão; parece um monstro, é grande demais, é bruto, não se lhe vêem os olhos, não vai bem em parte alguma; tão mal fica sobre o tapete da sala, como sobre a grama da chácara. Além disso, enche-me a casa de pulgas e tem uma morrinha insuportável! Se soubesses como ficas repulsivo depois de brincar alguns instantes com ele!...

Esta última consideração resolveu o Borges separar-se do querido Urso. Mandá-lo-ia para a casa de um amigo, morador do Engenho Novo, visto que na ocasião não dispunha em Paquetá de alguém que se pudesse encarregar disso.

Foi com os olhos cheios d'água que o bom homem viu no dia seguinte partir o seu fiel companheiro.

— Vai! disse consigo. Vai, meu pobre Urso! Não contavas naturalmente que eu te enxotasse de casa, como se enxotam os Guterres e Barradinhas.

— Tu! que sempre foste bom e verdadeiro!

— Pobre animal! pobre animal! dizia o Borges, fechando-se no quarto. Como tudo se vai transformando em minha vida! Já não possuo os meus dois melhores amigos, os únicos que me restavam — o Barroso e o Urso!

E chorava. O Barroso fora o seu companheiro de infância, em Paquetá. Principiaram a vida trabalhando no mesmo serviço e às ordens do mesmo patrão, pois que o Barroso era nesse tempo caixeiro do pai de Borges; antes do casamento, nunca tinham tido a mais ligeira rusga — foram sempre unha com

carne, unidos — inseparáveis; mas depois... esfriaram, nunca mais se deram, e por conseguinte só restava o outro — o Urso, o fiel, o sempre o mesmo, o único que lhe não fazia recriminações...

E agora era este que se ia também... talvez para sempre!

Oh! quantas vezes não passaram juntos, horas esquecidas, como dois iguais!... Com que prazer o Borges, ao voltar do trabalho, não recebia no ombro as patas do companheiro e não lhe corria a mão pelo enorme lombo felpudo?...

Ah! Mas ele sem que Filomena o soubesse, havia de ir visitá-lo, pelo menos duas vezes em cada mês.

E desde então, efetivamente, o Borges, quando lhe apertavam as saudades do Urso, metia-se no trem e lá ia passar com ele alguns instantes. Que idílios nessas curtas visitas clandestinas! Que festas não trocavam entre si os dois amigos!

O animal parecia compreender aquela afeição do Borges, porque, mal o via apontar ao longe, disparava a correr para ele, grunhindo, a sacudir a cauda, a fazer-lhe negaças, a cercá-lo, a pular, a morder-lhe os calcanhares, num alvoroço de prazer. Mas um belo dia em que o mestre de obras foi visitá-lo, disseram-lhe que o dono da casa havia na véspera fugido aos credores, e ninguém sabia dar notícias dele, e muito menos do Urso.

O Borges voltou muito triste, e assim se conservou durante o resto do dia. A mulher veio a saber a causa dessas mágoas, e, para o consolar, tomou-lhe a cabeça, entre as mãos, e deu-lhe um beijo em plena boca; mas fugiu logo, deixando o marido na doce esperança de ver terminar ali as suas provações e com elas o longo suplício de Tântalo, que o devorava.

Assim não sucedeu.

Nem só o trinco permanecia corrido, como a paixão de Filomena pelas festas e pelos requintes de luxo exacerbava-se de um modo assustador. Agora, não se passava um dia, uma hora, que lhe não acudissem novos meios de gastar “carradas de mil réis”. Ela quis carruagens, parelhas de raça, lacaios gordos à moda parisiense, *grooms* de cara raspada, que servissem o chá de gravata branca e casaca; quis as esquisitices do gosto, os *sévres*, as sedas de Macau, os móveis caprichosos e as jóias empobrecedoras para quem as dá.

O Borges principiava a temer uma ruína. Ele era rico..., mas, afinal, que diabo! não tinha à sua disposição as Índias inglesas! Daquele modo onde iriam parar?... Verdade é que ultimamente, instigado pela mulher, que desejou sentir as comoções comerciais, arriscara na Bolsa grandes quantias que lhe trouxeram lucros consideráveis.

— Mas a fortuna também cansa! refletia o capitalista. E se me desanda a roda, posso dar com os burros n’água.

Por esse tempo exercitava-se ele no bilhar. Já sabia tomar grogues, dizer mal dos cantadores do lírico, e perder dinheiro nas corridas do Prado.

— Contudo, ainda te falta uma coisa, observou-lhe a mulher uma vez em que ele queria fazer valer os seus progressos.

— Ainda! Qual?

— Um título.

— Mas para que um título?

— Não posso compreender um homem sem qualquer distinção. Um título

serve para disfarçar a nulidade do nome. Creio que não terás a pretensão de imaginar que possues um nome!

— Como assim?! Pois eu não...

— Teu nome não existe; não tens uma individualidade, não tens por onde te possas distinguir dos outros! Se se disser o — João Borges — é como se se dissesse — o José da Silva; ninguém sabe quem é, ninguém conhece!

— Mas, filha, cada um é conhecido na sua roda. Eu sou conhecido na praça!...

— Que praça!...

— A praça do comércio.

— Ora! fez a mulher com desdém — isso não é ser conhecido; ainda se fosse na praça pública, vá!

O Borges fez um gesto severo.

— Se tivesses talento, acrescentou a mulher, lançar-te-ias na literatura, ou na política, ou no teatro, ou na guerra de qualquer país. Mas nem é bom pensar nisso! Tuas ambições limitam-se a uma patente da guarda-nacional, a uma faixa de subdelegado ou à presidência de alguma irmandade religiosa; coisinhas que eu abomino, como a expressão mais chata e mais ridícula da estupidez burguesa!

— Mas, filha, nem eu sou subdelegado, nem nunca prestei serviço à guarda-nacional; e, desde que torceste o nariz às irmandades, nunca mais aceitei cargos, tanto da ordem de Nossa Senhora da Candelária, como do Sacramento e da de S. Francisco!

— Grande fúria! exclamou a mulher. O que sei é que não tens um título, e é preciso que o tenhas!

— Isso é o que menos custa! disse o Borges. Serei comendador, arranjurei a comenda da Rosa!

— Comendador! Estás doido! Isso não é um título! Eu só aceito de barão para cima. Comendador! Comendador todo o mundo o é! Ora, comendador! Com efeito!

— E se eu arranjar um baronato? Heim?! Se eu o arranjar, prometes ser mais condescendente?...

Filomena respondeu passando-lhe os braços em volta do pescoço, e dando-lhe um beijo na face.

— Pois juro-te que serás baronesa ou coisa que o valha. Hoje tudo isso se obtém com muita facilidade do governo português...

— Mais receio a demora! voltou Filomena. Ardo de impaciência por ser alguma coisa — baronesa! condessa! viscondessa! oh! como é bonito! como é poético. “A sra. condessa quer se dar ao incômodo de entrar?... A sra. baronesa já se retira?... Oh! É excelente! É encantador! Lamento apenas não me ter lembrado disto há mais tempo; a estas horas podíamos estar já no gozo do título! Receio a demora!

— Não; talvez não demore muito, sra. viscondessa! disse o marido galhofeiramente, tomando as mãos da mulher.

— E se fôssemos a Portugal tratar disso?... Lembrou ela. Ainda não fizemos uma viagem!..

— Pois vamos lá a Portugal! disse o Borges. E ficou resolvido que partiriam, logo que estivessem dadas as providências necessárias para a compra

do título.

Durante o resto desse dia, Filomena mostrou-se muito chegada ao marido. À noite, às costumadas visitas, não se cansaram de falar na próxima viagem. Borges estava radiante, a mulher nunca o tratara tão carinhosamente. Os amigos chegavam a estranhá-lo. Abriram-se garrafas de um *Tokai* magnífico, que o futuro titular recebia diretamente da Hungria, e o mestre de obras bebeu entusiasmado à sua felicidade.

— É agora! dizia consigo esfregando as mãos. É agora que se decide o negócio!

Mas o ferrolho ainda não se abriu dessa vez.

— Pois veremos quem vence, exclamou ele, atirando-se furioso na sua cama de solteiro. Ou eu conseguirei, quanto antes, entrar naquele quarto, ou leva tudo o diabo nesta casa! Arre! Nem sei até o que me parece semelhante coisa!

Não pôde dormir o pouco que lhe restava da madrugada, e, mal surgiam no horizonte os primeiros raios do dia, já o Borges estava de pé.

— Cecília! gritou ele, vendo passar a criada por defronte da porta do seu quarto. Espere aí, que tenho o que lhe dizer.

A criada fez um gesto de surpresa, vendo o marido de sua ama tão sobressaltado.

— Você é uma boa rapariga! principiou ele. É fiel, bem procedida e diligente!...

Cecília olhou-o espantada.

— Eu sempre tive boas intenções a seu respeito, continuou o Borges. Minha mulher está satisfeitíssima com o seu serviço!

— São bondades... balbuciou a rapariga, abaixando os olhos.

— Não! A verdade diz -se!... Sou-lhe grato, sou! Para que negar?..., E fique sabendo que hei de ajudá-la no seu casamento!...

A fisionomia da criada iluminou-se, e sem dizer palavra, ela pôs-se a torcer e destorcer o seu avental de algodão.

— Sei das suas intenções com o Roberto, e estimo que se casem. Pode contar com o enxoval!

Cecília quis beijar-lhe a mão.

— Não tem que agradecer. Olhe! guarde isto para comprar um vestido novo.

E o Borges meteu-lhe nos dedos uma nota de vinte cruzeiros.

— Oh! meu rico amo! Exclamou ela, com os olhos úmidos de comoção — como vossemecê é bom! Eu e mais o Roberto havemos de lhe agradecer por toda a vida!

— Bem, bem! disse o Borges, mas preciso que você me preste um serviço, um pequeno serviço...

Cecília adiantou-se mais, cheia de solicitude.

— É quase nada!

E abaixando a voz, depois de olhar cautelosamente para os lados:

— Desejo penetrar hoje no quarto de minha mulher.

A criada recuou estupefata. Agora o seu rico amo lhe parecia simplesmente doido. Que diabo queria dizer aquilo?!...

O Borges compreendeu o espanto da rapariga e disfarçou:

— Sim, sim! Não era uma simples questão de lá ir. . . Isso seria o menos!
Puf!

— Então? animou-se a perguntar Cecília.

— Mas é que eu queria entrar sem que minha mulher contasse comigo, percebe?... A criada fez-se vermelha.

— Vossemecê então desconfia de minha ama?! Que aleive, meu Deus! Uma injustiça assim! Desconfiar de uma senhora que é mesmo um anjo! Uma senhora que...

— Não! Não é isso, filha! Quem lhe falou aqui em desconfianças?! Ninguém desconfia de sua ama. Está a tomar o pão à unha! — ninguém conhece melhor minha mulher do que eu!

— Ah! respirou a criada, credo! até me deu uma coisa na boca do estômago!

— Está claro que sua ama, nesse sentido, é o beijinho das esposas! Não tenho que me queixar, graças a Deus! Mas eu queria lá ir, sem que ela me esperasse; percebe? É uma fantasia como outra qualquer!... Vossemecê nem tem que se comprometer com isso... Ela, no fim de contas, é minha mulher, que diabo!

— Meu amo quer que eu lhe arranje a chave do quarto?...

— Qual! Isso não adianta nada! Ela tem um ferrolho, fechadinho por dentro.

— É exato, é! disse a criada, lembrando-se de já ter visto o tal ferrolho.

— Pois aí é que bate o ponto! Trata-se de arranjar os modos de abri-lo por dentro, sem que ela o saiba, compreende?

A criada ficou a pensar. Mas para que exigia o amo semelhante coisa?... A senhora podia ficar maçada e voltar-se contra ela!...

— Não tenha receio! disse o Borges. Eu respondo por tudo! Valha-me Deus! não é nenhum crime querer um homem entrar no quarto da sua mulher!...

— Vossemecê então promete?...

— Que a não deixo ficar mal? Ora! nem tem que saber!...

— Não é isso... digo: ajudar-me no meu...

— No seu casamento?... Pode ir descansada, contanto que arranje o que lhe disse.

Ficou assentado que Cecília nessa noite se esconderia no quarto da senhora, e, quando esta já estivesse dormindo, abriria cautelosamente o tal ferrolho, que ela, por cautela, untaria previamente com azeite. E se a criada guardasse bem o segredo de tudo isso, nem só teria o seu enxoval prometido, como ainda havia de chimparr um par de brincos à moda.

— Mas veja lá agora se vai dar com a língua nos dentes!

Foram as últimas palavras do Borges.

A criada saiu dali para ir ter com o Roberto.

— Esta noite não te posso aparecer senão mais tarde, disse-lhe ao vê-lo. Tenho que ficar no quarto da senhora.

— Há alguma novidade?

— Não! É cá uma coisa. É cá um negócio com o patrão! — E ria-se. — Eu não te posso dizer mais nada!...

— Olé! Então é coisa de segredo?...

— Estou a dizer que é, homem!
 — Segredo! Você tem segredos com o patrão?!
 — Mau, que me tomas o pássaro no ar! Eu nada tenho com o patrão! Tenho é de ficar no quarto da senhora!

Roberto mordeu a ponta do bigode:

— Tu premeditas alguma, raio de uma peste! Já! desembucha pr'aí, se não queres que eu te faça falar por outro modo!

— Mas é, que eu não te posso dizer nada! Só o que te afianço, é que as coisas vão mudar de figura! Não tens mais razão de demorar o nosso casamento; o amo cai com o enxoval e ainda com uma ajuda de custas! Hein? Que te parece?

— Parece que tudo isso me cheira a patifaria! Donde saiu agora essa bondade do patrão?!

E vendo que a criada não respondia:

— Não tencionas desembuchar, criatura?!

— É que se dou com a língua nos dentes, vai tudo por água a baixo!

— Ora, deixa-te de tolices e conta lá o que houve! Bem sabes que entre nós não há segredos!

— E antes houvesse! Mal fiz eu em permitir umas certas coisas antes do casamento!... Se não fosse isso, você com certeza não me trataria desse modo, e já me teria levado à igreja!

O Roberto sacudiu os ombros.

— É! fez Cecília, muito queixosa. Até aqui toda a dificuldade era o enxoval; venho dizer-lhe que o patrão se encarrega disso, e você, em lugar de despachar-se por uma vez, ainda me dá muxoxos e põe-se a desconfiar de mim! Tola fui eu em ir atrás de cantigas! Diabo do traste!

— Deixa-te tu de cantigas e vamos ao que interessa!... Despeja pr'aí o que houve!

— Não despejo nada! Você não me merece coisa alguma, é um velhaco; enquanto eu me fiz tesa, não lhe faltaram maneiras; agora é isto que se vê!

E começou a chorar:

— É preciso não possuir um bocado de consciência para enganar desta forma uma pobre rapariga, que nunca teve pecha que lhe botassem.

— Guarda as lamúrias para outra ocasião, filha!

— Pois se é como eu digo!... Ingrato! Se eu não o quisesse tanto, não estava agora aqui me arreliando!

— Deixa-te de asneiras..., fez o criado, passando-lhe por condescendência a mão na cabeça. Não te podes queixar — eu também gosto de ti!

— Sim, sim. Mas o casamento não ata nem desata! dizia ela, soluçando.

— Ora! E que teríamos lucrado nós em nos termos já casado?...

— Que teríamos lucrado! Olha o disparate! Você talvez não lucraste nada, mas eu?! Penso nisso todos os dias! Até estou mais magra! Lembrar-me só de você é muito capaz de deixar-me neste estado... dá-me venetas de acabar com a vida!

— Não digas asneiras, toleirona! O que tem de ser teu, às mãos te chegará! E depois de beijá-la, sem carinho:

— Mas vamos lá. Conta o que houve entre vocês, tu e o basbaque do

patrão!...

— Prometes guardar segredo?... perguntou Cecília, fazendo por esticar as carícias do noivo!

— Ora!

— Então lá vai! O patrão quer entrar, sem ser esperado, no quarto da patroa!

— Com que fim?!

— Sei cá! Diz ele que é uma fantasia como outra qualquer!...

— Mas dai?... Que diabo tens tu a ver com isso?...

— Pois aí é que bate o ponto. A patroa fecha-se por dentro; eu fico escondida no quarto para abrir a porta ao marido! Creio que aquilo é arrufo entre os dois!

Roberto coçou a parte inferior do queixo:

— Hum-hum! resmungando. Não sei, não sei! Queira Deus que essa história não te dê na cabeça!... Olha que não se encontram duas casas como esta!... Isto aqui, filha, vale mais que o céu!...

— Ora o que! fez a criada. — Não é crime introduzir um marido no quarto de sua mulher!... Aquilo foi arrufo com certeza; ela não quer dar o braço a torcer; mas eu que a conheço, sei que não lhe vou cair em desagrado, ao contrário — verás como me agradece!

— Isso é lá entre vocês, mulheres, que se entendem! Em todo o caso, é bom pensar antes no que vai fazer!

— Deixa correr o barco por minha conta!

Entretanto, o Borges, à proporção que a noite se aproximava, sentia o coração pulsar-lhe com mais força. Ah! desta vez, sem dúvida, iam acabar os seus tormentos. Aquele novo plano não poderia falhar!

Namorado algum, dos mais ardentes, palpitou com tanta febre no antegozo de uma aventura. Nunca uma alma apaixonada ansiou tanto pela entrevista de seu ideal; nunca os segundos foram contados com tanta impaciência; nunca o momento supremo da ventura foi atraído com tanta sofreguidão.

Borges, assim que viu a casa completamente recolhida, tratou de tirar as botas e subiu pé ante pé ao segundo andar.

Não se pode conceber o sobressalto em que ia o pobre homem; tremiam-lhe as pernas; a cabeça andava-lhe à roda; o sangue afluía-se-lhe ao coração, que parecia querer saltar-lhe pela boca.

— Filomena já devia ter pegado no sono, ou pelo menos estar adormecendo.

Esperou mais um instante. Nada, porém, de aparecer a criada!

Decorreu mais algum tempo — um quarto de hora, uma hora talvez; ele não o podia determinar: sua impaciência fazia parecer uma noite inteira, uma eternidade.

— Oh! Como o torturava aquela tardança!

E Cecília nada de aparecer; Borges principiava a desesperar. Haveria alguma novidade... ela teria ido contar tudo à senhora? pensou o namorado, rangendo os dentes e fechando os punhos!

— Se me traístes, miserável, verás o que te sucede! Verás o que te sucede! Mas um rumor quase imperceptível veio nesse instante do lado do quarto

de Filomena; a porta abriu-se muito de mansinho, e a criada saiu cautelosamente, às apalpadelas, como se não quisesse tocar com os pés no chão.

— Está dormindo?... perguntou-lhe o Borges em segredo, indo ter com ela.

— Está, respondeu Cecília no mesmo tom. Pode entrar. Mas veja se me vai comprometer...

— Descansa. Aí tens para os teus alfinetes... Deu-lhe mais dinheiro.

A rapariga afastou-se, pensando no pobre noivo, o Roberto, que àquelas horas já devia estar farto de esperá-la; e o Borges, cheio de mil cautelas, penetrou no quarto perfumado e virginal de sua esposa.

Uma dúbia claridade de lamparina aquarelava meias sombras vagas e transparentes em torno do leito, onde Filomena se aninhava entre nuvens de linho branco. Ouvia-se um respirar tranqüilo e cadenciado, que vinha da cama.

Quando o marido sentou o primeiro pé no tapete da alcova, a mulher estremeceu, encolhendo-se toda com um suspiro.

Borges retraiu-se maquinalmente, e procurou esconder-se atrás do reposteiro da porta; mas o arfar ansiado de seu peito denunciou-o.

Filomena virou-se em um novo arrepio, e, depois de algum silêncio, perguntou com a voz alterada:

— Quem está aí?...

Borges não tugiou nem mugiu.

— Quem está aí? Não ouve?! tornou ela, erguendo a cabeça e fitando a porta.

O marido viu-a levantar a meio, desembaraçar um braço dos lençóis e procurar tateando alguma coisa na gavetinha do velador; ele porém, não respondeu, e apenas se traiu por um estalo seco das juntas do joelho.

— Quem está aí, fale com os diabos, se não quer receber uma bala nos miolos!

E engatilhou um revólver, fazendo pontaria ao reposteiro.

V

LUTA ABERTA

— Sou eu! disse o Borges, correndo para ela.

— Não dispares! É teu marido!

Filomena, ao senti-lo perto da cama, repeliu a arma e, embrulhando-se no lençol, saltou pelo lado contrário, prestes a fugir.

— Não sairás! gritou o esposo, cortando-lhe a passagem.

— É então uma violência?! perguntou a mulher.

— Seja o que for, mas não me escaparás desta vez!

— Socorro! gritou ela. Socor...

Não pôde continuar, porque o marido tomara-a nos braços e abafava-lhe com os beijos a voz.

Filomena debatia-se violentamente; afinal, soltou um grito desesperado, e caiu sem sentidos.

— Ora, mais esta!..., resmungou o Borges, depondo a mulher sobre um divã. Filomena! Filomena! Então?! Que é isso?!

Ela não respondia.

— Ora senhores! — Ó filoquinha! Anda! Volta a ti!

Filoquinha estrebuchava. Borges corria à procura de sais. Acudiram os criados. Cecília, aflita, andava de um para outro lado, sem saber que fizesse, a olhar espavorida para o amo, como quem olha para um bandido.

No entanto, o pobre esposo não saía de ao pé da mulher. Só no fim de meia hora, esta voltou a si, olhando estranhamente para os lados e a passar a mão repetidas vezes pela fronte.

— Ah! exclamou, dando com o marido. E escondeu o rosto, gritando entre soluços — que estava perdida, desonrada, chamando-se infeliz, pedindo a morte.

— Mas, meu amor, dizia-lhe o marido. Lembra-te de que sou teu esposo! Lembra-te de que não estou cometendo um crime!

— Deixa-me! Deixa-me! respondia Filomena desorientada, em soluços, — Fuja! Retire-se! Já! Não quero que o vejam aqui! Vá! Vá-se embora! Siga esta mesma noite para longe! Saia do Rio de Janeiro! do Brasil! da América! Saia, se não quer que eu lhe dê cabo da vida! Infame! Sedutor!

E chorava, desesperada, como se lhe tivesse sucedido uma grande desgraça. O marido dizia-lhe palavras de ternura, animando-a; ela, porém, não se queria conformar com a situação, e soluçava cada vez mais fortemente.

— O Borges, afinal, também se pôs a chorar. O dia veio encontrá-los numa orgia de lágrimas.

— Aí tem a minha bela vida de casado!..., dizia ele entredentes, na ocasião de abandonar a alcova de sua mulher. Esta, ainda em cima, o queria ver pelas costas!... Que vida a sua! Que vida, santo Deus!

Retirou-se para o seu quarto, desesperado, e atirou-se à cama, sem se despir, soluçando, escondendo o rosto entre os travesseiros.

Ia a pegar no sono, quando foi surpreendido por alguém, que chorava e gritava desesperadamente ao seu lado.

Era Cecília, que acabava de entrar no quarto, dizendo a berros que o Borge s

havia causado a sua desgraça; que a senhora pusera-a no olho da rua e que ela, pobre de si! desse momento em diante não tinha onde cair morta! Que o patrão fora a causa única de tudo aquilo! Que, infeliz que era! ia separar-se do Roberto, do homem destinado a ser seu marido e a quem dera por conta o seu coração e a sua ternura! E que agora...

Uma explosão de soluços sufocou-a.

— Sou muito desgraçada! berrava. — Sou muito desgraçada!

— Ora, não me amoles tu também! gritou o Borges, erguendo-se da cama.

— Mas é que a senhora me despediu!

— Pois que a despedisse! Vão todos para o diabo! Eu também estou despedido e não me queixo! Arre!

— Mas a questão é que, se eu me for embora, o Roberto será muito capaz de...

— Pois o Roberto que se vá também! Está despedido! Sou eu que o ponho na rua!

Roberto, que escutava tudo isso atrás da porta, entrou por sua vez no quarto e correu ao patrão, implorando-lhe piedade. — Que seria uma revoltante injustiça pô-lo na rua! Ele! que cumpria tão bem com os seus deveres! Ele! que, por amor dos amos, era capaz de ir às profundas do inferno! — Oh! Uma coisa assim até bradava aos céus!

E cada um dos criados agarrou-se a um dos braços do Borges, e principiaram ambos a choramingar, implorando-lhe compaixão por tudo que ele mais amasse nesta vida.

— Olhem que vocês me estão fazendo um berreiro nos ouvidos! bradou o amo, querendo arrancar-se daquela posição. — Arre! Pois tenho também de aturar este par de galhetas?! Vão para o diabo! Deixem-me! Deixem-me! Súcia de doidos!

E o Borges de um salto agarrou o chapéu, enterrou-o na cabeça, e ganhou em três pernadas a porta da rua.

— Safa! Safa! dizia ele a *marche-marche* pela calçada. — Que inferno! Isto lá é vida!

E assim andou até às dez horas pela cidade; tonto, sem destino, furioso, a abalar o ar com todo o mundo, a dar encontrões nas quitandeiras, e meter os pés no que encontrava, a praguejar, a promover barulhos.

Num restaurante, onde entrou para almoçar, à primeira réplica do servente, atirou-lhe com o sifão e fez voar a mesa diante de si com um soco. Um sujeito, que a recebeu pelas pernas, desafiou-se, arremetendo contra o Borges o prato que tinha mais à mão.

Levantou-se grande desordem, e a coisa teria acabado na polícia, se o marido de Filomena, depois de lançar uma nota de cem cruzeiros ao dono do hotel, não distribuísse vários pontapés para os lados e não ganhasse a rua, levando na sua frente todos os obstáculos que se lhe antepunham.

Chegou a casa ao meio-dia, esbaforido, aniquilado, sem querer a presença de ninguém, disposto a fechar-se no quarto e deixar que aquela maldita vida girasse em torno dele, como bem entendesse.

Mas o aspecto revolucionado de seu “lar doméstico” o surpreendeu logo à

entrada. Tudo estava em reviravolta. Cecília e Roberto arrastavam malas, despejavam a roupa dos gavetões da cômoda, empacotavam objetos de uso, acumulavam trouxas.

— Que é isso? perguntou o Borges.

— A senhora deu-nos ordem de preparar o necessário para uma viagem...

— Viagem de quem?!

— Nossa não é com certeza, porque nós já estamos despedidos.

— Quem vai viajar?! Desembuchem, com os diabos!

— A senhora, naturalmente; pelo menos esta roupa é dela.

Borges subiu ao segundo andar; encontrou a mulher muito tranqüila, assentada no divã, a ler.

— A senhora tenha a bondade de explicar que desordem é aquela lá embaixo? Que significam aquelas malas, aqueles preparativos de viagem?!

— O que vê. Trata-se justamente de uma viagem.

— Viagem de quem?

— Minha. Vou, uma vez que o senhor não quis ir. Juntos é que não ficaremos por coisa alguma! Não me quero arriscar a uma segunda agressão! Não posso ficar numa casa, onde não tenho a menor garantia, onde nem o meu quarto de dormir é respeitado!

— Mas a senhora esquece-se de que é minha esposa? A senhora não vê logo que eu não a deixo sair assim, sem mais nem menos?...

Filomena ergueu-se em silêncio, sacudiu os ombros e retirou-se da sala.

O Borges acompanhou-a.

— Filomena! disse ele.

— Que é?

— A senhora não tencionará acabar com essas coisas por uma vez?...

— Que coisas?

— Esses caprichos! Então está sempre resolvida a fazer a viagem?

— Estou.

— Pois nesse caso irei também! Acompanhá-la-ei ainda que seja para o inferno! Roberto! ó Roberto do diabo! Corre! arranja-me uma mala!

— Bem! Nesse caso não irei, disse Filomena, fechando o livro que tinha entre mãos.

É então um propósito firme de contrariar-me em tudo?! perguntou o marido, trêmulo de raiva.

— O senhor é que está nesse propósito! Parece que anda inventando meios e modos de mortificar-me! É bastante que eu mostre gosto em qualquer coisa para o senhor fazer logo justamente o contrário! Isso prova que o senhor não me ama! Que o senhor não deseja ter uma esposa; deseja é ter uma mulher às suas ordens! Animal! Bruto! Estúpido.

E, possuída de um violento sobressalto de nervos, atirou-se de braços no divã a soluçar, a morder-se.

Borges correu para junto dela; tomou-a nos braços, fê-la encostar a cabeça no seu colo, e, com muita ternura, os olhos úmidos, começou a acarinhá-la, a dizer-lhe todas as meiguices que lhe inspirava o amor..

— Oh! Mas para que havia de se mortificar daquela forma?... Para que se

maltratar assim? Para que nodoar com os dentes aquelas mãozinhas tão formosas?... O fato da véspera não justificava semelhante desespero! Se algum dos dois devia estar ressentido, era ele de certo, porque...

— Não! Não! Tu procedeste como um selvagem!... Tu foste violento! Tu foste brutal!

— Porque te adoro, minha vida!

— E juras que me amas?! Juras que não conheces outro ideal, outra preocupação, que não seja eu?! Juras que serás capaz de todos os sacrifícios por minha causa?!

— Ainda o duvidas?!

— Bem! Iremos juntos nesse caso; faremos os dois a viagem!...

— Sim, mas não é bonito, nem há razão para sairmos tão precipitadamente!!!

— Mau! Já principias tu com as objeções do costume!... Dessa forma não teremos nada feito!

— Mas, vem cá, minha santa, é que não há a menor necessidade de irmos como dois criminosos, que fogem à justiça! Para que havemos de nos sujeitar a umas certas coisas, quando, graças a Deus, não nos faltam recursos para termos todas as comodidades?...

— Oh! Eu mesmo faço muito caso das comodidades!...

— Sim, mas hás de confessar que...

— Ah! meu amigo! se tens medo de sair de teus hábitos, o melhor é desistirmos da viagem! Quem quer estar a gosto fica em casa!...

— Não é isso! não é isso! Já cá não está quem falou! Oh! Tu também te espinhas por qualquer coisa...

— Pois então, nem mais uma palavra sobre o assunto, e, no primeiro vapor que sair para a Europa...

— Estamos de partida!

— Ora muito bem!

VI

PRIMEIRA DESILUSÃO

Não obstante, o Borges ainda não se podia considerar feliz. A mulher, depois da cena da alcova, tornou-se mais esquiva; enquanto que a paixão dele, como se recebesse um novo impulso, recrudescia de um modo fantástico. Mas continuava a ser o seu amante platônico, o seu namorado, disputando um sorriso, um olhar de ternura, à custa de enormes sacrifícios.

Durante os dias que precederam à viagem, o mísero não fez outra coisa além de procurar meios engenhosos de seduzir a esposa. Certo de que a violência não produzia bons resultados, tentou captá-la com presentes de grande valor; punha, a todo o momento, à disposição dela, jóias caríssimas, cortes de seda do que havia de melhor. Depois, desiludido também por esse lado, lançou mão de outros recursos — Tentou fasciná-la com a grandeza, falou-lhe em belas

posições sociais, falou no seu título, que não devia demorar muito; mas, ainda assim, nada conseguiu: o maldito ferrolho estava, inabalável e frio, como uma lei da natureza.

Ele, porém, em vez de sucumbir, redobrava de coragem. Procurou afinar os seus gostos pelos dela; fazia-se triste, propenso às melancolias e aos êxtases; apertava muito a roupa ao corpo para figurar mais magro: fingia-se poeta — roubava versos dos almanaques, torcendo-lhes os nomes e às vezes o sentido, versos que ele copiava pacientemente durante a madrugada e que deixava, como esquecidos, no seu escritório, sobre a pasta, molhados de pingos d'água que representavam lágrimas arrancadas do coração. Outras vezes, quando a via de bom humor, fazia-se muito estouvado, cheio de rapaziadas, risonho, alegre, com fumaças de estroinice fidalga.

— Creio que agora se decide o negócio!... pensava ele, esfregando as mãos — desta vez parece que vai.

Efetivamente, se tudo isso não conseguia logo a abolição do tal ferrolho, não deixava, entretanto, de modificar as reservas de Filomena e de fazê-la mais dócil e mais chegada ao esposo. Mostrava-se agora muito agradecida às finezas que dele recebia; mostrava-se amável e prometedora; ao jantar, tocavam os pés por debaixo da mesa; tinham apertos de mão ligeiros e assustados, beijinhos furtados e longos idílios ao luar, nos bancos do jardim ou debruçados no balcão da mesma janela.

— A bordo é que eu te quero pilhar!..., dizia o Borges de si para si, mentalizando planos de ataque.

— A bordo é que serão elas!

E tratou de realizar a viagem. A casa ficaria entregue aos criados.

Dias depois, embarcavam num paquete francês, que seguia para Lisboa.

— Ora até que afinal!..., considerou ele, quando viu a mulher já instalada no beliche.

— Ora até que afinal estou livre do maldito...

E, de fato, pelo seu ar condescendente, por sua linguagem doce e pelas maneiras de tratar agora o esposo, Filomena parecia muito pouco disposta a morrer de saudades pelo ferrolho.

Mal, porém, começou a caminhar o paquete, que um terrível enjôo apoderou-se do pobre marido apaixonado e o prostrou no fundo de seu beliche, inútil e arquejante.

Filomena não lhe perdoou semelhante coisa. Enjoar!..., enjoar em sua companhia! Oh! o Borges acabava de perder todo o prestígio que ultimamente havia conquistado!

— Mas não é culpa minha!!! lembrou ele, sem ânimo para erguer a cabeça.

— Reagisse! Tivesse mais domínio sobre si! Os espíritos fortes governam a matéria! Enjoar! Oh! *Shocking!*

E só acalmou um pouco a sua indignação, lembrando-se de que *d. Juan*, de Byron, enjoara também na primeira viagem que empreendeu. Todavia, em Lisboa, foram ocupar aposentos separados no Hotel de Bragança.

Apenas se demorariam o tempo necessário para tratar do título e seguiriam logo caminho de Espanha, porque Filomena declarou que aquela cidade lhe fazia

mal aos nervos.

Todo o seu ideal era a Itália; sonhava-a através das descrições que lhe depararam centenas de romances. Queria Nápoles, com o clássico Vesúvio em plena erupção, o seu golfo legendário, o seu famoso céu azul, estrelado de pombos.

Exigia Veneza. Veneza com todos os seus acessórios pitorescos — as suas serenatas em gôndola, o seu palácio dos Doges, os seus romances debaixo de velhas e melancólicas abóbadas, consagradas pelos séculos. Reclamava excursões ao Lido, às ilhas decantadas da Laguna, a S. Lázaro dos Armênios, a Murano, a Torcelo. Queria saturar-se bem da “filha gentil do Adriático”; mergulhar nas sombras azuis de seus canais, onde rebrilham de espaço a espaço as competentes lanternas dos gondoleiros; não morreria sem passar algumas horas de concentração mística e deliciosa sob a melancólica ponte dos Suspiros.

— Oh! a ponte dos Suspiros!

Depois Gênova, “cidade do mármore!”, com a sua acumulação de palácios célebres, seus jardins silenciosos, suas colinas fortificadas! — Oh! a Itália, a Itália era então toda a sua ambição, todo o seu viver!

E deixam-se os dois seguir o itinerário comum das viagens à Europa. Atravessaram a Espanha a ruidosa França, percorreram a Suíça, “a livre Helvécia”, como poeticamente a classificou Filomena, e, afinal, depois de uma semana de Mônaco, onde ela teve a fantasia de ver o marido perder dinheiro ao jogo, acharam-se em caminho de Nice, da qual, mediante nove horas de mar, passaram-se a Gênova.

Chegaram às oito da manhã, quando um sol esplêndido punha em relevo as magnificências da cidade de mármore. Filomena, porém, estava sequiosa de Nápoles e, como seu vaporzinho seguia para aí, mal deu um passeio em terra, tornou a embarcar com o esposo.

— Oh! Nápoles! Nápoles dizia ela, entusiasmada, ao chegar à famosa cidade. Como desejava eu viver e morrer sob o teu sol dourado, passando os dias e as noites a contemplar o teu céu azul, o teu golfo da cor do teu céu!... E ter perto de mim, ao alcance de meus olhos, Capri, Ischia e o Vesúvio, e essa extensa costa, que vai de Portici a Castellamari e aos belos penhascos de Sorrento! Ó Nápoles!

O Borges escutava essas e outras declamações com um profundo silêncio de respeito.

— Sim senhor! Não fazia a mulher tão entendida em geografia!..., pensava ele, ensoberbecendo-se.

Não obstante, a romântica senhora sofreu uma triste decepção ao saltar na desejada cidade. Não era o seu Nápoles que tinha defronte dos olhos; não o reconhecia; faltava-lhe fosse o que fosse — um certo pitoresco, um certo encanto, que ela, por mais que procurasse, não encontrava ali.

— Não! decididamente não era aquele o Nápoles de seus sonhos! O que ela via defronte de si era uma população maltrapilha e desordeira, que a acotovelava grosseiramente, obrigando-a a segurar-se ao braço do marido, o qual, por mais de uma vez, esteve a cair com os encontrões que recebia de todos os lados.

— Safa! gritou o Borges, tonto. — Assim nem a praia do Peixe!

Sobre o cais e nas longas ruas, agitadas, que vão a Chiaja, a Santa Luzia, à rua de Toledo, ao Forte de Sant'Elmo o mesmo formigar, o mesmo burburinho impertinente e grosseiro.

E que confusão de pescadores, camponeses, frades, mercadores, garotos nus e lazarones de todos os feitios e de todas as cores.

— Isto parece uma cidade de doidos! observou Filomena ao marido — isto nunca foi Nápoles.

E aquela multidão irrequieta parecia justamente um bando enorme de doidos, que iam e vinham em vertigens, empurrando-se uns aos outros, metendo-se pelas pernas dos estrangeiros, invadindo-lhes a bolsa e as algibeiras com olhares de ganância, e, às vezes, com os dedos. Vendedores d'água, de frutas e de peixe, passavam a gritar como perdidos; burros carregados de legumes seguiam a trote, chocalhando guizos barulhentos; transeuntes de todos os matizes sociais, conversavam e gesticulavam agitadamente, E carruagens a galope cortavam as ruas, em várias direções, num estardalhaço febril de matracas, ferragens e campainhas. E tudo, até as casas, as árvores e as pedras da rua, parecia gritar, mover-se, espolinar-se num frenesi estrepitoso, sem tréguas.

Filomena declarou que estava roubada!

— Qual! Pois aquilo era lá um Nápoles! Impossível! Bem longe estava de ser o Nápoles que ela queria — o seu rico Nápoles! — Aquele era um Nápoles de segunda mão! Um Nápoles pulha! Antes não tivesse lá ido! Mil vezes antes!

Que lhe mostrassem as belas cenas napolitanas, que ela vira em pequena nas litografias coloridas! Que lhe apontassem os bem conhecidos e muitos pitorescos pescadores napolitanos, com as suas *calezoni*, a perna nua, a facha e o gorro vermelho, e o amuleto ao pescoço.

A excursão ao Vesúvio, como um passeio que fez à Torre dei Greco, impressionou-a mediocrementemente, No Vesúvio não viu erupção de espécie alguma; não percebeu vestígios de salteadores. — A Calábria desacreditou-se para ela. Nada encontrou de tudo aquilo que reclamava a sua terrível sede de comoções.

— Experimenta a tal Pompéia! aconselhou o marido, incomodado por vê-la ccontrariada. Pode ser que te dês bem... E lembrou também Herculano — de cujo nome não se recordava.

— Qual Pompéia, nem qual histórias! respondeu a mulher, furiosa contra os seus poetas e romancistas. Canalhas! Súcia de empulhadores!

E, muito indignada, abandonou Nápoles, para tomar a direção de Veneza, à qual sua imaginação insistia em agarrar-se como a um recurso extremo.

Mas a bela filha do Adriático, a pátria do amor e do arrepio, a sede da comoção e da poesia, a cidade dos palácios de abóbadas mouriscas, a terra, enfim, das patrícias apaixonadas, também não correspondeu à expectativa de Filomena.

Lá estava a ponte triangular do Rialto; o cais dos Escravos; as cúpulas de S. Marcos; os indispensáveis pombos; as ramalheteadoras, que vendem flores aos estrangeiros; os officiosos cicerones; os gondoleiros, encapotados como monges, que passeiam tristemente por baixo das pontes; lá estava tudo isso de que constavam as notas de Filomena, mas, valha-me Deus! — nada a satisfazia, nada a saciava, nada correspondia ao que ela julgara encontrar, nada realizava o que

antevera nos seus sonhos cheios de impaciência e de sobressalto.

Passaram em carruagem de Burgano a Leco, sobre as margens do lago de Como; foram depois a Menaggio, na margem oposta, e daí partiram resolutamente para a calma Suíça, fartos de Itália, cujos nomes de grandes e pequenas cidades, aqueles mesmos que dantes arrebatavam Filomena e lhe punham no espírito uma nostalgia doce e melancólica, já nem ao menos tinham para ela a mesma sonoridade de então. Livurnia, Civita-Vechia, Chija, Bellinzona, Ischia, Gaeta, nada, nada possuía já o primitivo encanto!

E um grande vácuo abriu-se nas suas aspirações; um de seus sonhos acabava de esfacelar-se como uma nuvem dissolvida pelo vento. E Filomena, desde que se convenceu de que, se quisesse a comoção e a aventura, tinha de prepará-las por suas próprias mãos, caiu num estado sombrio de atonia e desânimo.

O Borges, sobressaltado com essas tristezas, procurava cercá-la de mil cuidados, fazia -se meigo, muito seu camarada, seu amigo, adivinhando-lhe as vontades, correndo ao encontro de seus caprichos.

— Que tens tu, meu anjo, minha vida? Fala! Conta-me tudo.

Ela em vez de responder, atirava-se-lhe nos braços e escondia entre soluços o rosto no peito dele.

VII

O RAPTO

Mas uma noite, achavam-se então em Sevilha — sultana do Guadalquivir — como lhe chamava Filomena, sempre fecunda nas suas paráfrases poéticas; Borges, familiarizado já com os gostos românticos da mulher, resolveu pôr de parte uns certos escrúpulos e assaltar-lhe o quarto pela janela.

— Era impossível que Filomena resistisse ao encanto de uma violência tão pitoresca!...

Moravam em Triana, num modesto e confortável hotelzinho. A caprichosa, segundo o louvável costume, exigira que o marido alugasse dois quartos bem separados, e não teve grande empenho em declarar-se casada; ao Borges, por outro lado, também não convinha dizer a verdade, receoso de que esta o tornasse ridículo aos olhos de todos, como havia já sucedido em várias partes.

O terno marido, depois de bem estudar o seu plano de ataque, tratou de realizá-lo. Vestiu-se como os do povo, arranjou uma escada e, logo que só ouviu em todo o quarteirão a voz longínqua dos serenos, meteu mãos à obra.

E, com certeza, teria obtido o melhor êxito, se alguém, que o vira tentando penetrar de um modo tão suspeito no hotel, não fosse denunciar o fato aos tais serenos, que sem demora acudiram armados de suas lanternas e de seus *chusos*.

Houve escândalo; reuniu gente, e o Borges escapou de ser catrafilado, graças à lógica de sua algibeira, que conseguiu provar ao honesto estalajadeiro a

conveniência de arranjar-lhe em menos de dois minutos um esconderijo no próprio hotel.

Por esse tempo, Filomena, tendo chamado em vão pelo marido, e talvez ‘até desconfiando ser ele o autor do malogrado assalto, exigia do oficial de ronda (estavam em épocas revolucionárias) que lhe deparasse um lugar decente, onde uma estrangeira honesta ficasse ao abrigo do primeiro malfeitor que lhe quisesse entrar pela janela.

O oficial tinha família e pôs a sua casa à disposição da queixosa, até que o juiz designasse, com as devidas formalidades, o sítio onde ela devia ser depositada judicialmente.

O fato ganhou logo circulação no bairro e, a falta de esclarecimentos verdadeiros, inventou-se toda a sorte de legendas. Uns juravam que Filomena não era mulher e sim um grande *sonso* que namoriscava a esposa do oficial e usara daquele expediente para ir ter com ela; outros afiançavam que a tal estrangeira era pura e simplesmente uma *cocotte*, sequiosa por chamar sobre si a atenção do público; outros lhe atribuíam intenções políticas. Este notara que ela trazia no corpo as mais belas jóias do mundo, que lhe vira nas orelhas e no colo brilhantes de um tamanho fabuloso; aquele protestava que nunca ouvira uma voz tão estranha e todavia tão melodiosa, como a dela; outro dava a sua palavra de honra em como a tal sujeitinha era de uma formosura e de uma graça, que nem as *virgenes* de Murilo.

Porém a opinião mais seguida rezava que a encantadora e misteriosa estrangeira era nada menos do que a filha de rico negociante português, de cuja companhia desertara por não querer casar com um fidalgo velho e debochado que o pai lhe impunha. Pelo menos era esta a versão que mais se compadecia com o que noticiavam a esse respeito os jornais do dia seguinte:

“GRANDE ATENTADO CRIMINAL, dizia um. — A noche a las doce poco mas o menos, un malhechor de los muchos que infelizmente infestam esta hermosa ciudad, intentó introducirse por la ventana, de una de nuestras mas acreditadas fondas, con el fin perverso de raptar una joven estrangera que ali residia esperando su anciano padre, hidalgo portuguez, cuyo nombre nos abstenemos de publicar por motivos faciles de comprender.

La bella niña, que casi fue victima de tanta atrocidad, halasse, a su ruego, depositada en caza del oficial Sr. D. José Nuñez, hasta que el competente juiz decida de su destino.

Debido al delicado estado de natural sobre-excitacion nerviosa, la señorita aludida aun no ha podido explicar los pormenores del crimen de cual fue objeto.

El malvado desapareció, pera la policia emplea todos los medios para alcanzarlo y cremos que sus esfuerzos no seran defraudados.

A medida que nos lleguem nuevos pormenores los transmitiremos a nuestros lectores.”

Outros jornais iam mais longe. Um chegou a fazer engenhosas considerações sobre o fato estranho de se achar “desacompanhada num hotel já por si suspeito (o dono do hotel era federalista e o jornal apoiava o governo)

uma senhora tão distinta, tão bem tratada e com todas as aparências de donzela! Não estaria aí a ponta de algum importante enigma político?... Em épocas de revolução é preciso desconfiar de tudo e de todos”.

Estas notícias excitaram a curiosidade geral. Não faltou quem deixasse de enxergar no misterioso homem da escada *um malfeitor ordinário*, como diziam algumas folhas, e atribuir-lhe fins de grande alcance político.

O dono do hotel foi um desses, e, como bom cantonalista que era, não lhe podia passar despercebido que o seu misterioso hóspede usava um lenço de seda encarnada, uma gravata ainda mais encarnada que o lenço; não podia deixar de notar que nas caixinhas de fósforos do seu protegido encontrara sempre o retrato de alguns dos chefes dos cantões — encontrou o retrato do general Contreras, o de Antonio Galvez e de Duarte e o de Rafael Gruilleu.

— Não há dúvida! pensou ele. Não há dúvida que o homem é dos nossos!

E o fino estalajadeiro, considerando o modo despejado pelo qual o seu correligionário gastava ouro, notando a riqueza de suas bagagens e atentando para o incógnito em que se fechara esse homem, estrangeiro sem dúvida, mas estrangeiro amigo e respeitável, não vacilou em descobrir nele um vulto importante da causa federal, e resolveu pôr-se discretamente ao seu serviço.

— Talvez, quem sabe?... considerou o cantonalista com os seus botões. — Mais tarde, quando subirem os nossos homens, isto até me venha a render um lugar importante na política!

E foi logo ter com o Borges.

— Cidadão! disse-lhe resolutamente. Escusa negar; sei que tenho a honra de refugiar em minha casa um dos cantonalistas mais distintos do mundo!...

Borges recuou de boca aberta.

— Descanse! volveu o outro em tom de mistério. Pode ficar tranqüilo! Não tem que temer aqui — eu sou seu correligionário.

— Mas, senhor!... ia a protestar o Borges.

— Não quero que me diga quais são as suas intenções — as intenções de um cantonalista são sempre as melhores! O que eu desejo é saber em que lhe posso ser útil! Tenha confiança em mim e fale com franqueza.

E o estalajadeiro, sacando do bolso um barrete frígio, que ele possuía para as ocasiões de levantamento, meteu-o na cabeça e perfilou-se defronte do Borges.

— Bem vejo, bem vejo... respondeu este, compreendendo a situação e hesitando, na qualidade de homem sério, se devia ou não aproveitá-la em seu favor. Bem vejo, mas...

E franziu o sobrolho. — Era o diabo! Aquilo não lhe podia ficar bem!...

— Compreendo! tornou o outro, guardando o barrete e fazendo um gesto de arrependimento. Fui indiscreto!...

— Certamente! confirmou o Borges. Imagine se, em meu lugar, estivesse aqui um inimigo!...

— Este federal é chefe com certeza de algum cantão! disse consigo o estalajadeiro. E sabe Deus qual não será a importância de sua presença por estas alturas!

— Em todo o caso..., acrescentou o Borges, tomando uma resolução, não me despeço de seus favores, talvez precise deles.

E chegando-se por sua vez ao ouvido do outro, em tom de segredo:

— Preciso fazer chegar uma carta às mãos daquela senhora que...

— Já sei de quem se trata, interrompeu o estalajadeiro. Trata-se da fidalguinha portuguesa. Bem tinha eu cá um pressentimento!... Preparai o amigo a carta, que eu a farei chegar ao seu destino, custe o que custar! E vou daqui ver mais cinco companheiros, tão bons como eu, com os quais podemos contar para a vida e para a morte!

— Obrigado, respondeu o Borges, pondo-se a jeito de escrever.

E logo que terminou a carta, chamou o *seu correligionário*, e entregou-lhe juntamente com algumas libras esterlinas.

O cantonalista repeliu energicamente o dinheiro, dizendo frases de abnegação heróica. E, com tão boa vontade se pôs em ação, de tal modo providenciou as coisas, que pouco depois uma correspondência cerrada se estabelecia, entre o Borges e a mulher.

Eram belas cartas de amor, escritas com entusiasmo de parte a parte. O marido, nas frases mais poéticas que conseguiu arranjar, suplicava à esposa que desistisse do abrigo em que se achava e fosse ter com ele ao hotel, para fugirem juntos daquela maldita cidade, que só lhe trazia canseiras e dissabores.

Filomena, porém, exigia um rapto. Estava disposta a acompanhar o marido, mas não queria ir ao encontro dele, queria que ele a fosse buscar.

“É inútil insistires”, terminava a visionária, em seguida a uma exposição minuciosa do que o Borges tinha a fazer para alcançá-la.

“Se me amas, como dizes, prova-mo, arrancando-me daqui violentamente. O verdadeiro amor não conhece dificuldades! Não encontra obstáculos quando se precipita em torrentes vertiginosas de um coração apaixonado! Vem! Vem conquistar-me à força de intrepidez e coragem, vem disputar-me com o risco de tua vida, e eu serei tua, eu viverei para beijar os grilhões com que me prenderes ao teu destino! Tua, P.”

O Borges ficou irresoluto, coçou a cabeça, passeou longas horas com as mãos cruzadas atrás. — Faltava-lhe mais essa, resmungou furioso: — ter de perpetrar um rapto! Eu! — Diabo leve tal viagem e mais quem me meteu na cabeça a idéia de casar! Ah! que se não fosse a esperança de que as coisas não durarão neste belo gosto por muito tempo, eu... eu nem sei o que faria!...

Mas, afinal, impaciente por sair do seu esconderijo, farto daquela situação que o tornava ridículo aos seus próprios olhos, deliberou fazer a vontade à mulher. — Já agora seria o que Deus quisesse!...

Entretanto, o estalajadeiro, mal teve conhecimento das intenções de seu ilustre protegido, tratou de dar as providências para o rapto.

Chegado o momento, armou os seus homens: vestiu-se de cocheiro (profissão que exercera por muito tempo), muniu-se de um par de tiros, preparou a bagagem do raptor pela maneira que mais convinha à conjuntura, isto é, reduzindo-a o melhor que pôde, e meteu-a dentro de um *coche* apropriado, do qual tomaria a boléia; e, depois de erguer com os outros vários brindes ao cantonalismo, à Espanha, à liberdade; e depois de embolsados os protestos de gratidão que o Borges lhes apresentava na forma de moedinhas de ouro, puseram-se todos a caminho da casa do oficial, dispostos a derramar a última gota de sangue em prol da gloriosa empresa que cometiam.

E quem os visse, tão formidáveis nos seus capotes de conspiradores, os *colones* convictamente puxados sobre a orelha, os gestos ameaçadores e trágicos, não seria capaz de supor que se tratava de raptar uma donzela, mais que ninguém senhora de seu nariz.

Filomena, ébria de prazer com a idéia de ser furtada, palpitando de comoção, fez a trouxa em segredo e retirou-se ao quarto, pretextando incômodos para dissimular os seus projetos de fuga.

À meia-noite chegava o terrível grupo dos conspiradores, acompanhando o coche que devia conduzir o precioso fruto daquela empresa delicadíssima. Borges separou-se de seus companheiros, mudo e sombrio. E, com o passo firme, a mão armada, penetrou resolutamente no jardim da casa em que estava a mulher. Não foi difícil, porque, felizmente, o portão achava-se apenas encostado.

Ao chegar debaixo de certa janela tirou da algibeira um pequeno assobio de metal e apitou devagarinho. A janela abriu-se logo e, ao doce clarão da lua, apareceu o vulto romântico de Filomena, toda de branco, os cabelos soltos, os braços nus.

— Vamos com isto! segredou-lhe o Borges, levando as mãos à boca em forma de porta-voz.

— Trouxeste a escada?... perguntou Filomena no mesmo tom.

— Trouxe. Arreia o barbante.

— Aí vai.

— Pronto, disse o Borges, depois de amarrar a escada no cordão.

Filomena daí a pouco lançava-se nos braços do marido, a exclamar: — Fujamos, meu amor! Fujamos!

— Não grites! ralhou o sedutor. Olha que te podem ouvir!

E, com efeito, alguém abria já uma janela.

— Estamos perdidos! bradou a fugitiva.

O Borges, porém, havia já alcançado a rua com a mulher nos braços, quando o sujeito da janela berrou com uma voz de trovão:

— Ó da guarda! Ó da guarda!

Ouviu-se um estardalhaço de portas que se abrem precipitadamente, fechaduras que rangem e vozes que altercam.

Mas Filomena, trêmula e sobressaltada, achava-se já dentro do carro, ao lado do raptor, e os cavalos galopavam fustigados a valer pelo estalajadeiro.

Enquanto fugiam, os cinco cantonalistas, no meio de grande algazarra, de gritos e de apitos, simulavam uma alteração na rua, atraindo sobre si os serenos, que acudiam de vários quarteirões.

O carro, entretanto, voava pelas ruas de Triana, para os lados de Lora-del-rio. A cidade desaparecia atrás deles, vertiginosamente. Mal avistavam já o cume quadrado da Giralda, que o luar fazia sobressair no horizonte.

No fim de três horas de carreira, penetravam no campo.

— Estamos salvos! exclamou Filomena. No campo não seremos alcançados!

— Ao contrário, respondeu o estalajadeiro, o campo é menos favorável à fuga, porque temos de evitar os *guardias civiles*, muito mais perigosos que os serenos.

Não tardou a surgir ao longe o primeiro par de tais *guardias*.

— Quem vai lá?! gritou um deles.

O estalajadeiro em resposta fustigou melhor os cavalos e precipitou-se em direção contrária ao lugar donde vinha aquela voz.

— Alto! gritou o guarda campestre.

Novas e mais fortes chicotadas.

— Faça alto! gritou o outro guarda engatilhando a sua espingarda.

O estalajadeiro, que conhecia muito bem as prerrogativas da sentinela do campo na Espanha, apertou o galope de seus animais e vergou-se todo para a frente, sobre as coxas.

Uma bala veio cravar-se na traseira do carro. Em seguida outro tiro, depois outro; mas as bestas não afrouxaram e o carrinho sumiu-se por entre as sombras de um olival que nascia a algumas braças daí.

— Ânimo! gritou o intrépido cocheiro aos fugitivos. Dentro em pouco estaremos livres de perigo; trata-se apenas de ganhar a outra margem do rio!

E fustigou as bestas com energia.

Mas no fim de meia hora de galope cerrado, o estalajadeiro soltou um grito que aterrou os companheiros. Na sua precipitação, invadira, sem dar por isso, as terras de um tal marquês de Saltillo, e agora, auxiliado pela aurora, que ia repontando, via-se no meio de uma vasta *defesa*, cujos touros gozavam da fama dos mais perigosos de toda aquela redondeza.

— *Ira de Dios!* bradou ele, enquanto o Borges e Filomena, estarrecidos de medo, espiavam pelas portinholas.

— Que é?! que é?! perguntaram.

— É que podemos ser assaltados pelos touros! explicou o cantonalista, tratando de fugir ao perigo.

A *defesa* era enorme, estendia-se até muito longe; nessa ocasião, por felicidade, os touros achavam-se entretidos para o lado contrário ao do carro, e o estalajadeiro não precisou puxar muito pelos cavalos, porque estes, fariscando logo o risco que corriam, abriram a rinchar e, malgrado da fadiga, desembestaram para as bandas do campo.

Malditos rinchos! Um touro acabava de despertar ao seu fragor e, encapotando a cabeça nas pernas dianteiras, corria assanhado na direção do carro.

O federal chicoteou os cavalos com toda a força e o pobre coche rodou por entre o mato como uma bola perdida.

— Anda! Anda! berrava o Borges de pé, a tocarolar as costas do cocheiro.
— Olha que o diabo do bicho aí vem!

Com efeito, o touro perseguiu-os na distância de uns cinquenta passos.

— Preparem as armas! bramiu Filomena. Aqui o recurso que há é lutar.

Mal terminava essa frase, quando se sentiu descair com o marido para a direita; uma das rodas do carro estava por terra, em pedaços.

— Jesus! fez ela, agarrando-se à portinhola.

— Já aí vem o *conocedor* e já ouço o chocalho do *cabestro*. Estamos salvos!

De fato, três homens a cavalo e seguidos de um boi velho e manso, vinham com os seus cajados em punho à pista da rês que se desgarrara da *defesa*. O touro logo que ouviu o chocalho, parou, sorveu o ar por alguns segundos e foi humildemente emparelhar-se ao cabestro.

— Diabos te consumam! rosnou o federal, considerando o estado de seu pobre carro e de seus pobres animais. Como hei de agora arranjar-me para a volta?!...

Felizmente já não estavam muito longe da estação de Lora, e o Borges, se não quisesse tomar aí o caminho de ferro, podia ficar em algum hotel, onde com facilidade arranjaria meios de condução para o lugar que melhor entendesse.

Mas Filomena declarou logo que não se sentia disposta, por coisa alguma, a passar a sua lua de mel enterrada num quarto de hospedaria. Não foi para isso que viera à Espanha! Queria um sítio pitoresco, ignorado, poético, silencioso. O marido que tivesse paciência; ela, porém não descansaria antes de encontrar um lugarzinho nessas condições.

— Pois tranqüiliza-te, que, custe o que custar, havemos de descobri-lo, respondeu o Borges. Já agora, com mais um empurrão leva-se a caixa ao porão!

Durante esse diálogo, o estalajadeiro carregou pelo melhor os seus animais com a bagagem dos fugitivos. E os três, seguidos das cavalgadas, puseram-se corajosamente a caminho, dispostos a não acampar, sem terem descoberto o tal sítio indispensável para os amores de Filomena.

VIII

ENFIM

Foram dar com os ossos a Córdoba, num destroço de castelo árabe, construído à margem de um braço do Guadalquivir, ainda nos tempos do

domínio muçulmano, e em cujas ruínas aboletavam-se agora os pescadores do lugar e um ou outro *gitano*, que a fome e a fadiga trouxessem de rastros até aí.

Filomena ficou arrebatada: confessou que o lugar não podia ser melhor para uma lua de mel e resolveu instalar-se nas ruínas.

— Que?! exclamou o Borges, assustando-se. Ficar aqui?! Ficar neste covil de vagabundos?!... Ora, qual! A mulher com certeza estava gracejando!

— Não! disse ela, sem se alterar, não gracejo, nem admito que te queiras fazer insensível a estas magnificências do belo! Olha! Contempla estas abóbadas lascadas pelo tempo! Vê como tudo isto é esplêndido! como tudo isto é maravilhoso! Onde irias tu descobrir um lugar mais propício aos nossos amores?

Borges ainda tentou despersuadi-la de semelhante idéia. Opôs-lhe os mais sensatos argumentos — apresentou-lhe com todo o peso de seu bom senso os inconvenientes que os esperavam — o sol, a chuva, os mosquitos, os insetos venenosos, talvez a morte nas mãos daqueles bárbaros! — Filomena que pensasse um instante, que refletisse um momento, antes de dar aquele passo! Porém nada obteve — a mulher não cedia uma polegada; e o infeliz, disfarçando o seu desgosto e auxiliado pelo cantonalista, procurou entrar em bom acordo com os pescadores.

Tudo arranjado pelo melhor que foi possível, o estalajadeiro descansou um pouco, depois embolsou a recompensa de seus trabalhos e a indenização de seus prejuízos, abraçou o suposto correligionário, jurou ainda uma vez que estaria sempre disposto a derramar a última gota de sangue pela pátria e afinal retirou-se.

O Borges então cuidou de resignar-se às circunstâncias. Aquele capricho da mulher não poderia deitar muito longe!... Que a deixassem lá com as suas ruínas, o primeiro pé d'água que caísse havia de ensiná-la!...

Contudo, aí ficaram três semanas, expostos ao sol e ao sereno, quase ao relento, alimentando-se sabe Deus como, e dormindo sob as velhas abóbadas lascadas e cheias de verdura. Felizmente tinham consigo alguma roupa, uma boa mala e ainda bastante dinheiro.

Foi aí, nesse canto ignorado da velha Espanha despojada, ao ciciar das brisas do Guadalquivir e à sombra murmurosa dos gigantescos loureiros e dos sicômoros, que Filomena se identificou pela primeira vez com o marido. E fê-lo sem a mais leve reserva, nem o mais ligeiro reboço, chegando até a amá-lo com transporte, com delírio, chamando-lhe “seu raptor, seu amante!” refugiando-se nos braços dele, cheia de ternura e de medo, unidos, sobressaltados, como dois criminosos que ardessem na chama da mesma paixão clandestina.

O bom homem não desejava melhor; “assim não fosse ela tão caprichosa!”

Filomena agora o obrigava a longos passeios por entre canaviais bravios, por entre matagais de cactus, escolhendo lugares difíceis, quase intransitáveis, onde às vezes era preciso que ele a carregasse nos ombros para vadear pequenos regatos, coalhados de nenúfares, ou levá-la ao colo pelo meio de barrancos perigosos, cobertos de limo e salsas espinhosas. Outras vezes lhes sucedia perderem-se, e os dois tinham de descansar sobre a relva, sofrendo sede e fome,

sempre foragidos, evitando as vistas de quem quer que fosse, como se fugissem de inimigos implacáveis.

Borges, temendo contrariá-la, submetia-se a tudo isso de cara alegre. Fingia desfrutar o mesmo encanto que ela desfrutava; fazia-se entusiasmado pela natureza, amando as águas do regato, admirando os passarinhos, correndo atrás das borboletas e deitando-se de bruços à beira do rio; o queixo na palma das mãos, a balbuciar versos; os olhos perdidos no serpentear monótono da corrente.

Mas no fundo sentia-se muito pouco à vontade e extremamente contrariado. — Por que não haveria sua mulher de ser como as outras?... Seria tão bom que os dois, àquela hora, estivessem gozando juntos, numa boa casa, em plena segurança e em plena dignidade do lar, a mais completa e a mais doce felicidade a que tinham direito por todos os motivos! Oh! ele, porém, amava-a tanto, tanto, que seria capaz de todos os sacrifícios para vê-la alegre e satisfeita! — Além de que, Filomena com o tempo havia de mudar de gênio!... Estava ainda muito moça, muito cheia de fantasias, porém tinha o principal, que era — boa índole e bom coração.

E ele subordinava-se, abafando os seus ressentimentos, sem um olhar de queixa, sem um gesto de desgosto, sem nunca desmentir aquele bom humor primitivo, aquela mesma condescendência delicada e simples, aquela mesma extrema amizade leal e generosa.

Mas os caprichos de Filomena multiplicavam-se a cada momento. Era já a idéia de acompanhar os pescadores ao rio, à noite, munidos de archotes e vestidos como eles; era já a fantasia de uma caçada pela Serra-Morena, em horas de calor, ou então a mania de uma pastoreada nos vales sombrios e pacíficos, acompanhando o gado, a cantarem de mãos dadas pelas ribanceiras, ou então deitados na grama. nos braços um do outro, à espera que o sol acabasse de descer no horizonte a sua escadaria de fogo.

De repente veio-lhe uma febre de viajar — viajar muito, sem destino, não pelas cidades muito conhecidas e palmilhadas cotidianamente por centenas de estrangeiros taciturnos, encapotados nos seus ulters, de binóculo em bandolina e chapéu de sol encapado de verniz. — Não! Nada disso! Queria lugares totalmente imprevisos, que ainda não tivessem sido muito decantados pelos poetas como a sua Itália e que lhe deparassem comoções inesperadas.

— Queria os verdadeiros perigos, as fadigas dos desertos arenosos, a cólera dos *simouns*, o risco das florestas virgens, as jornadas por ínvios sertões desconhecidos, os horizontes eternos e as longas noites perdidas nos cumes silenciosos das montanhas, ouvindo o sanhudo sibilar dos ventos e os roncões desesperados das feras que têm fome!

O Borges sentiu um calafrio percorrer-lhe o corpo inteiro ao receber dos lábios da mulher aquela terrível sentença.

— Precisamos de uma vida mais agitada! explicou ela, vendo o gesto surpreso do marido.

— Mais agitada?!... Oh!... balbuciou este.

— Sim! mais agitada! Sinto-me morrer de inação! Basta de repouso! É preciso dar começo a uma nova existência!

O Borges esteve a perder os sentidos.

— Pois agora é que ia principiar o exercício?! pensou ele numa verdadeira vagabundagem?! ... Mas então que não será ela?!

— Se até aqui descansei, qual não será minha pobre vida de hoje em diante?!...

Filomena não percebeu o sobressalto do marido, porque estava já a cismar no Oriente.

Julgava-o numa desordem de impressões recebidas de Antony Rich, René Menard e principalmente de Lady Anna Brunt, cuja originalidade e cujo espírito másculo a fascinavam. Não lhe era estranho também o Dicionário Arqueológico de E. Bosc, e por mais de uma vez folheara o itinerário do dr. Emilio Isambert.

Com todo esse combustível a fumegar-lhe dentro da cabeça, via-se já dentro das muralhas venerandas de Jerusalém; sonhava o consagrado Sinai, a Abissínia, Malta, a Núbia e — o Egito.

O Egito! O longo e tortuoso Egito, cheio de passado e deslumbrante de tristeza.

Imaginava-se já de sandálias e bombachas de brocado, assentada à japonesa no dorso empírico de um camelo, ao lado do Borges, que sumido no seu albornoz característico, as mãos esquecidas sobre o adequado *kandyjar*, e também de canelas em cruz, toscanejava orientalmente sobre o macio *shedad*. À imitação de sua querida Lady Brunt, sentia-se já preada por um formidável *ghazu* e conduzida aventurosamente ao castelo de Djot.

No dia seguinte estavam de partida.

IX

VÔOS ALTOS

Desde então foi um peregrinar sem tréguas.

Viram muito, atravessaram regiões inóspitas, extensões selvagens, participando de caçadas temerárias, fazendo léguas sobre elefantes, experimentando o enjôo de mil paquetes, a indiferença de mil povos diversos, a monotonia das cidades desconhecidas, a dura insociabilidade dos hotéis, e o tempestuoso embate de todas as paixões humanas.

E Filomena Borges tomou notas, escreveu memórias, fez apontamentos, criou gosto pelas investigações, pelo estudo; enfim, tornou-se filósofa e sentiu necessidade de compendiar em volume as impressões que recebia.

“O Egito”, contava ela, depois de longas considerações filosóficas, “desenrolou-se debaixo de meus pés, triste como um sudário. Ajoelhei-me com o meu companheiro (o companheiro era o Borges) defronte dos Spéus arruinados de Ibsambul e dos esborcinados templos d’Efu! Percorri os imensos

labirintos subterrâneos de Silsilis, o templo d'Ombos; vi os monumentos da ilha de Philoe, contemplei a esfinge de Gizeh, surgin do da areia ardente do deserto, como um fantasma de granito, que se ergue a meio de um estranho oceano, com os olhos de pedra fitos no levante, o ar atento e concentrado de quem escuta e de quem espera! Que esperas, tu, sentinela do passado?! Monstro! que perscrutas com esse teu olhar imóvel de pedra?!”

“Minh'alma”, afirmava ela em outro ponto das memórias “como que se dilatou ao sopro embalsamado das melancólicas legendas do Oriente. Pareceu-lhe ouvir ainda, perdidos no espaço, os últimos ecos dos coros religiosos dos sacerdotes de Horus e o cântico venerando dos escribas reais...

Ouvisse ou não ouvisse, o fato é que, uma vez, depois da costumada excursão pelas ruínas, ela tomou de repente as mãos do marido e perguntou-lhe em segredo, com a voz trêmula de comoção:

— Meu amigo. não sentes alguns sons doces e lamentosos, que rumorejam neste vasto e profundo azul do deserto?...

O Borges vergou a cabeça para o lado donde vinha o vento, concheou as mãos nas orelhas e, depois de escutar durante alguns minutos, dis se que sim, por condescendência. — Que sim, supunha ouvir, qualquer coisa — assim como uma espécie de zunido!

Que vinha a ser isso?... perguntou ele, estimulado pelo olhar estranho da mulher.

— É, respondeu Filomena muito grave — é a alma errante do passado que chora as suas grandezas extintas, ou talvez sejam as notas derradeiras dos lamentosos salmos das adoradoras de Hathor!

— Ah!... fez o marido, fingindo interesse, mas sem compreender patavina.

E enfronhados nas suas roupas egípcias, já iam aquelas duas almas perdidas, a jornadaear dia e noite, de sol a sol, de ruína em ruína; ela em busca de comoções; ele em busca de coisa alguma, aborrecido, cansado, pedindo a Deus de instante a instante que fizesse a mulher desistir daquela terrível mania de andar a trocar as pernas, pelo mundo e fosse com ele repousar a um canto feliz e calmo de sua terra.

Contudo não se revoltava, nem lhe fugia às mais caras exigências. Na ocasião em que visitavam a quase extinta Mênfis, ela mostrou desejos de que o marido chorasse defronte do colosso mutilado de Ramsés II, que jazia estendido na areia, e o Borges choramingou para fazer-lhe a vontade. Quando desembarcaram no Luqzor, à margem direita de Tebas “a cidade de cem portas, decantada pelo sublime cego de Smyrna” como parafraseava ela, cheia de entusiasmo, o pobre homem já estava mais morto que vivo; Filomena, entretanto, não admitiu que se esbanjasse o precioso tempo com o repouso e exigiu que o Borges prestasse suma atenção às maravilhas que surgiam defronte de seus olhos.

— Sabes?..., disse-lhe ela, atravessando com um passo solene o corpo principal do despojado templo de Luqzor — foi daqui que o solitário de Santa Helene levou o obelisco que orna hoje a praça da Concórdia, em Paris!

— Boa pedra para construção! respondeu o mestre de obras, batendo com a ponta ferrada de seu cajado no granito vermelho das velhas e consagradas esculturas de Secos. Boa pedrinha! Isto deita séculos!

Felizmente a mulher não o ouvia, graças ao encanto melancólico daquelas relíquias, que a arrebatavam para as épocas esplendorosas de Sesostris e a faziam reconstruir mentalmente toda a extinta grandeza da margem ocidental de Tebas.

Neste dia não houve um momento de descanso. Filomena não tinha ânimo de abandonar as ruínas, e como que as queria ver todas ao mesmo tempo.—Oh! Ó Karnak! Ó Karnak com a sua avenida de esfinges decimbradas e os monólitos gloriosos de Amenhotep III!

No fim de cinco horas de êxtases e exclamações desse gênero, o Borges cujo estômago reclamava os seus direitos, disse, batendo-lhe meigamente no ombro:

— Não te apetece agora uma costelazinha com batatas?... Creio que não será mal lembrado... hein?...

— Não! disse Filomena, repreensivamente. — O que me apetece neste instante é o Medinet-Abu na outra margem do Nilo. Creio que esse prodígio de sete séculos valerá sempre mais alguma coisa que uma costeleta!...

— Oh! de certo, de certo! apressou-se a confirmar o Borges, pronto já a seguir a esposa, sem o menor vestígio de oposição.

Mas, pelo caminho, indiscretos suspiros partiam-lhe amiúde dos lábios.

— Triste fado o meu! resmungava o pobre homem com os seus botões. — Triste fado!

E lá ia caminhando, de cabeça baixa, a puxar pelo cabresto o seu burrico e o da mulher.

O desgraçado esteve a desfalecer, quando, no fim da estafadora peregrinação pelo Egito, Filomena tratou com assombro de Babilônia, na qual, segundo vagas recordações de Heródoto e Deodoro da Sicília, pensava encontrar panos para as mangas nas estátuas de ouro e nos palácios de Korsabad e Nemrod e nos baixos-relevos e nos caracteres da escritura assíria,

Ah! só encontrou de tudo isso, indícios, quase apagados — ruínas e deserto! sempre o deserto! sempre o deserto!

Veio-lhe então a idéia de recorrer à Grécia: “aí com certeza encontraria alguma coisa; pelo menos os sublimes destroços do Acropólio, do Partenão, do Ágora!”.

— Já vejo que não é tão cedo que isto acaba!... considerou o Borges, quando a mulher lhe falou nas riquezas descobertas pelo professor Ihlismann, na Argólida.

— E, custasse o que custasse, ela havia de fazer um almoço no tesouro de Atréu como fizera seu padrinho!...

— Que padrinho é esse? perguntou o Borges.

— D. Pedro II, o nosso imperador.

— Ah!...

Coitada! Mal então sabia ela a influência que o monarca estava destinado a exercer na sua vida!...

— Bem! disse o Borges, depois do passeio à Grécia. Agora, creio que basta de ruínas e que podemos voltar para o nosso canto! Ah! se soubesse, Filomena, as saudades que tenho de meu querido Paquetá!... Aquilo, sim, é que é terra! Estou aqui a ver-me debaixo de uma mangueira, contigo ao lado, depois do jantar... que bom, meu Deus! que coisa boa!...

— Enlouqueceste?! exclamou ela. Pois nós havemos de voltar sem conhecer a Índia?!... A fanática! A terra das superstições brutais! dos faquires sobre-humanos! A Índia, com todos os seus formidáveis budas! A Índia, com o seu Both-Jattrá, essa deslumbrante festa dos carros! Oh, não! isso seria impossível.

O Borges empalideceu.

— E depois da Índia, acrescentou ela — por que não um pouco da Arábia, onde faremos belas peregrinações ao Nedjed, onde percorreremos aldeolas e lugarejos singulares, estudando a vida das mulheres de Hail, com o seu uso original de trazer argolas de ouro nas ventas e nas orelhas; onde teremos ocasião de apreciar os dançados das donzelas de Shakik?!... E a África?! A África então?! Esquecia-se o Borges de que a África era a única paragem do mundo, em que ainda se podiam encontrar regiões desconhecidas? E, além disso, não valeriam a pena de alguns passos as famosas cascatas de Samba-nagoshi, a aldeia de Mayolo, tão estimada pelos naturalistas?! E as caçadas dos elefantes pretos na terra dos Aponos, e a caçada dos leões de Mogiana e dos gorilas de Olenda?!... Acaso não reconhecia o Borges a necessidade urgente de ver e experimentar todas essas coisas?!...

— Lá se vai tudo quanto Marta fiou!..., disse o pobre homem, gemendo debaixo daquele bombardeamento.

Mas não reagiu. E, no fim de algum tempo, ia-se já habituando ao viver boêmio que a mulher lhe impunha. Dócil, como era, para escravizar-se aos hábitos, afez-se pouco a pouco àquele duro vagabundear, e estaria disposto a seguir Filomena ao inferno, contanto que esta nunca mais lhe fechasse o ferrolho sobre o nariz.

X

DE VOLTA À PÁTRIA

E assim se transformava completamente sem dar por isso. Não parecia o mesmo; sabia montar a cavalo, atirar várias armas, bater-se em duelo, andar em velocípede, correr no gelo, jogar o soco e a bengala e até servir-se do terrível *bowie-knife* de dois gumes.

E no fim de algum tempo, quem o visse à tola de um pacote inglês, numa dessas madrugadas cor de pérola, enlulado no seu *ulster* de xadrezinho, o

chapéu ao lado, a toalha caída sobre as costas, o bigode retorcido, monóculo no olho, binóculo a tiracolo, e tão pronto ao prazer como ao perigo, lépido, terrível, namorador; quem o visse — seria capaz de acreditar que ali estava aquele mesmo Borges, aquele pacato João Touro, que alguns anos antes atravessava as ruas comerciais do Rio de Janeiro, agenciando a vida, muito atarefado, dentro de suas calcinhas de brim mineiro?!...

Onde iria já o casto, o puro, o doce João Touro do outro tempo?...

As repetidas viagens, o atrito com as populações estranhas, a familiaridade com os costumes de mil povos diversos, a experiência das comoções transcendentais, deram-lhe grande desembaraço aos movimentos, certa elegância máscula de *trappeur*, que de alguma forma dizia bem com os seus músculos atléticos. Agora tinha exclamações em todas as línguas, anedotas de toda a espécie, termos e frases de todo o mundo. E as correrias, os exercícios, os perigos, fizeram-no intrépido, aventureiro, despejado de maneiras, enérgico como um herói do romantismo.

Por outro lado, o constante entusiasmo de Filomena pelas coisas do espírito acabara por dominá-lo: ensinara-lhe a ter, ou pelo menos suportar de cara alegre certos prazeres delicados, como a música dos clássicos, a conversa sutil das senhoras de boa sociedade, os segredos da literatura, as linhas misteriosas da arquitetura, os primores da estatuária e o valor dos quadros célebres.

Ele! O Borges, aquele mesmo que, em Tebas, classificara o granito vermelho do Syena — boa pedra para construção! — Quem o diria?...

Alguns olhos femininos principiavam de voltar-se para ele com certa insistência; as mulheres descobriam-lhe já na elegância do todo e no espírito da conversa, pretextos de amor e elementos de sedução.

De volta ao Rio de Janeiro, os amigos mal o reconheceram. Acharam-no transformado em tudo; descobriam-lhe novos dotes e novos defeitos, porém estes em número muito maior que aqueles. Fizeram-lhe boas e más ausências,

O Borges, o querido Borges, que até aos quarenta anos não conhecera o gostinho de uma inimizade sequer, ficou pasmado quando, alguns dias depois de sua chegada à pátria, começou de redemoinhar em torno dele um enxame de maledicentes, que o intrigavam, descompunham e malqueriam, tecendo intrigas, publicando mofinas, remetendo-lhe cartas anônimas, cheias de injúrias, procurando covardemente, por todos os meios e modos, injetar-lhe o fel e a amargura no coração, como se, ofuscados pelas aparências, não pudessem admitir um tão completo exemplo de felicidade. As injúrias versavam principalmente sobre o caráter da mulher.

Então um desgosto sombrio principiou a perseguir-lo; abominou a pátria — esse covil de maus e de invejosos — qualificou ele, revezando o seu tédio!

Em breve, qualquer maledicência a seu respeito, que lhe chegava aos ouvidos, punha-o num estado lastimável de irritação. E, no despenhadeiro de seu azedume, tudo foi aos poucos lhe parecendo mau e mesquinho; chegou a desconfiar da mulher; a supô-la sem amor, sem gratidão, capaz talvez de uma deslealdade; suspeitou de todos que o cercavam, detestou a sociedade; e, por não

encontrar sobre quem descarregasse diretamente o seu ressentimento, bramou contra o atraso do Brasil, contra a falta de distrações, contra a ignorância geral do público, contra a incompetência dos poderes, contra toda a “podridão social enfim”!

— Uma terra de bugres! dizia e repetia ele aos amigos, que o visitavam todas as noites. Uma terra de bugres! Aqui, um homem, para não morrer de tédio, para divertir-se um bocado, precisa atirar-se aos vícios, ou não sair de casa! — País de lama!

E para esquecer-se de seu desgosto, jogava.

De resto, o governo português acabava de o fazer barão de Itassu, e o Rio de Janeiro fariscava em torno de sua casa, atraído pelo som da música e pelo barulho dos pratos.

A casa! A casa, ou antes o museu do Borges, que outra coisa não era esse ninho de raridades de que se falava em toda a corte, dessas magnificências do luxo antigo e moderno, desses ricos objetos de arte de todos os tempos e de todas as paragens. A casa transformara-se, como o dono.

Tudo foi reformado. Exibiram-se novos trastes, novas cortinas, tapeçarias, peles, cachemiras, bronzes, faianças, cristais, porcelanas, quadros, estatuetas, aquários, álbuns, mosaicos, vasos florentinos, lustres de *vermeil*, espelhos venezianos talhados à *biscau*, cariátides de Jean Goujon, servindo de peanhas a esculturas de Germain Pilou e uma variedade interminável de tetéias e relíquias, que a baronesa colecionara por todo o mundo. Expuseram-se velhas cadeiras com espaldar e assento de couro de Córdoba, lavrado, e tacheado de metal amarelo; leitos à Renascença de colunas retorcidas e métopes talhados em madeira fusca; jarras do Oriente, sarapintadas de hieróglifos; objetos preciosos de marfim, manufaturados na China; molduras delicadíssimas de porcelana, à Luís XIV, representando grinaldas coloridas; consolos de *breche-antique*, sustentados por delfins de olhos e barbatanas dourado, lúcido; sem contar as otomanas asiáticas, os divãs, os *fauteuilles*, os *étagères* de xarão, de palissandra, de ébano; enfim o que podia haver de raro, de singular, de extraordinário. Não era uma casa, era um prolongamento do Hotel Cluny. Cada objeto, cada móvel, cada peça representava uma época, um reinado, uma escola.

Mas o barão, quando ficava a sós no meio de tudo isso, sentia-se acabrunhar por uma espécie de remorso; afigurava-se-lhe fugir debaixo dos pés o chão sólido e áspero do dever, para dar lugar aos tapetes felpudos e voluptuosos; parecia-lhe ouvir uma voz austera, que se levantava de tudo aquilo para o argüir e reprovar.

— Pois foi nisto que esbanjaste o teu dinheiro, João Borges?!... Foi nestas quinquilharias que enterraste essa fortuna, que teu pai, à custa de tanto sacrifício, conseguiu juntar para ti, insensato? Perdulário!... E agora vão ver!... Tudo por quê? — Porque o pedaço de asno adora cegamente uma mulher, um demônio, a quem se entrega de corpo e alma e que faz dele o que bem entende, sem talvez lhe dedicar um pouco de afeição, pois, se dedicasse não seria a primeira a cavar-lhe deste modo a ruína!... Oh, sim! dizia o infeliz, deixando-se cair em uma de

suas cadeiras preciosas. — Oh, sim! sou um miserável, mas amo-a tanto! adoro-a tão extremosamente, que ainda seria capaz de muito mais para conservá-la sempre ao meu lado!

E procurando fugir ao ferretear dessas considerações, refugiava-se no entorpecimento da embriaguez, nos sobressaltos do jogo e na conversa agitada dos amigos, que o iam cardando e descodando todas as noites.

Filomena, por outro lado, não se mostrava, apesar do título, completamente feliz.

— Mas que te falta ainda?... perguntou-lhe o marido, sem se poder conter, uma vez que a viu mais triste e desconsolada. — Creio que até hoje tenho cumprido à risca, e com sacrifício de nosso futuro, todos os teus desejos e todos os teus caprichos! Possuis uma casa como ambicionaste; és requestada pela melhor sociedade; ostentas um título, e tens plena certeza de que eu, teu marido, teu amante apaixonado, só vivo por ti, e para ti! Sabes perfeitamente que não há em todo o mundo, por toda a parte onde estivemos, uma única mulher, escrava ou rainha, que me fizesse esquecer um instante de ti, minha querida Filomena! E, no entanto, tu, tu! que és a minha única preocupação, o meu cativo, tu, nem por isso te mostras mais satisfeita e mais agradecida! Mas com todos os demônios! Se te falta ainda alguma coisa, fala com franqueza! Exige! Ordena! Mas por amor de Deus não me tortures com essas tristezas e com esses suspiros que me desesperam! Bem sabes que és tudo quanto possuo! És a minha vida! a minha felicidade! Vamos! Fala! fala! diz o que te oprime, Filomena de minh'alma.

— Nada! Não tenho nada! respondia a mulher com um esgar fastidioso. Quero apenas que me deixem!... Que me não apoquentem com perguntas!...

— Tudo isso prova que nunca me amaste!... disse o Borges retraindo-se.

— Aí temos outra! observou Filomena, e, depois de um novo gesto de tédio, afastou-se, resmungando — que não estava disposta àquilo!

Borges atirou-se sobre uma das tais cadeiras, e escondeu o rosto nas mãos,

— Que desgraça a sua! Que desgraça!... pensava. Ora vissem se era possível haver um homem mais infeliz do que ele!... Pois a despeito de tudo que fazia pela mulher, ainda não lhe merecia amor! Mas então Filomena estaria disposta a ser sempre a mesma ingrata?...

— Não! bradou ele, erguendo-se. Não, decididamente é preciso fazer-me forte! É preciso reagir! Talvez até seja este o meio de lhe cair em graça por uma vez!

Mas daí a duas horas, vendo que a mulher não saía do quarto, foi ter com ela.

— Então? Ainda dura a rabugem?

— Deixe-me! respondeu Filomena com uma voz de choro.

Mas o que te aflige, meu amor? Fala, fala com franqueza! Não sou eu porventura o teu amiguinho, o teu confidente, o teu íntimo?... Olha, se estás aborrecida, procura meios de distrair -te; bem sei que aqui não há muito onde ir, mas inventa! Vê se descobres alguma idéia. É verdade — tu ainda não festejaste

o nosso titulo... aí tens! Por que não dás tu um baile, um jantar ou coisa que o valha?...

Filomena abraçou e marido, balbuciando palavras de reconhecimento.

— Ainda bem! Ainda bem! disse ele, sem mais se lembrar das apoquentações. E, sentindo que a mulher animava-se-lhe aos beijos. — Assim! assim é que te quero ver sempre!...

Começaram a falar, muito amigavelmente sobre os projetos da festa. Aproximava-se o estrudo. — E se dessem um baile de máscaras?!...

Esta idéia trouxe a Filomena uma alegria convulsiva. — Um baile de máscaras! um baile de máscaras! exclamava ela fora de si. — Mas como já não me tinha eu lembrado disto?!...

E saltou ao pescoço do Borges, radiante.

— Que belo! que belo! Um baile de máscaras!

Deram logo principio aos preparativos da festa, e durante esses dias, Filomena não deixou transparecer sinal de aborrecimento. Ao contrário, muito animada, muito contente de sua vida, era ela própria quem tomava as providências para a grande função.

— Ah! mas havia de ser uma festa sem exemplo no Brasil! Uma festa que desse que falar por muito tempo.

Todavia, Borges andava meio atrapalhado nos seus negócios, e, para não desgostar a mulher, escondia-lhe, sabe Deus com que heroísmo, certas dificuldades de dinheiro, que o principiavam a perseguir.

— Em todo o caso, Filomena teria o seu baile de máscaras!...

XI

QUAL DOS DOIS MARIDOS SERÁ O MAIS INFELIZ?

Nas vésperas do grande dia, quando o Borges andava de baixo para cima, tratando de pôr em prática as ordens da mulher, deu cara a cara com o Barroso, uma noite em que entrava no Passeio Público.

Em outra ocasião, é possível que os dois companheiros de infância nem se cumprimentassem, pois nunca mais se tinham visto depois da resinga do casamento; mas encontrados assim, de supetão, ambos colhidos de surpresa, não puderam conter o clássico — Oh! — dos momentos de circunstância, e, quando deram por si, já estavam nos braços um do outro.

Ah! eles haviam sido tão camaradas, tão parecidos nos gostos e nos costumes! usando da mesma moral e dos mesmos princípios! Durante quarenta anos tinham seguido sempre a mesma linha tesa das conveniências comerciais; — O Borges, como sabemos, transviara-se com o impulso que lhe deu Filomena; mas o Barroso, não senhor! — foi cada vez mais acentuando a sua circunspecção e enrijando os seus créditos de homem sério.

De sorte que, atirados agora um defronte do outro, em flagrante contraste — o Barroso tão grave, tão ríspido, tão invulnerável dentro de seu paletó saco, fiel ao seu permanente chapéu alto de pêlo e ao seu guarda-chuva desenrolado; e o Borges tão catita, tão gamenho, tão moderno nos seus sapatos ingleses e na sua bengalinha de junco — não podiam fugir ao mais completo embaraço.

Sentaram-se ambos no primeiro banco, ao lado um do outro, sem uma palavra, mudos como dois frades de pedra.

Borges, no fim de alguns instantes de completo silêncio, caiu de novo nos braços do amigo e abriu a chorar copiosamente.

Não era o barão de Itassu quem chorava ali, era o *João Touro*, o primitivo, o bom *João Touro* doutros tempos, que agora reaparecia, como por encanto, à vista de um companheiro de seu doce passado, tão tranqüilo e singelo.

Chorou muito, muito, como se desabafasse naquele momento toda a acumulação de contrariedades, de desgosto e de fadigas, que se lhe foram amontoando no coração desde a primeira noite do casamento. Era um pranto velho, há muito tempo represado à falta de uma ocasião para rebentar.

O Barroso recebia no peito as lágrimas do antigo camarada, sem fazer um movimento, nem ter uma palavra para lhe dizer. Enquanto chorava o Borges, ele fazia por explicar a si mesmo como diabo se podia conciliar toda aquela lamúria com a jubilosa aparência do amigo.

— Não és então feliz com tua mulher?. . . perguntou-lhe afinal.

— Adoro-a! respondeu o outro, limpando os olhos.

— Então?...

— Mas é que a minha vida de casado tem sido uma tempestade constante! Ainda não o disse a ninguém, digo-to a ti, que és o único amigo em quem deposito confiança. Ah! não imaginas! não imaginas, Barroso, o que tenho experimentado! Não calculas de que força é minha mulher... bem me dizias tu...

— Mas por que não a pões a teu jeito, filho?

— Porque a adoro, como te disse. Porque só a idéia de lhe cair em desagrado me faz tremer!

— Pô-la a meu jeito — dizes tu! É que não a conheces!

É que, felizmente para ti, nunca te deixaste arrastar por uma paixão como a minha!

E, depois de uma pausa, enquanto o outro se torcia sob aquela expansão sentimental:

— Pô-la a meu jeito!... foi ela quem me pôs ao seu! Foi e la que me torceu a seu bel-prazer!

— Ora essa! E quem te mandou consentir?...

— Repito! nunca amaste, que se já o houvesses feito, não estranharias a minha fraqueza.

E, abaixando a voz, disse-lhe alguma coisa ao ouvido.

O Barroso fez um gesto de indignação.

— Desaforo! Não havia de ser comigo, juro-te!

— Ah! Só Deus sabe pelo que tenho passado!...

— Não! contradisse o Barroso... Não! Uma mulher dessa ordem, manda-a a gente plantar batatas!

— Impossível! Se te estou a dizer que a adoro!

O outro sacudiu os ombros:

— Não era isso o que ele supunha! Pelo que ouvira por aí, ia jurar que o Borges era o homem mais feliz do mundo!

— É o que todos julgam... tugiou o barão com tristeza.

— Pelo menos é o que leva a acreditar esse teu modo de viver, de tempos para cá! São só pagodes e mais pagodes! Eu. . . confesso-te — sempre estranhei!

...

— Ah! gemeu o outro. Só Deus sabe quanto me custa tudo isto! Meu amigo vê-me a cara e não me vê o coração...

— Vamos tomar alguma coisa, disse o Barroso erguendo-se do banco e seguindo na direção do botequim. Creio que agora já bebes.

— Se bebo! tartamudeou o outro, acompanhando-o. Se bebo!

E foram ambos sentar-se a uma mesinha no lugar das bebidas.

— Pois muito me contas!... prosseguiu o Barroso, enchendo os copos de cerveja.

— E ainda não te disse nada!... acrescentou o Borges, a olhar muito sério para um buraco que fazia no chão com a ponta da bengala.

E depois, encarando o amigo:

— Mas, olha! Isto que não passe daqui. Imagina que papel faria eu, se viessem a saber que...

— Ó Borges! interrompeu o Barroso, ofendendo-se. Eu ainda sou o mesmo! Ainda sou aquele mesmo amigo para a vida e para a morte! Porque estás mudado e porque já não dás idéia do que foste, não se segue que os mais também se tenham transformado ! Oh!

— Bem sei, bem sei, meu bom amigo; perdoa! E olha, vai sábado lá a casa; a mulher arranjou uma festa... leva contigo quem quiseres.

— Sempre as festas! censurou o Barroso por acréscimo. Sempre as festas!...

— Que queres tu? Filomena obriga -me a essas coisas! Hoje, creio até que eu próprio já não poderia passar sem isso! Tudo vai do hábito!

— É imperdoável, mas irei, irei à tua casa...

E meneando a cabeça:

— Pobre Borges! Pobre Borges!

— Traze mais cerveja! disse este ao caixeiro, com uma voz plangente.

— Pois vais beber ainda?... observou o outro admirado.

— Quero festejar o restabelecimento de nossa amizade!

— Seja; mas eu não te posso acompanhar. Bem sabes que a minha conta é um copo...

— Sei, sei! Quantas vezes noutra tempo, assentados invariavelmente nos fundos da venda do Sampaio, não fiz caretas ao teu copinho de cerveja!

Então era eu quem se admirava de que “houvesse no mundo alguém que a bebesse por gosto”... entretanto... tu continuas a tomar a tua cervejinha todas as noites, ao passo que eu...

— Todas as noites..., confirmou o Barroso. É o meu vício! Com a diferença de que agora, em vez de a tomar na casa do Sampaio, tomo-a quase sempre ao lado de minha mulher.

— É verdade! Não me lembrava que havias também casado. E como vais te dando com a vida?

— Bem! Não tenho razão de queixa! A Sabina, justiça se lhe faça, é uma excelente mulher! Bom gênio... acomoda-se com tudo,.. não gosta de festas! ... Às vezes até é preciso que eu a obrigue a sair de casa para distrair-se um bocado, coitada!

— Sim? hein?

— Vivemos como Deus com os anjos! ...

Houve uma pausa.

— Já temos um pequeno, sabes? ... acrescentou ele depois.

Borges continuou silencioso, a cabeça derreada numa taciturnidade invejosa. Só mudou de posição para esgotar o copo e tornar a enchê-lo.

— Ainda?! censurou o outro.

— Que queres, homem?!

E depois de alguns goles:

— Com que então, és feliz?...

E suspirou.

— Sou, graças a Deus! sou! respondeu o Barroso estirando-se na cadeira. Lá a minha Eva não é nenhuma senhora que meta vista, lá isso não é!... Ao contrário, coitada! não serve para se haver com etiquetas e cerimônias; porém, no que se diz — arranjo de casa, doçura de gênio, tratamento do filho e mimos cá com o nhô-nhô... nisso não quero que haja segunda! Meiguice ali! Ela é incapaz de uma resinga! Sempre a mesma! Sempre! Além disso muito asseada, muito amiga de arrumar e ativa, ativa que faz gosto! Ainda há pouco tempo ficamos três dias sem criada. Pois, filho! acredita que a Sabina, arregaçou as mangas, meteu-se na cozinha, agarrou-se a uma vassoura, e, tantas voltas deu, tanto virou, que a criada não fez falta! Foi preciso que eu ralhasse para a ver sossegar um instante! Não! como dona de casa não quero que haja outra!... mas também podes ver de que maneira a trato! ...

— Ai, ai! suspirou o Borges. *Garçom!*, mais cerveja!

— Não bebas mais!, aconselhou o Barroso.

— Deixa-me!, balbuciou o outro limpando os olhos. Deixa-me!

Quando se levantaram para sair, o marido de Filomena, muito atacado dos nervos, muito excitado pela cerveja, chorava como uma criança.

— Consola-te, homem! dizia o amigo, batendo-lhe no ombro. Consola-te! Mais tem Deus para dar que o diabo para tomar!

Porém, no dia seguinte, quem fosse à casa do Sr. barão de Itassu, das nove da noite às seis da madrugada e o visse fantasiado de *chicard* no meio da dança, não seria capaz de acreditar que ali estivesse o mesmo homem da véspera.

Era de um efeito cômico o Borges de cabeleira de arminho e capacete com penacho vermelho. O seu vigoroso tipo de montanhês não se acomodava bem dentro da extravagante camisola de seda cor-de-rosa, franjada de ouro, que lhe mostrava os ombros e os grossos braços nus, e parecia reagir contra as pitorescas botas de montar, que lhe iam até o joelho.

— Falta-te qualquer coisa!... dissera-lhe a mulher a considerá-lo de alto a baixo, na ocasião em que ele lhe perguntou que tal o achava. Deves dar mais elasticidade aos movimentos; não trazer esse capacete assim caído sobre a nuca, e puxar o canhão das botas mais para cima.

Ela é que apareceu encantadora numa fantasia espanhola, que lhe deixava bem patente o rijo desenho do corpo e mostrava um princípio de pernas, parte do colombiano seio, e completo aquele famoso pescoço cor de camélia, tormento de muita gente nas poucas vezes que se expunha.

Os adoradores crivavam-no à ponta de olhares gulosos, e desfaziavam-se em galanteios.

A festa foi no primeiro pavimento, e toda ela de um brilho original e deslumbrante.

Plantas e flores por toda a parte, entre decorações de bandeiras e galhardetes; longos rosários de pequenas lanternas redondas, desenhando os mais graciosos arabescos em uma bela variedade de cores; palmeiras, tinhorões, grutas artificiais, repuxos, sátiros e faunos, engendravam grupos artisticamente distribuídos.

A música, que não se sabia donde vinha, chegava às salas tépida, abafada e voluptuosa, como gemidos, beijos e soluços errantes pelo ar. A luz, à feição da música, era também distribuída suavemente, em tons opalinos e duvidosos.

Tudo era morno e misterioso: os tapetes de seda fina, imitando relva, bebiam o som dos passos; os coxins de damasco da Ásia, os divãs bojudos e rasteiros, como bonzos deitados de bruços no chão, tinham a maciez fofa e mole de carnes gordas; enquanto que dos maciços de verdura se desprendia, numa sutil pulverização, um delicioso chuveiro de perfumes, que adoçava e refrescava o ambiente e punha nos sentidos um vago entorpecimento de volúpia.

Como para contrastar com toda essa suavidade de tons e sons, havia no fundo do salão principal um enorme tímpano de metal polido, em forma de quadrante de relógio, que servia para marcar as várias peças da dança. Era bastante que o regente da orquestra tocasse, lá do seu esconderijo, num botãozinho elétrico, que tinha ao lado, para que o grande tímpano, nem só com um ponteiro, mas em badaladas sonoras, anunciasse por toda a casa a quadrilha ou a valsa que se ia dançar.

Um terraço, iluminado à luz elétrica, estabelecia comunicação entre as salas e a chácara, onde pequenos quiosques transparentes, como gigantescas lanternas

de papel pousadas sobre a grama, ofereciam aos convidados a mais completa variedade de vinhos e refrescos.

— Com efeito! disse o Barroso, olhando com um ar de censura para tudo aquilo. Com efeito! É até onde pode chegar a maluquice de um homem! ...

E não conseguiu reprimir a sua indignação ao ver o Borges aproximar-se dele aos saltos, agitando o irrequeto e escandaloso penacho do seu ofuscante capacete cor de prata:

— Que diabo é isso?!... exclamou, deste para maluco?! Pois não vês, homem, que já não te ficam bem essas coisas?!... Queres acabar num hospício?!... Ora, o que parece um marmanjão da tua idade a pular no meio da casa, vestido de princês?!...

— Que queres, meu amigo?... o amor! o amor! disse o Borges, procurando ser grave e conseguindo apenas ficar mais cômico debaixo da sua cabeleira a Luís XV.

— Qual o amor, nem qual carapuça! retrucou o outros ralhando. Eu amo muito minha mulher., e ai dela se me viesse para cá com pantomimices dessa ordem!

— É por que não estás nas minhas condições! Fosses tu casado com Filomena e dir-me-ias depois!

— Qual o quê!, contradisse o Barroso. Tu o que precisavas era de um cáustico na nuca!

— Mas, com a breca! querias então que eu contrariasse min ha mulher?! ... repontou o Borges, perdendo a paciência. Que diabo! eu desejava estar casado de outro modo!... juro-te que preferia uma esposa como dizes ser a tua!... Mas a sorte não quis assim; que lhe hei de eu fazer?... Agora é levar a cruz ao Calvário! Se eu não a estimasse, bem! mas eu adoro-a, como já te confessei um milhão de vezes; e ela, meu amigo, formosa, querida, desejada como é, vendo-se contrariada, seria, em represália, muito capaz de fugir dos meus braços para os de outro qualquer!

— Pois que fugisse! É boa!

— Que fugisse, não! bradou o Borges encolerizando-se. Vai para o diabo com o teu agouro! Prefiro tudo a ver-me privado da sua companhia! Serei um louco, um libertino, um criminoso, se preciso for, contanto que a tenha sempre ao meu lado, que a veja, que a sinta, que a ame, que a possua! Deixá-la ir! E nesse caso de que me serviria a vida?... Sem ela de que me serviria a posição social, a estima pública e todas as grandezas da terra?!

— Não era dessa forma que me falavas há poucos dias... observou o Barroso, deveras surpreso com a transformação rápida que se acabava de operar no amigo.

— É que então não me aconselhavas que a deixasse fugir de meus braços! ... respondeu o marido de Filomena.

— O que te afianço, acrescentou o outro, é que, se desconfiasse que havias de mudar tão depressa, não teria vindo à tua casa...

— Estás arrependido?...

— Não, filho! não estou arrependido... mas é que ainda há tão poucos dias tu te queixavas daquela forma de tua mulher, e hoje saltas-me com três pedras na mão, só porque eu...

— Ah! tornou o Borges, passando o braço na cintura do amigo e procurando falar-lhe em segredo. Ah!... é que nesse momento eu estava longe de Filomena, fora do alcance de sua fascinação, do perfume de seus cabelos, do eco de sua voz, da reflexão de seus olhos?

O Barroso fitou-o assombrado, e fez um gesto para fugir-lhe do braço. Que diabo de palavrório era aquele?! ...

O outro não fez caso e segurou-o melhor.

— Vê! ... disse-lhe entusiasmado apontando para a mulher, que atravessava a sala próxima. Olha! Vê como vai formosa! Contempla aquela garganta de mármore, aquele porte de rainha egípcia; aqueles olhos mais formosos que as estrelas! Contempla -a toda, e dir-me-ás depois, desgraçado! se há no mundo coisa alguma que valha a posse de todo aquele tesouro vivo e palpitante!... se há coisa alguma, seja ela a doçura do lar, as glórias do talento, a consolação do trabalho, as honrarias sociais, o respeito, o acatamento de seus semelhantes, o amor de uma geração inteira — se há alguma coisa que possa corresponder à suprema ventura de ser seu escravo!

— Tu bebeste demais! exclamou o Barroso, conseguindo afinal arrancar-se-lhe dos braços.

— Ainda não bebi demais! respondeu o barão, fazendo um gesto dramático.

— Mas lembraste a propósito: champanha! exclamou para um criado. Champanha! Depressa!

E depois, erguendo a taça, que se lhe entornava sobre os dedos: — Ao amor, Barroso! Ao sempre belo! ao sempre novo! ao nunca vencido! ao amor!

— Estás insuportável! resmungou o amigo, pensando já em escamugar-se na primeira ocasião.

E mal pilhou uma escapula, foi-se.

Em casa, a mulher, que ainda estava de pé, admirou-se de o ver entrar tão cedo.

— Pois eu estou lá disposto a aturar bebedeiras de quem quer que seja?! ... exclamou ele, desabridamente, a desenfiar a sobrecasaca. O Borges está insuportável! Está um libertino! A mulher faz dele o que quer. Eu, se adivinhasse semelhante coisa, até nem lhe tinha falado quando o vi! Um pancada!

— Mas que fez ele?... perguntou D. Sabina, emperrando com as palavras do marido.

— Ora! Faz todas as loucuras que vêm à cabeça da mulher! Não imaginas!... É bastante que ela mostre desejo de uma coisa, seja qual for, a mais extravagante, a mais irrealizável, aí está o homem tratando de pô-la em prática! Deus te livre!

— Então faz-lhe todas as vontades?...

— Pois se ele está apaixonado loucamente pela mulher! se está mesmo pelo beijo!

E o Barroso passou a contar tudo o que presenciara a respeito do Borges.

— Sim senhor! disse D. Sabina, quando ele terminou. Sim, senhor! É um marido às direitas! Assim é que eu os entendo — ou bem que um casal se ama ou bem que se não ama!

— Que é lá isso?... perguntou Barroso espantado. — Pois achas que aquele idiota procede bem, fazendo todas as vontades à mulher?!

— De certo! acudiu Sabina — de certo. E há de ser muito amado e muito respeitado pela esposa. Eu, no caso dele, faria o mesmo. Pois se a mulher é todo o seu encanto, todo o seu feitiço, nada mais natural que o homem lhe faça as vontades para vê-la feliz e satisfeita. Não tem que saber — gosto do Borges! É um marido que me enche as medidas!

— Ora! ora! ora! fez o Barroso, sacudindo a cabeça — ora esta!

Sabina prosseguiu:

— De uma mulherzinha como a dele é que você precisava para o ensinar, seu unha de fome! Não devia ser uma toleirona, como eu, que levo aqui a matar-me, às vezes até fazendo o despejo! E quando quero ir a qualquer divertimento, quando apeteço um teatro, um passeio, uma visita, ou quando preciso de um vestidinho mais assim ou de um chapéu mais assado, você nunca está pela coisa!

— Porque não sou doido! respondeu o Barroso com mau modo. — Estaria bem servido se fosse a fazer-te todas as vontades! — a estas horas não teria onde cair morto!

— Ora, não me venha contar histórias, seu Barroso! Não haviam de ser essas misérias que o poriam mais pobre! Hoje, por exemplo... por que não me levou à casa de seu amigo?... Eu tinha tanta vontade de lá ir!... Dizem que estava tudo preparado com tanto luxo, tão bonito!... E você, só para não me fazer a vontade, deixou-me ficar em casa!

— Pergunta antes se tinha dinheiro para te levar!

— Lá vem a tal história do “pergunta se eu tenho dinheiro!” O mesmo não diz você aos procuradores dessas sociedades, que não lhe largam a porta! Principalmente a tal Maçonaria! Meu Deus, é um cesto roto para comer dinheiro! Entretanto, o mais insignificante objeto de que eu precise...

— Olha! queres saber de uma coisa?! exclamou o Barroso, interrompendo-a. — Não estou disposto a ouvir essa lengalenga! Por hoje já basta de maluquices! Se te não levei à casa do Borges foi porque não quis, entendes tu! Porque não quis! e não tenho que te dar satisfações! Ora, vamos a ver se temos aqui a Filomena Borges!

— Ah! fale assim! retrucou a mulher enraivecendo-se. — Fale desse modo e não venha para cá com fingimentos! Você não me levou à casa do barão, porque teve pena de comprar um vestido! porque não teve coragem para alugar um carro! Sumítico!

— Ó mulher! berrou o marido. — Já te disse que não estou disposto a essa siringação!

— Pois que não esteja! Eu também não estou disposta a muita coisa e vou agüentando! Só não pilho o que desejo! — Há mais de uma semana pedi-lhe que comprasse um tapete, ali para o pé da cama, que, sempre que me levanto, é uma constipação certa — e, que é dele?!

Aí temos outra!

— Pois se é assim mesmo! Eu nada lhe peço que você faça!...

— Não tenho onde cavar dinheiro! Arre!

— Mas tem por fora onde enterrá-lo! Quem sabe se o Borges é mais rico do que você?!

— Mulher! mulher! mulher! Estás a fazer chegar-me a mostarda ao nariz!

— Diabo do sovina!

— Cala esta boca, demônio! trovejou o Barroso, ameaçando a mulher com o punho fechado.

— Bate, malvado! guinchou ela, empertigando-se com as mãos nas cadeiras, lívida, defronte do marido. Bate! Também é só para que serves. Ordinário!

E, voltando-se com desprezo. — Um pulha desta ordem a querer falar dos outros! — Por isso é que se vê tanta coisa por aí!

— Hein?! berrou o marido, saltando para junto da mulher. Que é que se vê por aí?! Hás de dizer o que se vê por aí!

— Hás de dizer! há de dizer!

E cego de cólera, a sacudir um braço de Sabina:

— Solte-me o braço, seu bruto!

— Atrevida! Quero só que vejam a intenção perversa daquela ameaça!

E empurrando-a: — Vai-te peste! Vocês são todas a mesma súcia! E ainda há quem dê os homens como culpados das patifarias das mulheres! ...

— E são! respondeu Sabina. E são! E fazem elas muito bem! Era do que você precisava para não ser bruto!

O Barroso, que se havia afastado, volta rapidamente ao ouvir a nova ameaça, e com tal força arremessou um pé contra a mulher, que a fez ir aos trambolhões de encontro à mesa de jantar.

— Bate, danado! bate! que não me há de tapar a boca!

O pequeno, no quarto, acabava de despertar com o barulho e pôs-se a fazer berreiro.

A mulher correu logo para junto dele e foi lhe assistindo palmadas nas perninhas tenras, a exclamar:

— Tu também, pestezinha? tu também queres entrar no sarilho?! Pois toma! Toma!

E o pequeno redobrava a gritaria na proporção das palmadas.

— Não mates a criança! rugiu o Barroso, puxando a mulher pelo braço e fazendo-a cair por terra. Ela não tem culpa que a acordasses tu com os teus berros!

— Dou! posso dar! retorquiu Sabina, esganiçando-se. É meu filho! não é seu!

— Não é meu, cachorra?!

E a pancadaria recomeçou.

Mas afinal, a desgraçada foi deitar-se, a chorar, a maldizer-se, e o marido daí a pouco fez o mesmo, ao lado dela, resmungando.

Algumas horas depois dormiam profundamente nos braços um do outro.

— Vivemos como Deus com os anjos!... balbuciava ele, sonhando, a conversa que tivera com o Borges no Passeio Público. — Meiguice ali!... Mas também podes ver de que maneira a trato!

Ah! hipócritas! hipócritas!

XII

AMOR DE FILOMENA

Por esse tempo a festa do Borges atingia o seu apogeu.

Chegava ao momento do completo delírio, do prazer sem bordas que embala e arrebatava os sentidos, como um vasto oceano de delícias, sem horizontes. Chegava ao ponto em que a gente perde a noção justa das coisas e cai num doce modorrar voluptuoso e alheado; quando tudo o que nos cerca vai-se confundindo, dissolvendo, perdendo os contornos num esbatimento de sonho; quando todos os hábitos se misturam no ar; quando os perfumes das mulheres, os gemidos das rabecas, e todas as cintilações da carne, e todas as rebrilhações dos diamantes se fundem e confundem numa atmosfera opalina, que nos penetra até os mais íntimos refolhos da alma.

Mas, no meio de tanta delícia, Filomena recebeu em pleno coração um abalo que ela estava longe de prever.

Este abalo foi causado por uma carta caída do cinto do marido. Filomena apanhou-a, refugiou-se no quarto, abriu-a e leu-a.

Era dirigida por aquela célebre viúva rica, a Chiquinha Perdigão, a mulher de firma comercial, a mesma que em algum tempo tentara seduzir o Borges e que, afinal, a julgar pelo sentido do que vinha escrito, conseguira pouco mais ou menos os seus desígnios.

Eis o que dizia ela, à tinta encarnada, numa pequena folha de papel de seda, rescendente a couro da Rússia:

“Querido barão.

Em data de ontem, recebi a sua a mável cartinha e tenho o mais vivo prazer em cumprir com o que ela me determina.

Não sei o que vou ouvir de seus lábios, mas adivinha-me o coração que não será nada de mau.

Durante a sexta quadrilha estarei à sua espera no caramanchão que fica ao fundo da avenida de bambus.

A essa hora ninguém se lembrará de lá ir, e poderemos então conversar à vontade, sem que D. Filomena venha a suspeitar de nossa entrevista.

Por mais cautela levarei um dominó escuro, que previamente ficará depositado no gabinete das senhoras, e acho que o barão deve também se disfarçar com outro dominó.

Por conseguinte, não se comprometa com pessoa alguma para a sexta quadrilha e, à hora marcada, esteja no ponto, sem falta.

Aquela que o estima e *sempre* o estimou,
C. Perdigão.”

— Miseráveis! exclamou Filomena, amarrotando a carta. — Miseráveis!

E, depois que o seu pensamento percorreu num vôo toda a órbita do fato que ali estava provado naquele pedaço de papel, sentiu uma grande indignação pelo marido.

— Trair-me! Trair-me o infame! E logo com quem?... Com a Chiquinha! ... uma mulher que pinta os cabelos e usa enchimentos de algodão! Oh! É indigno!

E, sem se poder dominar, deixou-se possuir de um desespero sombrio, de uma aflitiva sede de vingança; mas, caiu logo em si, e circunvagou olhares sobressaltados, como se receasse ser apanhada na intimidade daquele sofrimento.

Desconheceu-se.

— Pois que... teria ela ciúmes do marido?... Seria crível que ela — Filomela Borges! — amasse aquele homem, aquele impostor?! Oh! não! não era possível!

Ergueu-se da otomana, em que se havia prostrado, e pôs-se a passear pelo quarto, rindo nervosamente, a afetar que não ligava “a menor importância àqueles amores ridículos do marido”

— Que amasse! que amasse à vontade a quem melhor entendesse! que diabo tinha ela com isso?!...

E, sentindo um novelo enrodilhar-se-lhe na garganta, foi à janela e abriu-a bruscamente de par em par.

Sua fantasia fugiu logo noite fora, como ave ominosa e amiga das trevas e do silêncio. E ela ficou, ficou a olhar, a olhar para o espaço, como se acompanhasse com a vista o doido remigiar do pássaro fantástico e agoureiro.

A noite era calma e de uma transparência azul. Sentiam-se no ar emanações balsâmicas que se despediam do jardim, onde ainda bruxuleavam tristemente os últimos balõezinhos venezianos; ao passo que das salas do primeiro andar, em um tom cansado e arquejante, subiam de rastros longos gemidos de outras valsas alemãs.

Filomena apoiou os cotovelos no balcão da janela, cobriu o rosto com as mãos e pôs-se a chorar.

Nisto, a lua, afastando a cortina de nuvens que a velava, entornou da concha de prata a sua luz tranqüila e misteriosa, que é, como um doce orvalho, refrigerante para os corações abrasados na febre do amor.

Então uma infinidade de considerações veio grupar-se no espírito magoado de Filomena Borges.

Agora, que pela primeira vez o esposo lhe aparecia capaz de esquecê-la por outra, é que ela o desejava e queria como nunca. As palavras da viúva enchiam-na toda de um amor inesperado e punham-lhe no espírito o sobressalto de quem dá de repente pela falta de um objeto precioso que trazia consigo; enquanto a pontinha sorradeira de um nascente remorso aproveitava a perturbação em que ela estava para ir desfibrando, um por um, todos os véus que escondiam as qualidades simpáticas do marido.

E o vulto do Borges, à proporção que se descobria aos olhos da mulher, ia crescendo, crescendo, e tomando dimensões extraordinárias.

— Filomena já o via generoso, bom, intrépido e apaixonado. — Sim!... murmurou ela, como se despertasse de um longo entorpecimento. — Sim!...

Ele era digno de muito mais amor! É um homem completo, um coração enorme, um caráter sublime! Eu, só eu, fui a culpada de o haver perdido: nunca o apreciei devidamente! nunca lhe paguei em amor bastante tudo que a sua dedicação punha aos meus pés! Imprudente que fui!... Mas ele?! ... Ele! como pôde esquecer-se de mim por aquela mulher detestável?! Oh! Eu detesto-o! Eu abomino-o!

E, escondendo de novo o rosto, abriu de novo a chorar.

Estava agora mais formosa na sua fantasia espanhola: toda vergada sobre o balcão da janela, os quadris empinados, suspendendo um pouco mais a saia de seda amarela, guarnecida de rendas pretas; as pernas cruzadas, os ombros vagamente iluminados pela lua, faziam estranha harmonia naquela expressão de angústia, casada com o *salero* de seu tipo a Fortúnio.

Mas um beijo à queima-roupa, recebido em cheio no pescoço, fê-la soltar um grito e voltar-se rápida como uma espada em duelo.

A seu lado tremulava o irrequieto penacho vermelho do marido, cujas mãos lhe haviam já empolgado a cinta e a puxavam brandamente sobre ele.

Filomena, em vez da costumada resistência, passou-lhe os braços em volta do pescoço e começou a disparar-lhe beijos por todo o rosto, com um tal ardor e com uma tal obstinação, que o pobre homem, pouco habituado àqueles ataques, esteve a perder o fôlego.

— Upa! exclamou ele afinal, atordoado e cheio de espanto.

A mulher fitou-o por alguns segundos e, de repente, atirou-se-lhe de novo nos braços como uma descarga. O Borges, ainda desorientado com a primeira, hesitou entre a resolução de fugir ou implorar graças. Daquela forma a mulher dava-lhe cabo do canastro!... Que menina!

— Tu amas-me Borges?! interrogou ela, segurando-lhe as mãos com transporte.

— Ora, que pergunta! Pois ainda tens alguma dúvida a esse respeito?

— Não sei! Quero que respondas! Quero que digas se me amas, se és só meu!

— Oh! Tu até me ofendes com isso, filhinha! Bem sabes que sim... mas, anda daí. Há meia hora que estou à tua procura... alguns dos nossos convidados já se querem raspar. Anda, vem daí!

— Não! Espera, espera um instante! Desejo ter-te ainda algum tempo nos meus braços! Não me fujas! Vem cá!

O Borges, cada vez mais surpreso, não teve forças para resistir, e os dois, assentados no mesmo divã, abraçados como dois amantes de quinze dias, juravam e tornavam a jurar uma afeição eterna, quando, no fim de meia hora, o sinal da sexta quadrilha os foi interromper.

— Ouviste? exclamou ele, pondo-se de pé. — Vão tocar uma quadrilha; não devemos ficar aqui. A caminho!

— É a sexta, disse Filomena.

— É! é a sexta... repetiu ele.

— Pois vamos. Serás o meu par; ainda não dançaste hoje comigo...

— Impossível, balbuciou o Borges, já tenho par. Dançaremos a seguinte.

— Não quero! Quero esta!

— Mas, meu amor, se te estou dizendo que...

— Quem é o teu par?!

— É...

— A Chiquinha... Aposto!

— É exato, é justamente a Chiquinha, disse o marido enrubescendo.

— Pois vai! Vai!, respondeu a mulher repelindo-o. Eu fico.

— Ficas aqui?

— Fico.

— E os nossos convidados?...

— Que esperem.

— Acho que fazes mal; devias dançar.

— Só dançaria contigo...

— Então, até logo.

— Até já.

E ele foi-se.

A mulher, mal o viu pelas costas, correu ao guarda-roupa, abriu-o, sacou um dominó preto, enfiou-o rapidamente no corpo, pôs máscara, tomou o seu chicote de montaria, e, depois de vencer ligeira o segundo andar, ganhou as escadas do fundo e desapareceu.

Atravessou a chácara como um pássaro que foge, entrou na avenida de bambus e dirigiu-se ofegante, trêmula, para o ponto da entrevista.

A fronde compacta de árvores e o tear das trepadeiras acumulavam sombras. Filomena embrenhou-se por entre elas, só diminuiu a força da carreira nas proximidades do caramanchão.

Ao entrar sentiu dois braços prenderem-lhe o pescoço, ouviu uma voz que se queixava de medo, enquanto um corpo de mulher procurava unir-se ao dela.

Filomena recuou incontinenti, e, puxando da chibata, remeteu duas vergastadas contra o dominó que tinha defronte de si.

Este soltou um grito, menos de raiva que de dor e, arrancando a máscara, exclamou:

— Barão!

— Não é o barão, é a baronesa!, respondeu a outra, tirando também a sua máscara.

— A senhora?!

— Sim! A quem queria trair, miserável!

— É falso!

— Nem uma palavra, e some-te daqui já!

— Mas ouça-me!

— Não quero ouvir nada! Sai já de minha casa! Traidora! Põe-te já daqui para fora, se não queres ser desfeiteada lá em cima, na presença de todos os meus amigos. Rua!

A viúva soltou uma rabanada e fez menção de entrar na avenida de bambus.

— Não! disse a baronesa, cortando-lhe a passagem. Não hás de sair pela frente; passarás por onde sai a gente de tua espécie!

E levou-a aos empurrões até os fundos da chácara, onde havia um portão, que Filomena abriu, dizendo:

— Vai, e quando me vires em qualquer parte, abaixa os olhos!

— Havemos de nos encontrar! ... ameaçou a viúva, depois de atravessar a porta. Juro-te que me pagarás tudo isto!

— Rua! insistiu Filomena, fechando a porta com estrondo; e, já de volta ao caramanchão, disse entredentes:

— Agora o outro!...

Ao chegar aí, um calafrio percorreu-lhe o corpo - já lá estava o marido.

Não disfarçado de dominó, como recomendava a carta, mas com a sua camisa cor-de-rosa, as suas botas de montar e o seu penacho vermelho.

E passeava de um para outro lado, cheio de preocupação, as mãos cruzadas atrás, o capacete na nuca, o ar de quem espera no corredor que lhe abram a porta da sala.

Filomena armou a máscara no rosto, conteve o melhor que pôde a sua cólera, e avançou de braços abertos para o *chicard*.

Mas qual não foi a sua surpresa ao ver-se repelida brandamente por ele!

— Perdão, disse o Borges, a senhora pelo que parece, compreendeu mal o meu convite.

E oferecendo-lhe lugar num banquinho que havia perto:

— Tenha a bondade de sentar-se. Não levarei muito tempo a dizer o que me obrigou a incomodá-la. Devia ter ido procurá-la em casa, mas é que se trata de um negócio urgente, muito urgente, um verdadeiro aperto! Um aperto sério! Se amanhã não conseguir levantar vinte mil cruzeiros, estou perdido! Não me convém recorrer aos bancos por todo este ano...

E, vendo que a suposta viúva não ia ao encontro de seu pedido:

— Podemos arranjar uma hipoteca... se não lhe convém o n. 6 das Laranjeiras, vê-se outro, contanto que...

E já incomodado com o silêncio do dominó:

— Creio que a proposta é razoável... Que acha?... A senhora pode servir-me, se... Não quis falar ao Fontes, o seu sócio, sem saber de antemão se podia contar com o seu apoio.

Novo silêncio.

O Borges, já enfiado, caiu então nas minudências comerciais. Falou de letras, transações, lembrou firmas, com que ele podia contar.

Porém o silêncio continuava.

— Então?! Que diz?! Perguntou ele, muito desconcertado.

Filomena arrancou a máscara e atirou-se-lhe nos braços desfeita em soluços.

— Tu?! Que significa isto?!

Ela puxou do bolso a carta da viúva e entregou-a ao marido.

— Pois imaginaste que eu seria capaz de... oh!...

E ferido de súbito por uma idéia:

— E ela?! A viúva Perdigão, que fim levou?!

Filomena contou-lhe o que se havia passado.

Borges deixou cair a cabeça, as mãos:

— Fizeste-a bonita!... exclamou ele. — Vais ver as conseqüências!

— Que queres? Tive ciúmes! balbuciou a mulher. Dizem tanta coisa da Chiquinha, que...

— Tolinha! interrompeu o marido, abraçando-a de novo.

— E por que não me falaste com franqueza?... acrescentou ela.

— Temia afligir-te...

— Fizeste mal! Se me tivesses prevenido, nada disto sucederia!

E notando o acabrunhamento do esposo:

— Mas, enfim que há?! Creio que agora já posso saber! De que apuros falavas tu ainda há pouco?...

— Estou sobre um abismo! disse o Borges, afinal — sobre um abismo, minha querida! Se não arranjar certos negócios até o vencimento de umas letras que tenho, creio que irá tudo por água abaixo! A ruína será inevitável!

— Pois que venha a ruína! respondeu Filomena erguendo-se. Eu terei bastante coragem para afrontá-la!

XIII

NOVAS TORTURAS

O Borges não conseguiu arranjar os tais negócios de que tratava, e a roda de sua fortuna recebeu o primeiro impulso para desandar.

Desde então tudo lhe foi contrário; todas as suas especulações falharam; todos os capitais que arriscou foram-se pela correnteza.

A idéia de uma ruína completa torturava-o principalmente por causa de Filomena.

— Que seria, se lhes viessem a faltar os elementos do luxo e do prazer?... Desgraçado que sou! pensava ele. Agora que possuo a confiança e a dedicação de minha esposa, é que a fortuna entende de se ir embora! De que me serve uma coisa sem outra?!

E na sua febre de agarrar pela nuca a deusa que lhe fugia, arriscou tudo que lhe restava: vendeu casa, empenhou títulos e atirou-se ao jogo como a uma tábua de salvação. As suas propriedades foram desaparecendo a pouco e pouco, passando a outros; as suas ações de várias companhias foram-se dissolvendo; as suas apólices derretiam-se; os seus últimos recursos evaporavam-se.

Viúva Perdigão & Cia. Faziam-lhe uma guerra atroz; para qualquer lado que se voltasse o Borges encontrava logo a sanha implacável do inimigo. E tudo parecia apostado para destruí-lo, para matá-lo por sua vez. Um jornal diário, de grandes proporções, comercial, amigo do governo, em cuja fundação Borges arriscara cinqüenta mil cruzeiros, acabava de estalar, como estalou o Banco Mauá onde ele possuía em depósito o duplo dessa quantia.

Porém o seu maior desastre foi com as empresas teatrais: o Borges, que ultimamente freqüentava todos os teatros, aparecendo familiarmente nas caixas, não podia passar despercebido aos empresários vazios de dinheiro e transbordantes de projetos e planos gigantescos.

Vira-se em breve cercado de homens de todos os matizes e nacionalidades, que desejavam associá-lo em mil empresas diversas. Um queria estabelecer um grande “jardim -recreio”, no qual, à moda do antigo Tivoli parisiense, se encontrasse toda a sorte de divertimentos — representação, sala de tiro, dança, concerto, apostas, e uma infinidade de jogos para toda a espécie e categoria de gente: outro pretendia inaugurar o teatro nacional “levantar a pobre arte dramática brasileira, que João Caetano plantara com tanto gênio!”; outro queria desenvolver o Alcazar, fazer ver uma boa companhia francesa; outro queria a ópera em português, com música nacional e cantores estrangeiros; este trazia o plano de um circo de cavalinhos; aquele o projeto de uma tourada; aquele outro a idéia de um *Skating-Rink*.

E na fúria de ganhar dinheiro às pressas, Borges, se não aceitou todas aquelas propostas, aceitou grande parte. E tudo isso rebentou, e tudo isso deu com os burros n’água, e os capitais do marido de Filomena acompanharam os burros.

Afinal, restava-lhe apenas uma empresa; também, essa a mais importante e felizmente nada tinha de comum com os teatros: — Tratava-se pura e simplesmente de explorar o carneiro.

— Essa indústria completamente desconhecida no Brasil, dizia o proponente, espanhol sagaz e viajado — essa indústria, Sr. Barão, está destinada a representar um papel importantíssimo neste belo país. Ela virá fornecer ao povo elementos novos de riquezas; aumentará o valor das terras, equilibrará os capitais, reformará a vida dos agricultores, educará o fazendeiro, dando-lhe

novos conhecimentos zootécnicos, novos costumes e novas necessidades: enfim, essa indústria está destinada a fazer aqui uma revolução econômica e social, e levar à posteridade o nome daquele que entre nós a firmar corajosamente, como em Buenos Aires sucedeu com o cônsul norte-americano Haley.

O Borges podia, se quisesse, nem só fazer uma fortuna colossal, como ainda imortalizar-se.

Aí estavam os exemplos da Austrália, do Cabo da Boa Esperança e da República Argentina, os três grandes fornecedores de lã para o mundo inteiro. Ora, por que razão o Brasil, situado tão perto dessas regiões; o Brasil que não está sujeito aos frios da Austrália e aos bochornos do Cabo, por que razão o Brasil não havia de explorar o carneiro?! A alimentação desse precioso animal seria muito mais fácil aqui do que em outra qualquer parte!... Aqui, com as nossas vastas campinas, sempre cobertas de verdura, não se daria o que se dá na Europa, onde a carestia de feno constitui o maior tormento dos criadores de gado lanígero.

E fazia cálculos, apresentava cifras muito bonitas — três tosquias por ano — mais de quinhentos por cento de lucro! E citava os carneiros preferíveis ao Brasil, falava com entusiasmo no merino espanhol, melhorado pelos métodos zootécnicos, o merino da Saxônia, o Bambouillet, o merino da Mauchamp, o merino Loyeuse, os de Lanraguais, os *dishley* de Montecavrel, o *negretti* eleitoral! E se o Borges também quisesse explorar a carne do carneiro, podia importar da Inglaterra os *Southdown*, os *Dixley*, os *Dixley-Leicester*, conhecidos pelo nome de — raça precoce, e cujo esqueleto diminui na razão do aumento das banhas e da carne.

Acumulava termos técnicos; fazia divisões de espécies, lembrava os carneiros braquicéfalos e os carneiros dolococéfalos.

O Borges sucumbia debaixo dessa terminologia estranha aos seus ouvidos. — E o leite?! gritava o espanhol. — Quem poderia impedir que o Barão, com o leite de suas ovelhas viesse a fazer concorrência aos célebres queijos de Roquefort?... E o comércio das peles? ... Para o curtume das peles bem se podia aproveitar com vantagem a casca de certas árvores brasileiras muito abundantes e não fazer como o Rio da Prata, que exporta as suas peles em bruto. Enfim, o sr. barão, para v. s. ter idéia do lucro fabuloso que vamos fruir com os nossos carneiros, basta considerar que, só com o produto do esterco, vendido pela mínima, temos quase salvo o capital! Berion trata disso minuciosamente! Leia o grande veterinário Sanson! Leia José Hernandez!

O Borges só compreendeu que era o único carneiro explorado naquela empresa, no dia em que viu o espanhol desaparecer, levando consigo o dinheiro que lhe pôde apanhar.

Dizia-se que havia fugido para S. Paulo; Borges, sem perda de tempo, tomou o caminho dessa província; mas os seus esforços foram baldados — ninguém lhe soube dar notícias do gatuno.

Contudo, a viagem sempre lhe aproveitou alguma coisa: pareceu-lhe que em S. Paulo faria dinheiro; o caso era achar um amigo que lhe desse a mão, e dispôs-se a labutar com o mesmo ardor de quando principiou a vida.

— O mesmo ardor! ... Ah! mas nesse tempo não conhecia ele outra preocupação que não fosse o seu trabalho! Nesse tempo não tinha vícios, não tinha desgosto, não tinha inimigos, não tinha responsabilidades sociais!

Onde iria ele agora descobrir a coragem e a resignação que dantes possuía?! ... Como levantar-se às seis da manhã e só deixar o serviço às seis da tarde?!

Entretanto, estava disposto a principiar de novo a existência; chegou mesmo a fazer algumas propostas de construção; agora toda a dificuldade era descobrir o tal amigo que o ajudasse!

Voltou à corte; percorreu os bancos, consultou vários negociantes — nada! A viúva Perdigão cortava-lhe todas as vazas.

Mais ainda havia o Barroso. — Era impossível que esse também lhe virasse as costas,

Procurou-o.

— Homem, filho!, respondeu o austero marido de Sabina, — Para falar-te com franqueza, não vieste bater a muito boa porta - não estou, para que digamos, em estado de arriscar a quantia que desejas; mas enfim..., havemos de ver...

— Porém é necessário tratarmos disto quanto antes! — observou o Borges. Estou com a corda no pescoço; tenho de seguir de muda para S. Paulo até o fim do mês; não posso ficar nem mais um instante no Rio de Janeiro!

— Havemos de ver!... Havemos de ver... e como vais tu com tua mulher?

— Assim-assim... ela ultimamente está mais meiga e menos caprichosa. Mas então prometes que para a semana realizamos o negócio?

— É possível! É possível! disse o Barroso fugindo ao assunto. Pois lá a minha Sabina continua no mesmo. Não! nisso tenho sido feliz...

O barão tornou a puxar a conversa para o seu negócio. O outro, afinal, prometeu ajudá-lo.

Mas, desde esse dia, Borges principiou a não encontrá-lo em parte alguma, até que uma vez, indo procurá-lo em casa, antes das sete da manhã, e tendo penetrado familiarmente pela chácara, ouviu o amigo ordenar à mulher em tom misterioso:

— Dize-lhe que não estou. Ora sebo! Não gastasse o que tinha! Ninguém está disposto a se amolar pelos outros!... Fosse mais poupado, fizesse como eu! É boa!

Borges voltou na ponta dos pés, sem esperar a resposta. Ia aniquilado, desiludido.

— Pois até o Barroso?!... O único amigo em que ele ainda depositava confiança! O seu velho camarada dos primeiros anos! O seu companheiro de lutas! O seu “outro eu”! também lhe voltava o rosto, também o repelia?! Oh! Com efeito!

Chegou à casa desorientado, perdido. Já lá estava uma carta anônima à sua espera, para mais lhe envenenar a ferida. Era do Guterres, naturalmente; talvez da viúva Perdigão, talvez do Barradinhas!...

O pobre homem, depois de lê-la, atirou-se à cama, desesperado, mordendo os travesseiros para abafar os soluços e não ser ouvido pela esposa.

Esta, porém, correu ao encontro dele, tomou-o nos braços, consolou-o com os seus beijos e procurou transmitir-lhe a sua coragem.

— Não desanimes! bradava-lhe. — Não desanimes, que o mundo é vasto e havemos de descobrir um canto, onde se possa abrigar o nosso amor! Deus há de proteger-nos!... Enquanto tivermos um pouco de sol, um pouco de ar e um pouco de azul, não nos devemos revoltar contra o destino!

Mas os credores surgiam de todos os lados. Era preciso entregar tudo, despedir os criados, abandonar aquela casa, aqueles trastes, os cavalos, os carros, as telas preciosas, as porcelanas de *sévres*, os talheres de *vermeil*.

— Seja! exclamou ela, atirando-se radiante nos braços do marido. Que levem tudo, contanto que tu fiques!

E com a estreiteza da situação redobrava o seu amor pelo Borges, como se o reflexo de toda aquela desgraça o tornasse maior e mais brilhante aos olhos dela.

E, na ocasião de sair, antes de abandonar o ninho, Filomena, entre os trastes desarrumados para o leilão, na desordem daquela casa esplêndida que eles iam deixar para sempre, soltou uma gargalhada, foi buscar a última garrafa de champanha que havia na sua adega, outrora tão rica, quebrou-lhe o gargalo de encontro ao mármore secular de um móvel, e, enchendo uma taça, e colando os lábios nos do marido, e chorando de prazer, brindou à nova existência que se ia abrir defronte deles alegre e luminosa, como uma aurora que surge.

XIV

MISÉRIA

Seguiram para S. Paulo, quase sem recursos, levando as jóias na algibeira e, todavia, satisfeitos, cheios de esperança, orgulhosos daquela situação extraordinária, que os unia mais, que os identificava e como que os tinha abraçados e enleados pela mesma desgraça, cosidos dentro da mesma mortalha.

Hospedaram-se no Grande Hotel, fazendo uma existência difícil, vivendo de expedientes, empenhando diamantes, jogando.

Foi então que se manifestaram em Filomena os primeiros sintomas de gravidez, e este fato, que noutra tempo teria causado a felicidade do pobre Borges, agora representava nada menos que um novo obstáculo a vencer.

Ah! O bom homem fazia esforços supremos para não deixar transparecer o quanto sofria com aquele viver tão contrário ao seu gênio! Mostrava-se forte, resignado, seguro numa fé que não existia, falando a cada instante de fortunas

imprevistas, sonhando acasos de grande felicidade que, de um momento para outro, lhe restituíssem a sua antiga posição.

Mas passavam-se os dias, e a fortuna sempre esquivava. Embalde furava o Borges por todos os lados, à procura de trabalho, à procura de emprego. Ninguém o queria.

Vinham-lhe então grandes desânimos, que o desgraçado já não podia esconder da mulher. Às vezes até, depois de um dia de inútil campanha em busca de serviço ou quando, em vez de ganhar, perdia tudo ao jogo, ou quando se gastava pelos cafés e pelas ruas, cansando-se na convivência dos vadios, tinha acessos de desespero. Entrava em casa brutalmente aniquilado, dando com a cabeça pelas paredes, blasfemando, pedindo em berros a morte e atirando-se tragicamente ao chão, lívido e arquejante.

Oh! mas como Filomena o amava nesses momentos! Com que transporte o recebia no colo, beijando-lhe os olhos em chama, afagando-lhe os cabelos empastados de suor, ameigando-lhe o grosso bigode conspurcado de cerveja e nicotina.

Estranha existência a dessas duas criaturas, que a natureza fez tão diversas, tão contrárias, mas que o acaso lançou no mesmo destino, abraçadas a uma só onda, sofrendo e gozando promiscuamente, sem nunca poderem determinar onde principiava a dor, onde terminava o gozo.

A mesma cousa, que a um fazia padecer, dava ao outro transportes de alegria. Daí esse equilíbrio da lágrima e do riso, que era a fonte de toda a sua coragem e de toda a sua força. Não podia sucumbir nunca, porque um deles estava sempre de pé para amparar o companheiro quando este porventura vacilasse.

E assim se passaram meses, sem que o Borges conseguisse arranjar meios seguros de vida. Entretanto, os recursos iam decrescendo; o círculo apertava-se em torno deles, à medida que se desenvolvia a gravidez de Filomena.

Tiveram que deixar o primeiro hotel por um outro mais modesto, depois este por outro, até que afinal, sempre fustigados por uma terrível adversidade, refugiaram-se numa hospedaria de terceira ordem, no largo de S. Bento.

Era uma casa térrea, mal freqüentada, abafadiça, tresandando a cocheira.

Quando o Borges se apresentou com a mulher, os quartos estavam quase todos ocupados por uma companhia de saltimbancos, que trabalhava daí a dois passos, todas as noites, em uma barraca armada no largo. Um inferno de cães e macacos sábios!

De vez em quando uma briga. Então vinha a polícia: dava-se bordoadas, fazia-se muita bulha; mas tudo, no fim de contas, acabava em boa paz.

Imagine-se agora como viveria o Borges nesse meio; ao passo que Filomena, longe de acompanhar o ressentimento do marido, descobria em tudo aquilo um sedutor aspecto de aventura e de boemia, inteiramente novo para a sua fantasia. Aquela miserável espelunca, habitada por gente de circo, mascates e engraxadores, vista pelo prisma de sua loucura, tomou as dimensões românticas de um antro misterioso a Eugênio Sue.

Não obstante, o implacável círculo mais e mais se contraía em torno deles; as pequenas necessidades de todos os dias multiplicavam-se, trazendo cada uma a sua gota de fel, como uma praga de insetos venenosos. A necessidade principiava a transpirar o seu fétido horrendo, que a todos revolta e afugenta; enquanto que a inimizade, a desconsideração, a antipatia, o ódio, o desprezo, vinham-se chegando para eles, como um bando de corvos ao cheiro da carniça.

O dono da casa, ao ver o Borges, fazia já uma careta de raiva; a lavadeira de Filomena escrevia-lhe bilhetes grosseiros, exigindo o pagamento de seu trabalho, e todos, todos os que os cercavam, tinham para eles palavras duras, olhares maus, gestos de desconfiança ou sorrisos de desprezo.

Então o Borges, pela primeira vez, compreendeu que a pureza de seu caráter e a bondade de seu coração não eram dotes naturais, mas uma simples resultante das circunstâncias felizes de sua vida.

Ah! dinheiro! dinheiro! pensou ele, tu és o único que nos dás o direito de sermos bons, generosos e abençoados pelos nossos semelhantes. Tu és o único que conquistas a simpatia e o respeito do mundo inteiro! Tudo me perdoavam — a estupidez, a brutalidade, a loucura, a fraqueza, até os crimes, se os cometesse; só não me perdoam já não te possuir. Ó meu chorado companheiro de tanto tempo! Que importa que do nosso dinheiro não participe ninguém? Que importa que ele só preste ao egoísta que o possui; que importa?! O dono será sempre “um homem honesto!” Terá quem o defenda, quem o elogie, quem o ame, quem o proteja, quem lhe ofereça e dê aquilo que ele não pede e do que não precisa. “Não ter onde cair morto”. Isto é que ninguém perdoa! Furta, mata, prostitui-te; mas, se deres a tua mãe o dinheiro que furtaste, serás “um bom filho”; se deres a tua mulher o fruto de tua prostituição serás “um bom marido”; se o deres a tua amante, serás “um fidalgo, um excelente cavalheiro, um homem de bem”. E todos te abençoarão! Terás em redor de ti o acatamento, o sorriso, a lisonja, porque és, ou porque podes ser “bom”. Porque o teu dinheiro vale pelo destino que há de ter e não pela procedência que teve!

Depois de semelhantes considerações, o Borges sentiu um profundo rancor pelo gênero humano e uma pesada indiferença pelo bom cumprimento do dever.

— Ilusão! tudo ilusão! dizia ele, a sacudir a cabeça, sem se lembrar de que no meio de toda essa tempestade, o seu amor conjugal, aquilo que ele mais estimava no mundo, havia-se enfolhado e frutescido.

Mas o maldito círculo está prestes a esmagá-los.

Vendeu-se a última jóia; esgotou-se o último recurso.

Filomena, entretanto, não se mostrava aflita; não amaldiçoava o marido e, quando o via entrar da rua com a barba por fazer, a roupa esgarçada, os sapatos rotos, a camisa cheia de pó e de suor, e a cara transformada por um desespero supremo; ela, igualmente transfigurada, cheia de preñez e mau trato, descarnada, sem cor, caía-lhe nos braços freneticamente, louca, ressuscitando-lhe, com os seus beijos de fogo, todas as fibras adormecidas do amor.

Um belo dia acordaram sem um centavo. O dono da casa negou-se logo a fornecer comida, enquanto não pagassem o que já deviam.

— Ao menos hoje! disse-lhe o Borges, tomando-o de parte. — Não quero nada para mim, é só para ela, para minha mulher! coitada! Ainda se não estivesse naquele estado..., mas, assim, a menor contrariedade pode lhe ser fatal! Tenha paciência! — O senhor receberá depois tudo o que ficarmos a dever!

— É o diabo! ... resmungou o estalajadeiro. — É o diabo! os gêneros não me vêm de graça para casa! ...

— Mas também eu não estou lhe pedindo que nos dê de graça! Ora essa! Apenas quero que espere um instante mais pelo pagamento!

— E qual é a garantia que tenho eu disto?! interrogou o locandeiro, picado já pelo tom em que lhe falava o hóspede. — Eu não sei se o senhor pagará ou não!

— Ó homem! bradou o Borges. — Não hei de carregar minha mulher naquele estado, sem ter ainda para onde ir! Descanse, que hoje mesmo hei de dar um jeito às coisas!

— Pois dê primeiro o tal jeito, que eu cá estou para o servir do que quiser...

— Mas você não vê que ela não pode ficar sem comer até que eu volte?! O estalajadeiro sacudiu os ombros.

— Você não vê que isto é um caso sério?! ... tornou o Borges.

— Nada tenho com isso, respondeu aquele.

— Mas você não vê que é uma questão de vida?! Você quer matá-la?!

— Que a leve o diabo!

— Maroto! exclamou o Borges, perdendo de todo a paciência e erguendo o estalajadeiro pela barguilha. Nem mais uma palavra, tratante! se não queres ficar em pedaços!

O homenzinho, à volta do passeio aéreo que deu, estava já disposto a atender às reclamações do Borges.

— Uf! gemeu ele, quando se pilhou no chão. — Olha que o senhor também é de um gênio! Safa! não se lhe pode dizer nada!... Toma logo o pião à unha! Pois eu era lá capaz de maltratar uma senhora, que se acha em um estado tão melindroso!...

— E maltrate, para ver o que lhe sucede! berrou o Borges, mostrando-lhe o pulso fechado. — Experimente que verá o bom e o bonito!

E saiu furioso, a praguejar.

— Ladrão! rosou o outro, quando o calculou já na rua — o que tu merecias era uma facada nesse bandulho, grandíssimo sem vergonha!

E, passando enfurecido pela porta do quarto de Filomena, acrescentou de modo a ser ouvido por ela:

— Diabos dos cafres! Arranjam galinhas chocas e querem que os mais as sustentem! Vão roubar para o inferno! Súcias de vagabundos!

Filomena, que estava de cama, porque nesse dia amanhecera mais incomodada ergueu-se lívida e lançou-se instintivamente para a porta.

— É contigo mesmo, peste de uma bruxa! replicou o locandeiro, cuspidando sobre ela um olhar insolente.

— Canalha! gritou Filomena, correndo ao fundo do quarto para tomar o chicote. Mas, em meio do caminho, parou, levando com um gemido as mãos ao ventre.

Ai! gritou ela, e deixou-se cair aos pés da cama, desfeita em sangue. Tinha abortado.

Uma acrobata americana, sua vizinha, que lhe ouvira o grito, acudiu logo em seu socorro.

Por esse tempo o Borges vagava de rua em rua, inquieto, tonto, à procura de um conhecido, de alguém, de qualquer dinheiro, com que pudesse tapar a boca do maldito usurário.

Mas as horas iam-se e vinham, sem trazer em nenhum de seus sessenta minutos uma só moeda de vinte centavos. E, contudo não poderia voltar a casa com as mãos vazias. Era preciso obter dinheiro, fosse como fosse — tratava-se da segurança de Filomena!

Deram quatro horas — nada; deram cinco — nada; nada! seis — ainda a mesma coisa!

Borges deixou-se cair exausto sobre um banco do Passeio Público. Ai! Como se sentia fatigado e como lhe doía todo o corpo! Palmilhara a cidade desde pela manhã, sem comer nem descansar, alimentando-se apenas com o fel de seus desgostos.

Começava a fazer-se noite. A hora melancólica do crepúsculo ainda mais lhe ensombrou o coração.

Sentia necessidade de morrer, desertar do mundo, lançar fora aquela existência, que lhe pesava sobre os ombros.

Escondeu o rosto nas mãos, fechou os olhos, e um torpor voluptuoso o foi invadindo a pouco e pouco.

Achou-se como num sonho; a realidade esbatia-se em torno de seus sentimentos amodorrados, espalhando-se até o pleno domínio da fantasia.

E toda a sua vida principiou então a lhe deslizar pelo espírito como um interminável cordão de espectros, que se precipitavam vertiginosamente. Viu-se de todos os feitios e em todas as idades; desde antes de se conhecer, até uma época que ainda não conhecia; desde a primeira infância, até a completa decrepitude.

Viu-se em Paquetá, descalço, em mangas de camisa, a cabeça ao sol; depois, ao serviço do pai, ajudando-o no trabalho, fazendo cobranças no fim do mês, perseguindo os maus pagadores; depois, homem sério, já estabelecido, de calças brancas, paletó de alpaca, chapéu do Chile; depois, de casaca, luvas de pelica, à espera da noiva; viu-se, no dia seguinte ao casamento, enfronhado no seu rodaque de brim, ajoelhado aos pés de Filomena; viu-se fumando o seu primeiro charuto e bebendo o seu primeiro trago de vinho; viu-se de barba raspada, bigode retorcido, fraque à moda; de espanhol, a raptar a esposa; de albornoz, a percorrer o Egito; de túnica, a passear na Índia; de *touriste*, a bordo dos paquetes; de *chicard*, a dirigir o *cotillon*; viu-se de todos os modos; viu-se

reduzido a boêmio, empenhando jóias; mendigo, a sentir fome, e afinal sonhou-se velho, arrastando-se pelas ruas, a pedir uma esmola por amor de Deus.

E toda essa variada coleção de tipos, todos esses Borges, giravam e rodopiavam, de mãos dadas uns aos outros, saltando, esperneando, fazendo caretas, em torno de uma mulher esplêndida, coberta de diamantes, que se torcia de riso com uma taça na mão, a transbordar de champanha, e olhava para todos eles, atirando a cada um, simultaneamente, frases de amor e de ironia, beijos e muxoxos, suspiros e reviretes.

Foi surpreendido nesse ponto da vertigem por dois grossos pulsos que lhe batiam no ombro. Borges acordou sobressaltado; porém, mal voltou a si, um grito de prazer escapou-lhe dos lábios.

Defronte dele estava o Urso, a fitá-lo, de orelha em pé, a sacudir a cauda.

— Meu amigo! meu verdadeiro amigo! exclamou o pobre homem abraçando-se ao cão, enquanto lhe corriam dos olhos as mais verdadeiras lágrimas de ternura.

Urso respondia a lambe-lhe as mãos, a farejá-lo todo, a grunhir.

— Bom e fiel amigo, acrescentou o Borges, sem se faltar de contemplá-lo. Bem se vê que não és um homem! Injusto fui eu em não contar contigo na miséria, apesar de te haver abandonado no tempo da minha ventura! Mas que te hei de dar agora, fiel camarada; eu, que nada tenho para mim?!... Em todo o caso, sinto-me mais forte! Vamos lá — havemos de viver!

E, dizendo isto, levantou-se, passou ainda uma vez a mão na cabeça do Urso e seguiu na direção do hotel. Talvez tenha fome!... pensava ele. Mas é impossível que eu não descubra alguma coisa para lhe dar.

À porta da estalagem, quando o Borges se aproximou com o Urso, estava o empresário da companhia de saltimbancos, de pernas cruzadas, a fumar cachimbo.

Era um italiano calvo, muito magro, alto, de grandes barbas negras; chamava-se Bela.

— Bom animal para um circo! pensou ele, atentando no Urso; se o tivessem ensinado valeria quanto pesa!

E os olhos do funâmbulo cresceram sobre o cão.

— Quer dez cruzeiros pelo bicho? perguntou, tocando no ombro do Borges. Este fitou o italiano, sem responder.

— Dou-lhe quinze.

— Não, respondeu e outro secamente, penetrando já na estalagem.

— Vinte.

— Não! não! disse o Borges, fugindo a uma idéia que lhe acabava de atravessar o pensamento. — Não! seria infame!

— Pois se quiser vinte, é meu; mais não dou! gritou ainda da porta o empresário.

Borges já não o podia ouvir, porque a acrobata americana vinha de lhe comunicar o estado de Filomena.

Correu ao quarto da mulher. Encontrou-a estendida no leito, a gemer, a voltar-se incessantemente de um lado para outro.

— Que é isto?! perguntou ele, desvairado. E, mal disseram a causa do acidente, precipitou-se, como louco, para a sala de jantar. O estalajadeiro, assim que o viu, calculou o risco que corria, e tratou de fugir; mas só teve tempo de se esconder dentro de um armário despratelado, que jazia a um canto da sala.

Este jogo de cena fez alguma bulha e atraiu todos os de casa. Quiseram logo impedir que o Borges se aproximasse do armário.

Vão esforço. João Touro, com o primeiro arranco, lançou por terra os que o tentavam segurar e atirou-se contra o armário

Não se deu ao trabalho de abri-lo, abarcou-o sobre o peito, ergueu-o, e, depois de sacudi-lo duas ou três vezes, arremessou-o pela sala, varando tudo que estava no caminho.

Um clamor estrepitoso reventou em volta dele, No meio do barulho, ouviam-se os gritos do estalajadeiro, o ladrar medonho do Urso, que acompanhava aos saltos os movimentos do amo e, de todos os lados, um coro terrível de exclamações cheias de assombro, de raiva e de terror.

Mas os que ficaram machucados logo ao primeiro encontro, acudiam já contra o Borges, armados de cadeira; a companhia em peso, tomando as dores pelo dono da casa, não tardou igualmente a lançar-se sobre ele, e, em menos de dois segundos, travou-se o mais formidável sarilho.

Foi uma coisa horrorosa!

O Borges, fora de si, ia agarrando o que lhe caía nas mãos e arremessando para frente. Voaram mesas, cadeiras, estantes, aparadores, garrafas, tudo!

A sala, em breve, ficou completamente vazia, e ele, só ele, passeava de um para outro lado, rugindo e fungando como um verdadeiro touro.

XV

COISAS EXTRAORDINÁRIAS

Foi o empresário da companhia, o Bela, o primeiro que se animou a voltar à sala... Mas não trazia aspecto de briga; ao contrário, aproximou-se do Borges com toda a calma, e disse-lhe em voz baixa:

— Tenho uma proposta a fazer-lhe...

— Que é?! gritou o marido de Filomena.

— Contratá-lo para a minha companhia. O senhor, com a força de que dispõe e com o seu Urso, pode fazer chicanas. Dou-lhe duzentos cruzeiros por mês. Aceita?

— Aceito, respondeu o Borges, sem vacilar. Mas com a condição de que o senhor pagará imediatamente o que devo nesta casa.

— Está dito, respondeu o italiano. É só fecharmos o contrato; isso fez-se num instante.

E o estalajadeiro, uma vez embolsado, declarou que retirava o que dissera pela manhã, e pediu que lhe perdoassem o mal que havia causado e afiançou que sua casa e os seus serviços estavam sempre às ordens de Borges.

Este tratou logo de pôr a esposa ao corrente do passo que acabava de dar.

— Magnífico! exclamou ela. Oh! magnífico! Contanto que o italiano esteja disposto a me arranjar igualmente um lugar na sua companhia.

— Hein?! Um lugar... um lugar para ti? Estás gracejando com certeza!

— Juro-te que não. E desde já te previno de que só nesse caso consentirei que cumpras o teu contrato!

— Mas, meu amor, aquilo não te pode convir..., do que iria te encarregar numa companhia de acrobatas?! É preciso ver a coisa por este lado!

— Ora! E o meu talento coreográfico, e a minha voz de contralto, a minha beleza, e o meu espírito, não valem tanto como a tua força e o teu cão?!

No dia seguinte, Filomena estava também contratada. Esperariam apenas que se restabelecesse completamente para mete-la em serviço.

— Diabo era se iam encontrar na platéia algum velho conhecido dos bons tempos! Ainda se fosse eu só!..., pensava o Borges. Mas a questão é minha mulher!

O empresário cortou essa dificuldade lembrando que Filomena, para não ser conhecida, podia muito bem se disfarçar em índia, pondo uma cabeleira e pintando-se de cabocla, e que o Borges, ainda com mais facilidade podia caracterizar-se de inglês. — Um pouco de vermelhão, um par de suíças ruivas, e aí teriam o mais legítimo e completo atleta deste mundo! Quanto ao Urso — pouco seria necessário para reduzi-lo a um urso verdadeiro.

Ficou tudo combinado.

Borges lutaria com a sua fera e com os homens que se apresentassem; faria exercícios de força, suspenderia barras de ferro, carregaria e dispararia uma peça ao ombro, jogaria enormes balas de cinco arrobas, etc... etc... Filomena dançaria vários passos difíceis e cantaria os seus tangos e as suas cançonetas.

Convinha é que ela se restabelecesse quanto antes, para poder abandonar aquela maldita estalagem e cuidar dos primeiros ensaios. Felizmente a cura foi rápida e, graças aos novos recursos, de que dispunham, Filomena, a primitiva, a formosa, a deslumbrante Filomena Borges, surgiu da cama ainda mais bela, mais petulante, como se a idéia de farandulagem que a esperava lhe fizesse ressaltar os encantos, ajuntando-lhes uma nota diabólica de desordem e de boemia.

O empresário esfregava as mãos de contente, quando a viu no dia da mudança. Ou ele muito se enganava, ou aquela mulherzinha ia fazer uma revolução no público!

Principiaram os ensaios, logo depois que saíram da estalagem. Filomena, às primeiras tentativas, revelou um tal jeito, uma tal habilidade para a sua nova profissão, que o Bela ficou deveras encantado.

Ninguém seria capaz de dançar e cantar um tango brasileiro com mais graça nem com mais originalidade.

Em corpo algum de mulher diziam tão bem as penas sensuais da tanga, as axorcas orientais e o emplumado e pitoresco cocar indígena.

— Achei a sorte grande, não há dúvida! considerava o Bela com os seus botões.

É que, além de Filomena, o Borges enchia-lhe as medidas. A luta deste com o Urso faria furor! O cão efetivamente, depois de certos arranjos no focinho, nas patas e na cauda, não deixava, nem de leve, suspeitar a sua modesta procedência.

Espalharam-se logo por todas as esquinas imensos cartazes, anunciando os “dois célebres artistas, que acabavam de chegar de Paris, contratados para o *Pavilhão Chinês*”.

Pavilhão Chinês era o circo do Bela.

“Grande sucesso do dia! *A linda Vênus Americana*, o invencível *Hércules Inglês* e o indomável e terrível *Urso Negro*”.

Acompanhava esses nomes um pomposo programa de espetáculo, onde vinham as mais provocadoras considerações a respeito daquelas três celebridades.

Apesar, porém, de tudo isso e das bandeiras e luminárias com que o Bela enfeitou seu pavilhão, a estréia dos novos artistas não foi muito concorrida. Mas, da segunda noite em diante, a formosura irresistível de Filomena principiou a atrair extraordinária concorrência.

Não tardou a rebentar em toda a cidade um entusiasmo apoplético por aquela Vênus cor de amêndoa, que parecia ter furtado às serpentes do Brasil o segredo de suas curvas sensuais, quando ao som dos lundus e das habaneras, quebrava e retorcia o corpo, como numa agonia de amor.

A Faculdade de Direito em peso não abandonou mais as galerias do *Pavilhão Chinês*: os jornais acadêmicos apareceram repletos de artigos, crônicas, versos, o diabo! a respeito de Filomena. E o povo, o grosso povo, acudia de todos os lados, a um cruzeiro por cabeça.

Ah! mas Filomena tinha um corpo admirável e excepcionalmente correto. Ela não punha espartilhos e, com uma simples camisa de meia cosida à pele, principiava a sapatear, a torcer-se toda aos gemidos das habaneras, fazendo e desfazendo as curvas magnéticas dos rins, expondo corajosamente a pureza grega de sua cintura elástica e vibrante, como se a alma de uma *danseuse da Grande Ópera* tivesse tido a fantasia de encarnar-se num dos velhos mármores do Partenão.

Era um delírio, quando a banda de música rompia o tango, e Filomena, vestida de índia, saltava ao meio do circo, a jogar o corpo para a direita e para a esquerda, ora num pé, ora no outro, os braços no ar, a cabeça bamba, a boca a sorrir, os olhos a requebrarem-se.

— Bravo! Bravo a Vênus! Quebra! gritavam de todos os cantos.

E choviam flores. E os chapéus, os lenços e as bengalas juncavam o tapete que ela pisava.

Por outro lado, o Hércules inglês ia conquistando as simpatias do público. A sua melhor sorte era a que ele executava com o bom Urso: “a vida pelo combate ou a luta terrível do homem com a fera”, segundo diziam os anúncios.

Consistia no seguinte:

Seis homens arrastavam para o meio do circo uma enorme gaiola de grossos varões de ferro, pousada sobre quatro rodas, na qual vinha o pobre animal, arvorado em fera e preparado de modo a iludir os mais espertos.

Logo depois, com as suas suíças ruivas, as suas faces cor de sangue, aparecia o Borges, vestido de guerreiro romano, cheio de escamas e cintilante de lantejoulas: na cabeça um grande capacete de folha-de-flandres e na mão uma pequena vara de ponta encarnada.

A terrível fera, ao ver surgir o domador, começava a agitar-se, a espolhar-se como sequiosa de sangue.

Ouviam-se então por todo o circo uns rugidos medonhos e atreadores, que o Bela, escondido debaixo da gaiola, soltava com o auxílio de uma trombeta de sua invenção.

Todos emudeciam. E, entre o resfolegar ansiado do público, caminhava o domador a passos firmes para a jaula. Abria a portinhola, entrava, e de carreira ia lançar-se ao monstro, que se erguia logo nas pernas de trás e roncava com mais força.

Principiava a luta.

Por vezes caía o homem, quase vencido, mas de pronto se levantava e de novo investia contra o formidável adversário, até conseguir domá-lo, segurando-lhe o pescoço com uma das mãos e paralisando-lhe com os pés o movimento das pernas.

Nisto, de todas as curvas da barraca, rompiam os aplausos. E, dentre a enorme gritaria, só se destacava uma palavra, que era repetida por mil bocas: — Basta! — Basta! — Basta!

E o Hércules, inalterável e frio como se tivesse plena consciência de seu valor, saía da jaula, fechava bem a cancela, cumprimentava o público e recolhia-se modestamente ao interior do circo.

Quando por ventura aparecia alguém que quisesse lutar, ele nunca se negava; e, quando não aparecia, era o Bela que desfrutava essa honra, deixando-se vencer no fim de um quarto de hora, e retirando-se depois para os fundos do barracão debaixo de uma tremenda vaia do público.

O fato é que, dentro de pouco tempo, o empresário levantou a cabeça, graças aos seus novos artistas, que eram já considerados os primeiros da troupe. Mas, se quis conservá-los, e conseguir que eles o acompanhassem numa excursão pelas outras províncias, teve que lhes dobrar o ordenado, oferecer-lhes depois novas vantagens, e, afinal, associá-los à empresa,

Borges e a mulher faziam progressos admiráveis. Depois de percorrerem Bahia, Sergipe, Alagoas, Pernambuco, Paraíba, Ceará, Maranhão, Pará e Amazonas, achavam-se possuidores de alguns mil cruzeiros e podiam, como

desejava o marido, abandonar a vida de saltimbancos e abraçar uma carreira menos repugnante.

Mas, no coração romanesco e aventureiro de Filomena, o prazer do aplauso, o gozo da nomeada, encontraram terreno propício e haviam já cravado bem fundo as suas raízes.

Entretanto, a vaidade de artista festejada pedia -lhe horizontes mais largos e conquistas mais nobres. Agora toda sua ambição era ligar o seu verdadeiro nome, o seu nome de batismo, às glórias que conquistava em público.

Não hesitou em separar-se do Bela, contratar por sua conta novos artistas, formar um novo plano de trabalho e, com o seu vasto repertório de lundus, tangos e modinhas brasileiras, que ela colecionara pelas províncias, e, com as suas vestimentas indígenas, que trouxera do Amazonas, levantou o ferro para as repúblicas vizinhas.

Malgrado os conselhos do Borges, que ardia por um momento de descanso, percorreu -as da Patagônia à Venezuela. Seguiu depois para a América do Norte, onde, durante um ano, ganhou rios de dinheiro e por fim, aguilhada pela idéia de aparecer na Europa, despediu todo o pessoal e, apenas acompanhada pelo marido e pelo Urso, levantou a proa sobre Paris.

XVI

SEGREDOS DE BASTIDOR

O Borges, a despeito de sua constante revolta com o destino, nunca estacionou um momento. Aprendeu a executar os jogos malabares, exercícios no trapézio, ginástica sobre o cavalo, mágicas e prestidigitação.

De *Hércules Inglês* passou a equilibrista japonês, fazendo-se anunciar com o nome de *Tchim-Chim-Fu*. E trabalhava vestido de seda amarela, uma grande mitra encarnada, um leque na mão, todo cheio de medidas e saltinhos, sem que ninguém pudesse suspeitar que aquelas pantomimices escondiam um coração puro e singelo, talhado para o amor da família, para a dignidade do lar doméstico e para os exemplos da honra e da perseverança no trabalho.

E promiscuamente foi tudo quanto se pode ser dentro de um circo, desde o palhaço vulgar, de cabeleira pontiaguda e cor de fogo, à cara empastada de alvaiade, até o empresário, de casaca e luva, que dirige os trabalhos e manobra os cavalos, de chicote em punho e comenda ao peito.

Mas em Paris fazia de selvagem. Estudou bem um botocudo e escolheu o pseudônimo de *Bu-ru-cu-lu-lu*, que, com certeza, iria produzir muito boa impressão nos anúncios.

A mulher conservaria as suas roupas indígenas, mas não havia de pintar mais o rosto nem esconderia o nome, seria limpa e claramente: “Filomena Borges — A Brasileira”.

O Urso é que ficara de melhor partido — ia deixar a cena e recolher-se à sua primitiva e sossegada posição de animal doméstico. Já não era sem tempo, coitado! O pobre cão estava velho e sentia fugirem-lhe progressivamente as faculdades.

Estrearam no *Cirque d'hiver*.

Que sucesso! Os parisienses cansados de boa música e fartos de artistas célebres; os parisienses desiludidos, esgotados, *blasés*, ainda tiveram fibra para um arrepio novo, quando ouviram os chorados da Bahia e as modinhas do Pará, gemidos em português por aquela deliciosa filha dos trópicos, que não precisava de espartilhos e peitos de borracha para dizer na linguagem clássica e singela das curvas carnavais toda a velha sensualidade paradisíaca.

O Borges, na sua humilde qualidade de botocudo, não tinha mais que afetar grande selvageria e deixar-se expor com os seus botoques nos beijos e nas orelhas, como um bicho perigoso e raro. Foi esse o meio único que descobriu o pobre homem para não se fatigar em extremo, por várias vezes teve de sair do seu sossego e ameaçar com as suas flechas de *ubá* e com os seus guinchos atroadores os *gommeux* embeijados pela mulher.

Ingleses silenciosos e tradicionalmente excêntricos, russos viajantes, príncipes de várias partes do mundo, vinham ao *Cirque d'hiver* atirar o coração e a bolsa aos pés da formosa brasileira. Filomena, porém, não era mulher que sucumbisse a tais seduções e, já com a tática que apanhara nos teatros, já com os conselhos que em pequena recebera de D. Clementina, sabia pilhar de seus adoradores tudo que entendesse sem lhes dar em troca mais que os seus famosos olhares de ternura e os seus belos sorrisos de esperança. Só nas ocasiões supremas é que o terrível botocudo se mostrava, armado de *tamarana*, *uirupara* e *esgaravatana*, e, tal gritaria e tais ameaças punha em jogo, que ninguém levaria a sua intrepidez a ponto de avançar.

Não obstante, ele às vezes ficava sobressaltado e receoso.

— Não acho muito prudente que te exponhas deste modo, meu amor! dizia em segredo à mulher — Podes vir a cair em algum laço... conhecemos muito pouco esta cidade, e os parisienses, minha rica, gozam a esse respeito de uma fama terrível!... Quanto a mim, acho que o melhor seria deixarmos por uma vez esta maldita vida de teatro e irmos descansar a um canto sossegado e feliz da nossa terra!... O que já possuímos, com alguma economia, chegar-nos-há perfeitamente para o resto da existência, e eu, confesso-te, minha santa, desde que me casei, não faço outra coisa senão suspirar por um momentozinho de repouso!

Filomena sorriu.

— Ora, queira Deus que te não venhas a arrepender!... acrescentou o Borges. Tenho pressentimentos horríveis com esta cidade infernal!

— Descansa, meu bom amigo, respondeu a esposa. São de todo infundados os teus receios! Descansa, eu sei o que faço; não me há de suceder coisa alguma!

— Hum, hum!... resmungou o botocudo, sacudindo a cabeça. Não sei que te diga!... Olha, esse tal duque louro, por exemplo, esse que te mandou ontem

aquele diamante negro, não me passa da garganta! É de todos o que mais me incomoda! Não sei que diabo acho na cara de semelhante homem!

Nesta noite, já no teatro, quando ela se preparava para entrar em cena e o marido metia no pescoço o seu barulhento *aiucará* feito de búzios e dentes de animais ferozes, foram surpreendidos por uma voz que, da porta do camarim, dizia no melhor português:

— É permitido cumprimentar a formosa brasileira?

— Pois não! respondeu esta, ordenando à criada que fizesse entrar a visita na pequena sala próxima.

E, quando apareceu, já pronta: — Oh! o duque!... Não sabia que V. Excia. falava português, e com tanta perfeição!

— Pois se eu sou português...

— Ah! fez ela, considerando o tipo louro que tinha diante de si.

Dir-se-ia um alemão. Era baixo e gordo, vermelho, bigode e barba à *Cavaignac*, cabelos de um amarelo frio e seco.

— Não falemos nisso, interrompeu ele — tratemos de outra qualquer coisa!... De seu esplêndido país, por exemplo.

— O Sr. duque conhece o Brasil?...

— Não. Nunca fui ao Brasil, mas tenho lá muitos parentes e amigos.

— Parentes! Na corte ou nas províncias?

— Na corte.

— Ah! Então devo conhecer algum deles. Eu sou filha da corte.

— É inútil insistirmos: não conhece com certeza... é uma família de estrangeiros.....

— Ah! balbuciou Filomena, tornando-se mais cortês, porque havia já suspeitado quem vinha a ser aquela *incógnita visita*. — É ele, com certeza... pensou de si para si.

Mas nesse momento o Borges acabava de entrar na pequena sala e, no seu papel de botocudo, foi assentar-se a um canto, sem mais cerimônias.

— Tomo a liberdade de apresentar-lhe meu marido, disse Filomena, mostrando-o ao duque.

O selvagem monologou alguns sons guturais e sem sentido e encarou a visita, franzindo as sobrancelhas.

— Ainda não conseguiu familiarizar-se com as línguas estranhas, explicou Filomena.

E percebendo no duque um gesto de contrariedade:

— Pode conversar à vontade em português; Bu-ru-cu-lu-lu não entenderá uma palavra do que ouvir. Só eu posso fazer-me compreender por ele, graças ao pouco que sei do tupi.

— Mas como foi a senhora, tão bonita e tão delicada, descobrir esse monstro para seu marido?... quis saber o fidalgo.

— Devo-lhe a vida! ... respondeu Filomena.

— Se não fosse esse bravo indígena, teria sido devorada pelos seus compatriotas numa lamentável excursão que fiz ao Alto Amazonas...

— Ah! E sabe o que o levou a salvá-la?

— O amor, creio eu. Este pobre monstro viu-me de longe entre os seus companheiros, correu-me aos pés, ajoelhou-se, em seguida tomou a minha defesa, matou os que me queriam fazer mal, carregou comigo para um lugar seguro, e desde este instante me segue como um cão. É de supor que me tomasse por alguma divindade! Pelo menos, assim me leva a crer o respeito religioso que ele me tributa!

— Ah!

— De resto, não tem absoluta consciência do que faz — é uma espécie de bicho! Não sabe a razão por que aparece em público; não compreende nada do que o cerca. Uma ocasião, perguntei-lhe, por curiosidade, que efeito lhe produzia Paris, e, pela resposta que deu, conclui que o tolo se supõe numa existência de além-túmulo, julga-se no paraíso de sua religião.

— Como assim? perguntou o duque intrigado.

Filomena apressou-se a explicar:

— É que, na ocasião de defender-me de seus companheiros, Bu-ru-cu-lu-lu ficou muito ferido e, ao chegar a Manaus, acometeram-lhe febres tão fortes, que o fizeram delirar três dias consecutivos. Pois, bem, o toleirão imagina que sucumbiu à moléstia e que voou logo às mansões siderais, onde eu represento para ele a veneranda encarnação do poder altíssimo e da suprema divindade!

— De sorte que ele se julga já falecido?... perguntou o duque com interesse.

— Em plena bem-aventurança eterna... Julga-se como alma do outro mundo. Paris, que é o éden terrestre dos estrangeiros, para ele, coitado! é nada menos que o paraíso celeste!

— É singular!

— Singular e extremamente cômodo para mim, prosseguiu a brasileira, gozando do efeito que as suas palavras produziam na visita. — Imagine o Sr. Duque que o fato de meu marido se julgar morto faz com que ele não tenha comigo a menor exigência e se submeta humildemente ao que eu lhe ordene. Entretanto, é o meu guarda, é a minha defesa: quando o sinto ao meu lado, não tenho que recear qualquer agressão, venha ela de um leão das salas ou de um leão das florestas!

— É muito singular! repisou o duque, reconsiderando com um ar de pasmo a grossa e taciturna figura do Borges acocorado ao canto da sala. Sim, senhora! Está garantida!

— Ah! perfeitamente garantida! Já vê o Sr. Duque que eu não poderia encontrar melhor marido em parte alguma do mundo!

— Ele então não consente que lhe toquem sequer com o dedo?... perguntou o louro, fazendo um ar de desgosto.

— Experimente! disse Filomena, faça que me vai prender o braço.

O duque estendeu a sua mão calçada de luva da Escócia e fingiu que ia tocar no carnudo braço da artista.

O Borges ergueu-se logo e, movendo lentamente a cabeça para os lados, com movimentos de urso velho, principiou a rondar em torno dos dois, farejando.

— E se eu me arriscasse a dar-lhe um abraço?... , perguntou o duque.

— Deus o defenda! Nem é bom pensar nisso! Bu-ru-cu-lu-lu seria capaz de estrangulá-lo no mesmo instante! Não queira experimentar, que eu não respondo pelas conseqüências.

— E não havia meio de estar um momento em sua companhia sem a presença desta alimária?!

— Pode haver, mas é muito arriscado! Ele tem um faro mais sutil que o de qualquer cão de caça! ... Iria descobrir-me no inferno, se no inferno eu me escondesse!

E por que não se desfaz a senhora de semelhante bruto?! No fim de contas, deve ser aborrecido suportar eternamente este orangotango.

— Se lhe estou dizendo, Sr. Duque, que o demônio do bicho tem faro!

— Era fazer presente dele ao museu zootécnico de França, em nome do Imperador de seu país, que é um sábio. E com isso a senhora ainda prestaria um relevante serviço à biologia. Se quiser eu encarrego-me de o remeter à comissão que recebe os donativos.

— Não! disse Filomena, por ora não. Mais tarde pode ser que aceite o seu oferecimento.

— Pois, quando quiser, estou às suas ordens, acrescentou a ilustre visita, erguendo-se e tomando a mãe de Filomena para depor um beijo.

Mas o Borges afastou-o da mulher, metendo-se entre os dois grosseiramente.

— Este animal não me deixa pôr o pé em ramo verde! pensou o fidalgo, saindo contrariado, depois de cortejar a brasileira.

Borges acompanhou-o até fora da porta e, ao voltar para junto da mulher, disse-lhe esta:

— Conheces?

— Quem? Este tipo? Não!

— Oh! o d. Luís, homem!

— Que d. Luís?

— O d. Luís de Portugal.

— Ora essa!

— Pois é ele!

— Queira Deus que estas brincadeiras não te venham a dar na cabeça! ... observou o botocudo.

— Deixa-te de receios, meu selvagem — e vem daí, que já deu o segundo sinal para principiar o espetáculo!

SUPREMA EXIGÊNCIA

Foi dessa forma que Filomena logrou conciliar os ganhos de dançarina requestada com as suas intransigências de mulher honesta e com os eternos desvarios de seu temperamento romântico, fazendo sempre do amor do marido um instrumento de sua fantasia, transformando-o e disfarçando-o sob todas as singularidades de seus caprichos, dando-lhe atrações que ele por si não tinha, e sem as quais ela não o poderia suportar.

As ternuras do Borges só lhe alcançavam o coração depois de filtradas por uma rede de sobressaltos; essa rede era para aquele amor o que uma flauta é para o sopro — o meio de o transformar em notas harmoniosas e comovedoras.

Queria todos os beijos do esposo, sim — contanto que não viessem naturalmente, sem obstáculos a vencer ou conveniências a guardar. Era preciso que houvesse necessidade de esconde-los de alguém, de obte-los com sacrifício de alguma coisa; era preciso enganar, fingir, despertar suspeitas, levantar desconfianças, promover comentários.

Não consentia por isso que o Borges se denunciasse a quem quer que não fosse ela. Exigia que o marido só deixasse de ser aquele selvagem repulsivo e terrível, quando estivesse ao seu lado, em completa intimidade de alcova. Essa mistificação tornava-se indispensável para a ventura de Filomena.

O botocudo intrigava muita gente: — Seria crível que uma mulher, tão formosa e tão lúcida, tivesse por marido aquela besta do Alto Amazonas?... O monstro seria de fato seu amante, ou ela o conservaria como uma simples *réclame*?...

E os comentários reproduziam-se entre os freqüentadores do *Cirque d'hiver* à proporção que Filomena ia se tornando conhecida e sendo cada vez mais desejada e menos condescendente.

Em alguns passeios de distração que fez aos arredores de Paris, quase sempre escoltada por uma corte de adoradores, o Borges, que não queria acompanhá-la de selvagem, tinha de segui-la a certa distância, usando de todos os expedientes para não ser descoberto e para que não suspeitassem de leve que ele ia à pista da brasileira.

Estava nisto empenhada a sua honra, isto é, a honra do marido de Filomena.

Que lida, que trabalho, que tortura, para gozar com ela nessas ocasiões alguns momentos de felicidade! Era preciso recorrer aos mais engenhosos estratagemas; tinha de saltar muros, às vezes servir-se da chaminé, introduzir-se-lhe no quarto, por alta noite, a tripe-trepe, quando não fosse pressentido por nenhum dos apaixonados da sua mulher, que estavam todos de orelha em pé, à espera do primeiro escândalo.

E tudo isso o torturava abertamente. — Maldita fosse a hora em que ele se fez botocudo! em que ele se meteu na casca daquele bicho.

Entretanto, o nome da original e formosa brasileira derramava-se por Paris invadindo as redações das folhas, os salões, os *ateliers*, os *boulevards*, os *cafés*,

as corridas, os *foyers* de todos os teatros, as mansardas das tristes costureiras e o quinto andar dos magros estudantes.

Atribuíram-lhe anedotas, inventaram-lhe legendas, fizeram-lhe canções e *trioletts*, publicaram-lhe a biografia em pequenas revistas teatrais.

E o mundo inteiro viu -a, admirou-a, em caricaturas, em fotografias, em cromos, em caixinhas de fósforos, em bustos de gesso, em nervoso *grevins* de *terre cuite*. E por toda a parte apareceram chapéus, fazendas, penteados à *Filomena Borges*. Seu nome serviu de título a casas de negócio; suas *toillettes* serviram de modelo; suas frases foram repetidas, publicadas, decoradas, traduzidas em todas as línguas.

Quando ela terminou a longa excursão que fez pelo norte da Europa, possuía em dinheiro e em jóias mais que o necessário para viver tranquilamente o resto de sua vida.

Por outro lado o Borges, que ao sair de Paris abandonara finalmente o incômodo papel de botocudo e retomara o seu título de barão de Itassu, rogava-lhe com instância que deixasse o diabo do teatro e fosse por uma vez descansar com ele a um cantinho feliz da pátria — a Paquetá, por exemplo, a Paquetá de que ele tinha as mais vivas saudades!

— Havia perto de dez anos que vagabundeavam por esse mundo de Cristo. Era mais que tempo de regressarem! ele estava farto de nunca ser aquilo que era, de nunca desfrutar em paz a felicidade que lhe pertencia de direito!... Para que ir mais longe? Achavam-se ricos pela segunda vez; tinham já experimentado todas as comoções; haviam percorrido já toda a escala da vida humana — riram, sofreram e gozaram; tiveram o que há de bom e o que há de mau, tiveram tudo! Para que continuar?!

A baronesa, porém, sorria desdenhosamente às palavras do marido:

— Ela voltaria à pátria, sim, estava disposta a voltar, mas havia de ser precedida de *réclames* e anúncios retumbantes! Queria entrar no Brasil com ruído, levantando a poeira da capital em peso, sobressaltando a população, desencaixilhando-a de seus eixos, perturbando a vida burguesa dessa aldeola, que tinha a suprema honra de lhe haver dado o berço!

Não iria trabalhar do mesmo feitio que trabalhara em Paris nos circos e *vaudevilles*, ou como trabalhara em S. Paulo, numa barraca de saltimbancos; nunca mais vestiria a sua pitoresca fantasia de penas e tecidos de palha; não seria a indígena que tantos corações fez pulsar, mas em compensação havia de ser a “Exma. Sra. Baronesa de Itassu”. Enorme cauda de veludo! jóias deslumbrantes! luvas até o ombro!

E só se dignaria de cantar algumas notas em concertos muito escolhidos, na melhor sociedade; ou então, lá uma vez por outra para quebrar o seu tédio de mulher célebre e obrigar o Rio de Janeiro a ir ajoelhar-se-lhe aos pés, mostrar-se-ia condescendentemente no teatro Pedro II, entre o que houvesse de mais fino na roda dos artistas. Tinha certeza de que seu nome, enxertado num programa de espetáculo, esse nome que os parisienses decoraram, seria o bastante para encabrestar a população da corte e traze-la de rastros aos degraus de seu trono.

E queria o Borges que ela fosse descansar a Paquetá!

— Mas, santo Deus! estaria nas suas mãos por ventura sumir-se por uma vez, desaparecer, fugir?!... Isso vinha a ser pior que a morte, vinha a ser o aniquilamento em vida!

Do que havia experimentado até ali, do que havia sentido, do que sofrera, do que gozara — nada a satisfizera completamente! Ainda lhe faltava qualquer coisa! No seu coração ainda existiam fibras intactas, que precisavam vibrar!

— Ai, ai, ai! gemeu o Borges, levando as mãos à cabeça. — Valha-me Jesus Cristo! que ainda temos fibras para vibrar! Ainda não é desta vez que sossego!

— E para que sossegar?! interrompeu Filomena. — Que significa o repouso? Pensarás que eu hoje seria capaz de resignar-me à morbidez estúpida de uma existência sem idéias nem aspirações? Pensarás que eu consentirei em abandonarmos a vida pública, sem que te hajás celebrizado ao menos uma vez, sem que tenhas conquistado um nome digno de mim e digno de teu mérito?! ...

— Hein?! Como é lá isto?!... exclamou o Borges com um salto. Pois tencionas fazer ainda de mim uma celebridade? Contas que eu venha a ser um “grande homem”?!

— Certamente! certamente! Ao contrário não valeria a pena gastarmos tanto tempo e tanto esforço em preparar o teu espírito!

— Ora essa! De sorte que até agora... eu nada mais fiz que preparar-me? ...

— Para conquistar uma posição eminente, concluiu a mulher. Foi nessa esperança que te dediquei a minha vida e o meu amor...

— Mas filquinha de minh alma! eu não disponho de aptidões para isso! ... Bem vêes que até hoje tenho feito por ti tudo que está nas minhas mãos... como, porém, hei de ser aquilo para que me faltam certos conhecimentos e uma certa dose de talento?! ...

— Isso é o que pensas, e a modéstia com que te julgas é mais uma prova de tua competência! O verdadeiro mérito é sempre assim!

— Mas eu dou-te a minha palavra de honra em como não tenho o menor talento! Acredita que é esta a pura verdade! Sinto perfeitamente que não serei jamais um “grande homem”!

— Se sentisses o contrário, é que nunca o poderias ser!

— Ora, que desgraça a minha! ... considerou o Borges de si para si. — Ora, que eu não consiga entrar um momento nos meus eixos, sem ter de contrariar minha mulher! De que havia agora de se lembrar — querer que eu seja um “grande homem”. Eu, que não sirvo para essas coisas! eu, que abomino a popularidade, o escândalo, o ruído! eu, que já me impacientava de a ver tão conhecida, e suspirava todos os dias por sair desta inferneira!

— Não! disse ele em voz alta. Não! Tem paciência! Isso é impossível! Pede o que quiseres, mas não exijas de mim uma coisa de que eu não disponho!

— Entretanto, assim é preciso, respondeu Filomena, a não ser que estejas resolvido a destruir num segundo a única esperança que me resta! ...

— Mas a questão é que a gente não é “grande homem” quando quer!... Ora essa! replicou o Borges.

— E muito menos quando não quer! volveu a outra. — Não exijo de ti mais do que um pouco de boa vontade; o resto fica por minha conta!

— De boa vontade?!

— Sim, de resolução. Contento-me com isso!

— Mas se tenho toda a certeza de que esse esforço será baldado! ... Eu bem me conheço, minha mulher!

— Seja ou não seja baldado, ele é necessário para a minha felicidade e para a segurança do amor que te dedico! Agora, se entendes que não vale a pena...

— Eu não disse semelhante coisa!... Valha-me Deus! Teu amor está acima de tudo, e creio já ter dado provas dis so. Mas, deixa que te diga, com franqueza: eu, isto aqui entre nós, eu nem sei em que consiste o tal esforço de que me falas; não sei os passos que é preciso dar; não sei como a gente se faz célebre ou o que melhor queres que eu seja!

— Não é tão difícil como te parece à primeira vista. — Se o Brasil estivesse em guerra, sentarias praça em quanto antes e dentro em pouco tempo poderias alcançar um posto elevado. Farias uma bela carreira nas armas!

— Deus me livre!

— Mas, continuou Filomena — desgraçadamente estamos numa paz absoluta, e, por conseguinte, só nos resta a política.

— A política?...

— Sim, visto que nas artes ou nas ciências já não poderás fazer nada. Agora é escolher uma causa política e caminhar desassombradamente!

— Uma causa?!

— Sim, uma idéia, um princípio patriótico, qualquer coisa que esteja articulada aos atuais interesses do Brasil! Descoberta a tua idéia, não tens mais que defende-la; então escreverás, escreverás sem cessar; publicarás tudo que te vier à cabeça a respeito de tua causa; darás por paus e por pedras; falarás de tudo e de todos, até que sejas um homem perfeitamente conhecido, e o imperador te chame para junto de seu trono. Uma vez ao lado de meu padrinho, só não obterás o que não quiseses. Entendes tu?

Borges apertou os beijos. E, sacudindo a cabeça:

— É difícil!

— Qual difícil o que! retrucou a mulher. — Difícil era conquistar o meu coração e a minha confiança, e conquistaste-os! Não queiras parar em meio do caminho: conquista também o meu entusiasmo e a minha admiração. Faze-te grande! faze-te célebre! coloca-te ao meu lado! sobe à minha altura! acompanha-me no vôo!

— Veremos, veremos..., prometeu o marido vagamente. Hei de fazer a diligência!

Se fosse coisa que estivesse em suas mãos, a mulher nem precisava pôr tanto na carta! Mas que diabo! Aquela história de descobrir uma causa para defender; o fato de ter de publicar artigos sobre artigos; falar de tudo e de todos;

isso é que lhe fazia confusão e dava-lhe volta ao miolo; mas, enfim, estava disposto a empregar a diligência. — Já agora, seria o que Deus quisesse!

E nessa disposição acompanhou de novo a mulher para o Rio de Janeiro.

XVIII

CELEBRIDADES

Filomena não se enganara quanto à previsão do entusiasmo que havia de causar no Rio de Janeiro. Bastou constar que vinha aí a famosa cancionista, tão apreciada de Paris, para que toda a cidade se mostrasse tomada de uma loucura instantânea.

E desde então até a sua chegada foi ela a ordem do dia; não se falava noutra coisa. Esperavam-na contando os minutos; um sussurro uníssono de elogios evolava-se da opinião pública, sem que ninguém pudesse explicar a causa de semelhante alacridade.

Afinal chegou.

Que frenesi! Todos queriam ser o primeiro a vê-la. O cais *Pharoux* parecia diminuir sob a multidão que o coalhava. Viam-se enormes grupos, esparsos, por aqui e por ali, galgando a muralha, invadindo as lanchas e os escaleres. Nas ruas faziam-se comentários a respeito da baronesa de Itassu; os jornais pregavam na parede notícias a respeito dela; vendia-se o seu retrato em todas as proporções; inventavam-se biografias.

Uns afirmavam que Filomena Borges era um modelo de virtudes; outros que era uma grande velhaca. Este jurava que a vira já muito por baixo, num hotel; aquele dizia que ela fora sempre riquíssima, e que só trabalhava em público por amor à arte. Aqui afiançavam have-la visto, em tal época dançar uma habanera em casa de tal figurão; logo, ali, negavam: — Que não! que essa Filomena era outra, falecida havia já coisa de cinco anos, e que esta, a nova, a do teatro, não tinha absolutamente nada de comum com a outra, com a tal Filomena, cujos bailes, por tão luxuosos e originais, ainda se conservavam na memória de toda a gente!

E as discussões reproduziam-se, cada qual mais disparatada.

Entretanto, no meio desse burburinho, que se fazia no cais, dois homens, depois de se abalroarem, soltaram exclamações de reconhecimento,

— Olá! Você também por aqui, Sr. Barroso?...

— É verdade. Como vai o amigo Guterres?

Guterres ia bem, muito agradecido, mas sempre apoquentado. O outro, ao contrário, dizia-se feliz. Graças a Deus continuava às mil maravilhas com a sua cara mulherzinha e com o seu pequerrucho. Ah! a mulher e o filho eram a sua preocupação, eram o seu enlevo!

— O senhor é quem goza esta vida! considerou o outro.

— É. Deus louvado não tenho de que me queixar! — sustentou o Barroso. Sou feliz, não nego! Coube-me por sorte uma esposa que é um anjo, um verdadeiro anjo da bondade! Também, meu amigo, olhe que lhe pago na mesma moeda... trato-a como vossemecê não imagina!

— Mas faça uma idéia! faça uma idéia! respondeu o Guterres, cheio de acordo.

E mudando de tom e chegando-se mais perto do outro:

— Ora, diga-me cá uma coisa, seu Barroso: tire-me de uma dúvida: — quem vem a ser esta Filomena Borges?... Dir-se-ia a mulher do João Touro!

— Pelo menos, o nome é o mesmo e foi justamente essa dúvida o que me trouxe por cá!

— O nome e o título! acudiu o outro, que ela se anuncia como baronesa de Itassu. Afianço-lhe, porque vi!

— Então não é outra com certeza! disse o Barroso — e se duvido, quero que me rachem de meio a meio!

— Ora o diabo!

— Nem era de esperar outra coisa de semelhante doida! Uma sujeita toda cheia de caprichos e de fantasias!

— Mas, tornou o Guterres, como consente aquele homem que a mulher levante um espalhafato desta ordem?... Isto até faz desconfiar!

— Pois então você não sabe que o Borges sempre foi um barão pela mulher?... Ela faz dele o que bem entende!

— Sim, mas segundo me consta, o João Touro não saiu lá muito recheado aqui do Rio! ... considerou o Guterres.

— Recheado saiu ele, mas foi de dívidas!

O Barroso ia responder, mas interrompeu-se:

— Olhe! Aí chegam eles! São os mesmos — é a Filomena e o pancada do marido!

— Ora, para que havia de dar aquele maluco! exclamou Guterres, considerando o casal que o outro lhe mostrava.

— E como vêm tão esquisitos! Parecem dois estrangeiros! Ora o Borges! Filomena, com efeito, vinha tão à européia pelo braço do marido, que não parecia a mesma.

E como estava formosa! como estava cada vez mais linda!

A quantidade de curiosos que os cercavam era tão grande, que os dois mal podiam caminhar.

Nunca o entusiasmo brutal do povo chegou àquele auge. As ruas, por onde seguia a desejada bailarina, ficavam completamente cheias. As janelas transbordavam. De todos os lados choviam versos; duas sociedades filarmônicas acudiram com a pancadaria de sua música. Um verdadeiro delírio!

Começaram a surgir as ovações.

Do dia seguinte à chegada em diante, Filomena Borges transformou-se no alvo de mil protestos de amor, de presentes e oferecimentos, propostas de todos

os sentidos. Os apaixonados caíam-lhe em redor aos bandos, como pássaros prostrados pelo calor.

E a sedutora, sem desenganar a nenhum deles, nem lhes dar mais nada além de vagas esperanças, governava com o macio e delicioso cabresto de seus sorrisos e de seus olhares de ternura, toda aquela imensa matilha de namorados.

Na primeira noite em que ela se mostrou no Pedro II, o teatro foi pequeno para a concorrência que havia. As senhas atingiram o valor de jóias. Viam-se casacas nas torrinhas. E todos aplaudiam, todos se entusiasmavam, não pela arte, nem pelo talento de Filomena, mas pelo gracioso de seus gestos, pela originalidade de sua beleza, pelo satanismo de sua faceirice, que iam maravilhosamente com os requebros dos tangos e das modinhas.

— Não há francesa! não há nada que se compare a isto!... dizia-se.

Um mandarim, que por esse tempo estava no Rio de Janeiro, encarregado de uma comissão diplomática, mandou-lhe no dia seguinte ao primeiro espetáculo, por quatro dos seus criados de rabicho, uma bela urna de sândalo, incrustada de ouro e repleta de coisas preciosas, entre as quais havia um bilhete de papel de arroz, escrito a pincel, que no melhor francês, punha à disposição de Filomena os sete aposentos que ocupava o chim no Hotel dos Estrangeiros.

Logo em seguida, um *lord* viajante, cuja fragata havia três semanas estava ancorada no porto do Rio de Janeiro, apresentou-se-lhe em casa, oferecendo-lhe um dote de meio milhão de libras esterlinas, se ela quisesse abandonar o marido e acompanhar o sedutor à Inglaterra, onde se casariam sob a religião protestante.

E, como esses, outros, e mais outros oferecimentos vinham amontoar-se-lhe defronte dos olhos; e ela sempre meiga, sempre amável, nunca dizia que "não" e também nunca dizia que "sim", justamente como em pequena lhe ensinara a velha D. Clementina.

O Borges, coitado! é que já não podia agüentar com aquele demônio de vida.

Quando não era o teatro, eram as visitas, os jantares, as repetidas festas — um nunca acabar de maçadas! é certo que já não pisava no palco, mas em compensação as suas lides de empresário, de secretário, de caixa e de gerente, absorviam-lhe todos os instantes. Tinha de atender para a direita e para a esquerda, pagar contas, contratar empregados, administrar o serviço do teatro, escriturar a receita dos espetáculos — um inferno de preocupações.

E quando afinal, pela manhã, ganhava a cama, moído e prostrado, lá estava a mulher para perguntar-lhe pela "idéia", para perguntar-lhe como iam "as suas ambições políticas". Se o Borges havia já deliberado alguma coisa a esse respeito; se aprontara o seu primeiro artigo para a imprensa. — Que fizera, afinal, depois que estavam na corte.

— Matar-me! É o que tenho feito! respondia o infeliz, gemendo no seu cansaço. — Esta vida dá-me cabo da pele! Não sirvo para isto!... Como queres tu que eu pense, que eu escreva, se não tenho um momento de repouso, se todas as minhas horas são poucas para o tal teatro?!

— Entretanto, é mister que te resolvas a principiar! ... Não podes de forma alguma permanecer no estado em que te achas!

— Sim, sim, resmungava o Borges, entre bocejos. — Hei de dar um jeito...

— Tenho uma idéia! exclamou a mulher de uma dessas vezes — tenho uma excelente idéia! — Está a chegar o verão; iremos passá-lo em Petrópolis e, durante esse tempo de completo repouso, tu farás o que já combinamos. Hein? que tal te parece?

— Bom, parece-me bom, respondeu o infeliz, mais animado com a idéia daquele descanso. — Irei para Petrópolis, irei de muito boa vontade, mas hás de afiançar primeiro que não voltaremos antes do inverno e que durante todo esse tempo nem sequer pensaremos em teatro!

— Podes ficar descansado! prometeu a mulher.

O Guterres, apesar daquela conversa com o Barroso, foi um dos primeiros que, à chegada do Borges, o procurou.

Apresentou-se muito comovido, disposto a perdoar generosamente as afrontas que recebera do amigo.

E, desde essa visita, não lhe deixou mais a casa. Jantava lá quase todos os dias e à noite era infalível no teatro.

Borges apenas conseguiu suportá-lo mas Filomena tinha-o em certa estima. Guterres não se cansava de elogiá-lo; ao lado dela só falava nos sucessos extraordinários que a formosa bailarina obtinha todas as noites. E a vaidosa experimentava certo gostinho em sentir a seus pés aquele constante incensador, aquelelouvaminheiro incansável, que a glorificava sempre no mesmo diapasão, como uma caixa de música que não precisasse de corda, mas que só tivesse uma peça.

Todavia, o Guterres, pronto sempre a obsequiar lá a seu modo, fazia-se muito solícito com o Borges, dava-lhe conselhos, mostrava-se interessado por ele. Passava os dias no teatro, querendo ajudá-lo em tudo e não fazendo coisa alguma; assentando-se familiarmente ao lado do bilheteiro, examinando a receita e a despesa, interrogando os trabalhadores, consultando os músicos, tomando contas às costureiras, repreendendo os que conversavam em voz alta nos ensaios, apaixonando-se nas discussões a respeito de Filomena ou do Borges, pedindo desculpa aos espectadores que por ventura ficavam mal acomodados na platéia, e indo e vindo, da caixa para os corredores, a fiscalizar, a saber como corria o negócio.

Quem o visse ali, tão inquieto, tão empenhado, tão comprometido com aquele serviço, ficava supondo que o Guterres tinha parte na empresa.

Quando ele se referia ao Borges, dizia sempre:

“O João, o nosso amigo João”. Mas se estivesse presente algum estranho, acrescentava logo, com respeito, como para justificar aquela amizade: “O barão de Itassu”.

Borges no fim de contas já não o achava tão ruim, e aos poucos o ia admitindo nos seus particulares. Um dia de mais expansão, chegou a falar-lhe muito em segredo, nos projetos políticos, que ultimamente o preocupavam.

— Não é coisa minha! disse, justificando-se.

— São histórias lá de minha mulher! Deu-lhe pr'aí. Acha que devo meter-me na política!

O outro recebeu a notícia com um acolhimento cheio de assombro.

— E por que não?!

— Achas então que a coisa é exeqüível? perguntou o Borges.

— Mas certamente! Dessa massa é que eles se fazem! Nas condições em que estás e dispondo da influência de tua mulher, seria um crime até não cuidares do futuro! Olha...

E chegando-se misteriosamente ao ouvido do outro: — Eu estou aqui para te ajudar! Descansa!

Mas o Borges não podia descansar; as palavras do Guterres inspiravam-lhe muito pouca confiança, continuava a ver nele o mesmo preguiçoso vulgar, o mesmo “pobre diabo”, o mesmo parasita incorrigível.

— Então é certo que vais para Petrópolis? perguntou-lhe o amigo na véspera da viagem...

— É, respondeu o marido de Filomena; — sigo amanhã.

— Diabo, antes fosses mais tarde! Não me convinha sair daqui sem acabar o mês...

— Mas que necessidade tens tu de sair? ponderou o Borges, temendo que o outro lhe quisesse duplicar as despesas do passeio.

— Pois eu havia lá de consentir que partisses sem levar um amigo em tua companhia!

— Não, não! não te incomodes por minha causa! apressou-se a dizer o Borges. Agradeço-te do fundo do coração a boa vontade; mas acredita que não há a menor necessidade de...

— Ora, deixa-te dessas coisas! Queres romper cedo comigo, João?!... Bem sei que és escrupuloso, que tens receio de me importunares, aceitando estes pequenos obséquios; eu, porém, julgo-me no dever de cumpri-los, mesmo contra o que disseres.

— Mas, filho, dou-te a minha palavra de honra, que fico muito mais agradecido se não fores! oh!

— E eu dou-te também a minha palavra que nem a tiro conseguirás que eu mude de resolução!

— Nesse caso é birra! exclamou o Borges, sem poder disfarçar a impaciência.

— Será o que tu quiseres! bradou o teimoso. — Mas eu considero do meu dever não te deixar ir só!

E com orgulho:

— Não! Que não sou desses amigos que só aparecem pelo bom tempo!... Não senhor!... Sei que vais doente, cansado, prostrado... sei que hás de precisar de um bom amigo ao pé de ti, que te dê coragem, que te anime! Sei que levas projetos de escrever artigos políticos, de lutar, de resistir, e sei que te faltarão as forças para tanto! E pensares que eu seria capaz de te deixar ir só. Oh! não te

mereço semelhante injustiça! Eu suponha, João, que fizesses de mim um melhor juízo!

— Ora essa!

— Não! não! Seria cometer a mais revoltante indignidade, se eu não te acompanhasse!

Borges ainda protestou, não, porém, com o mesmo ardor; as palavras do amigo a respeito dos tais projetos políticos o interessaram sobremaneira. O Guterres gozava de certa fama de homem fino, perspicaz e muito inteligente.

Verdade é que seria difícil citar-lhe as obras; Borges não se lembrava de haver posto os olhos em alguma coisa escrita por ele; nunca lhe descobrira o menor trabalho de imprensa, mas, por várias vezes ouvira conversar a respeito do talento do Guterres:

— Se não fosse tão preguiçoso, diziam, seria a nossa primeira pena!”

— Bem podia ser que o demônio do homem entendesse deveras do riscado e viesse a prestar-lhe muito bons serviços!... Em tricas de política, pelo menos, ninguém lhe podia negar competência.

Borges ainda se lembrava perfeitamente das formidáveis discussões, em que o vira por inúmeras vezes empenhado com os grandes da matéria. — Ora, se assim era, valia a pena abrir mão de umas certas coisas e aceitar abertamente o auxílio que lhe oferecia o tipo! ...

— O diabo seriam as despesas!

Borges já não era o mesmo algibeiras rotas em questões de dinheiro: depois das suas adversidades, ficara econômico e desconfiado. — Mas enfim! ora adeus!... Quem precisa tem que puxar pela bolsa!

E resolveu agüentar a carga.

XIX

PETRÓPOLIS

Era ainda no tempo das pitorescas diligências, e Filomena, que nunca tinha ido a Petrópolis, ficou maravilhada com o passeio.

Principalmente a subida da serra com a sua estrada muito branca, em ziguezague, que serpeia e se arrasta por sobre ela, à semelhança de uma cobra fantástica de marfim, causou-lhe arrebatamentos vertiginosos.

Vales e montanhas, píncaros e despenhadeiros, tudo surgia amplamente defronte de seus olhos, banhado de tons cerúleos, num morte-cor ideal, vaporoso e fugitivo. As roxas grimpas da serrania alcandoravam-se por entre flocos transparentes de neblina, que se iam rasgando às primeiras irradiações do sol, como trêmulas cambraias sopradas pelo vento.

E pouco a pouco descortinavam-se as planícies afogadas num oceano compacto de verdura, e logo depois enormes penhascos debruçados sobre elas, como gigantes adormecidos de pé, e lá embaixo, ao fundo, muito ao longe,

acentuava-se a baía entre nuvens de cordilheiras, que se acumulavam a perder de vista, formando largos horizontes cor de pérola.

— Esplêndido! balbuciou Filomena, com a boca meio aberta, os olhos iluminados de inspiração, o seio ofegante, as narinas sôfregas e dilatadas. — Esplêndido!

E com os olhos ia-se-lhe a alma por aquela imensidade deslumbrante, precipitando-se de plano em plano, derramando-se até o fundo misterioso dos vales ou voando aos alcantis que se perdiam no céu.

Nada do que vira pelo mundo inteiro a comovera tanto, nada lhe afetara tão poderosamente a sua fina sensibilidade de artista; nada lhe penetrara tão fundo a alma apaixonada e contemplativa.

Entretanto, o Borges, defronte dela, assentado ao lado do Guterres, discutia com este os seus projetos políticos.

— Agora só o que me falta é a “idéia”! disse o barão ao ouvido do outro.

— Idéia? de que?... perguntou o Guterres, sem compreender.

— A idéia, homem, a causa que eu tenho de abraçar, de defender! Sim! é preciso decidir -me por alguma!

O amigo olhou muito sério para ele:

— Tu ainda não tens partido?!

E depois de um gesto negativo do outro:

— Mas isso é ouro sobre azul! Não sabes a fortuna que possuis! O imperador dá a vida pelos homens nessas condições!

— Achas, hein!

— Tenho certeza! Mas, vem cá, o partido conservador é o único que te convém, é o único que te pode oferecer algumas vantagens! Homem, sempre é melhor estar com o poder... não acredites que os liberais levantem tão cedo a cabeça! E, se levantarem, melhor! porque nesse caso colocar -te-ás na oposição, ficas na brecha! terás a luta, terás a reação às tuas ordens! Só o que te falta é a prática, são as relações políticas. — Isso obterás rapidamente, juro-te eu, que conheço essa gente como a palma de minhas mãos!...

Enfim, não te faltam os elementos!... segredou depois de uma pausa, piscando o olho e fazendo com os dedos sinal de dinheiro.

— Não é tanto como supões! respondeu o Borges.

E, assim conversando, chegaram à estação do desembarque, onde, segundo o costume, havia já uma confusão de curiosos, e onde já estavam os empregados dos hotéis, que vinham com os seus carros à pesca de hóspedes.

De todos os grupos se exalava um cheiro penetrante de luxo e de riqueza.

Borges entregou a bagagem a um moço do hotel Bragança, deu-lhe o bilhete da carga que chegaria mais tarde, e, com a mulher e mais o Guterres, tomou o carro que lhe competia, e os três seguiram alegremente, devorados de apetite.

Petrópolis produziu no Borges uma impressão inteiramente contrária à que produziu em Filomena.

Para esta a transformada fazenda do sr. d. Pedro II apareceu como um paraíso da elegância, colocado entre rochedos; adorável com as suas pequenas ruas encenradas pelo rio e contornadas de arvoredos, formando, vistas a certa distância, belos canteiros de verdura, onde a magnólia, a camélia, o cravo, a açucena e a rosa disputam a primazia em número e beleza.

A acumulação dos jardins, a riqueza das flores, a pureza do céu, a frescura do ar, prontamente impressionaram o seu espírito, sempre voltado ao pitoresco, ao recreativo, ao ideal. Além disso, as criancinhas louras, descalças, caminhando em bando para a escola, as criadas alemãs, de olhos azuis, a boca vermelha e a pele branca, faziam-na esquecer, por instantes, do africano e repulsivo aspecto geral das cidades do Brasil, e imaginar-se num canto feliz da legendária e melancólica Germânia.

E no Borges, as primeiras impressões foram justamente o contrário de tudo isso. Espírito prático, e por demais ferrenho, não se cegou logo pelas aparências do mimalho de Sua Majestade e tratou de julgar Petrópolis friamente, com todo o peso do seu bom senso grosseiro e burguês.

O que ele notou, em primeiro lugar, foi o engano em que ali viviam todos, supondo luzir com o reflexo que vinha do monarca; quando aliás Sua Majestade, astro sem brilho próprio, não podia emprestá-lo a quem quer que fosse.

Enquanto a mulher se extasiava defronte dos jardins, das fontes e dos rios, ele, o Borges, notava que Petrópolis, com os seus decrépitos laudêmios, com as suas sesmarias, OS seus enfiteuses, os seus canons, os seus foros territoriais, continuava a ser uma fazenda, uma feitoria do imperador, e que era bastante tocar em qualquer coisa, que lá estivesse, para se sentir logo a dois passos, o olho vigilante e repressivo do proprietário, do dono.

Por toda a parte, em tudo, o mesmo prestígio do “Senhor”. A mesma impertinência do “Amo”.

— Bela rua! exclamou o barão, considerando a rua d. *Afonso*, depois de percorrer as ruas do *Imperador* e da *Princesa Januária*.

— É exato! responderam-lhe — o imperador acha-a bonita!

— Não morro de amores pela cerveja que aqui se fabrica, disse ele doutra vez.

— Não! contradisseram-lhe, esta cerveja é magnífica — o imperador gosta!...

E assim era, sempre que o Borges fazia qualquer pergunta ou pedia qualquer informação. As idéias, as frases, giravam sempre sobre o mesmo parafuso — o imperador. Era ele sempre o ponto de partida, o termo de comparação, a base, o princípio, o fim, o meio.

— Ora bolas! exclamou o Borges, afinal já importunado com aquele servilismo. — Para qualquer lado que me vire, dou sempre com o mesmo espantinho! Sebo! No fim de contas que diabo tenho eu com o tal Imperador? Não estou aqui por obséquio, não estou na casa de ninguém; estou num hotel, a tanto por dia! Ora essa! Pago com o meu dinheiro!

O Guterres então contrapunha argumentos cheios de prudência e reflexão. — O amigo fazia mal em pronunciar-se daquele modo! Não era isso que mais convinha aos seus projetos políticos! Que diabo! Não custava coisa alguma guardar umas tantas conveniências!

— Estou vendo é que mando para o inferno a tal idéia de minha mulher e musco-me daqui quanto antes! — Ah! meu Paquetá! meu Paquetá!

Não sabia por que, mas sentia -se muito contra a vontade na tal cidadezinha! Faziam-lhe mal aos nervos aquela elegância convencional, aquele falso luxo, aquela preocupação de “parecer rico”, que notava em quantos iam passar ali o verão.

— Súcia de pulhas! resumia o bom homem, fazendo uma careta de tédio.

E experimentava arrepios de indignação quando, à tarde, num alvoroço postiço, reuniam-se à porta do Bragança grupos casquilhos de damas e cavalheiros, macaqueando uma aristocracia que não tinham, fazendo uma existência fina e superior, que mal conheciam de tradição. Por debaixo daquelas roupas a inglesa, daquelas rendas e daquelas sedas; por debaixo daqueles movimentos largos de fidalguia endinheirada, o Borges lobrigava o brasileiro, ou o português, metucioso, ruim, amigo da intriguinha, reparador dos defeitos alheios e cheio de vícios.

Os *phaetons*, as berlindas, os *landaus*, as cestinhas puxadas a dois e três tiros de cavalos, as corridas à marcha inglesa pelas ruas, a conversa ruidosa dos falsos elegantes, a febre de gastar dinheiro inutilmente, enfim tudo que não tinha o cunho do hábito e o caráter de coisa adquirida insensivelmente com a educação, com o berço, tudo isso se lhe afigurava tacanho, ridículo, insuportável.

E por toda a parte e em todos os objetos, nas casas de negócio, nos costumes, nas *toilettes*, na linguagem, nas relações, nos amores, em tudo descobriu o mesmo fingimento, a mesma mentira, a mesma preocupação de mostrar uma grandeza que não havia.

— Isto, quanto a mim, classificou ele finalmente, em confidência com o Guterres — cheira-me assim a mulata forra com pretensões a *cocotte*.

E o Borges, aquele *pax vobis*, aquele homem que não sabia quais eram os passos necessários para entrar na política, resolveu do fundo do seu bom senso burguês que Petrópolis não passava de uma cidadezinha dissolvente, cara, preciosa, que se alim entava do calor enervante de um sol no ocaso, um sol, ou antes um parhélío, que ia desaparecendo lentamente para nunca mais voltar.

E profetizou, o toleirão! que, dentro de vinte anos Petrópolis deixaria de existir ou transformar-se-ia, completamente, numa dessas muitas cidadelas do prazer e do vício como Mônaco ou Monte-Carlo, alimentadas pelo jogo, pagando o “barato” ao governo e servindo exclusivamente aos libertinos do bom-tom e às prostitutas de alto bordo.

Entretanto, todo esse conjunto de coisas, que, observadas a olhos nus, repugnavam ao paladar simples do burguês, apareciam a Filomena radiantes e encantadoras, vistas através do prisma fantástico de sua imaginação.

Para Filomena, Petrópolis continuava a ser o “tépido retiro das almas delicadas, a fina corte do espírito e da elegância”. Uma espécie de ninho artístico, feito de ramos e folhas naturais, porém borrifado de leve com algumas gotas de *ylang-ylang*.

Os mesmos elementos, que levantavam a antipatia do marido, para ela serviam de bom pasto aos seus gostos e caprichos. O prestígio do monarca, por exemplo, longe de lhe ser desafeiçoado, constituía um dos pontos que mais a interessava. E, se nisto havia ainda qualquer coisa a desejar, era justamente não ser ele mais completo, mais cavalheiresco, mas ao sabor da idade média.

Queria d. Pedro no seu castelo feudal, mais moço, mais bonito, amando os combates encarniçados e as mulheres formosas; devoto e libertino a um tempo; supersticioso e malvado; indomável e forte defronte dos esquadrões inimigos, suplicante e humilde aos pés de uma dama fraca e delicada.

Não o desejava de casaca e chapéu alto, porém, de gorro emplumado e gibão de veludo, todo ele resplandecente de ouro nas suas bordaduras preciosas. Preferia -o de longos cabelos da cor do sol, a barba dividida ao meio do queixo, o nariz firme e audacioso, como o dos antigos heróis da Grécia.

A gorda figura do Imperador, com o seu abdômen saliente, as suas pernas finas, a testa abaulada, os olhos vulgares, causava-lhe um desgosto profundo. Não lhe podia perdoar aquele aspecto de bom velho, aquele ar pacato, aquela proverbial honestidade, aquela expressão moleirona de homem linfático e turgido pela vida sedentária. A voz branda e fanhosa, o ar giboso de Sua Majestade avultavam no espírito de Filomena como o mais grave atentado que se pudesse opor às magnificências da coroa.

— Não é um rei! dizia ela consigo, cheia de indignação. — Não é um rei, é um pai de família, um fazendeiro rico, um tipo comum!

Mas para que se afligir com essas pequenas misérias do mundo, se ali estava a sua bela imaginação, pronta sempre a torcer e dissimular os fatos que a realidade lhe grupava brutalmente em torno da existência?!

E, com o auxílio dessa fiel companheira, tudo se lhe afigurou entretecido de ouro e azul. Petrópolis converteu-se defronte de seus olhos nos domínios de um belo infante apaixonado, que vivia a abater nas suas terras o javali bravio.

E Filomena, soltando as rédeas de sua indomável fantasia, transpunha-se aos tempos medievos e sonhava as clássicas manhãs de caça, em que os reis, cercados de uma corte luzidia e fugace, partiam galhardamente para o campo, ao agreste som de retorcidas trompas de metal.

E formosas damas, pálidas na vertigem do galope, deslizavam nos seus palafreiros cobertos de pedrarias, o amazonas desfraldado aos ventos. E fidalgos poderosos, e pajens lindos como arcanjos, e donzés de falcão ao dedo, e ligeiros batedores, e nuvens ululantes de cães que se precipitavam em matilhas; tudo, tudo perpassava vertiginosamente defronte de seus olhos, num rebrilhar fantasmagórico de opulências.

Por isso, ao entardecer dos dias quentes, quando as cigarras estridulam nas matas e a natureza se recolhe na concentração, mística e voluptuosa da sesta,

Filomena furtava-se de todas as vistas e saía a bordejar silenciosamente os largos misteriosos da cidade ou a deixar-se perder pela alfombra embalsamada dos caminhos de bambus.

Em um desses passeios encontrou-se com o monarca, Ele caminhava em direção contrária à dela, inteiramente desacompanhado.

Viu-a, fitou-a rapidamente, fez-lhe um gracioso cumprimento, e lá se foi por diante, muito sombrio, com a cabeça enterrada nos ombros, as mãos cruzadas atrás, os olhos presos na terra.

Filomena havia parado e ficou alguns instantes a contemplá-lo. Depois fez um gesto de impaciência com a boca, sacudiu as espáduas e continuou o seu passeio.

XX

VOLTA-SE À DANÇA

Naturalmente o monarca falou a alguém do seu ligeiro encontro com a afilhada, porque esta, se até então conseguira em Petrópolis furtar-se um pouco ao burburinho das salas, daí em diante não foi mais senhora de si.

Viu-se logo cercada de manifestações, querida, reclamada a todos os instantes, servindo de alvo a todas as atenções, discutida, invejada, luzindo e ofuscando com a sua beleza, com os seus gostos, com o seu espírito e com o seu nome, que se impunha aos ouvidos de toda a gente, alta ou baixa, como o título de uma canção popular.

Organizaram-se concertos, inventaram-se meios de a ouvir, de a ter perto, de a obsequiar. Os seus gostos foram imitados; as suas *toilettes* decretaram a moda da estação, as suas frases mais insignificantes converteram-se em apotegmas.

— Isto vai mal!... considerava todavia o Borges, vendo que os seus horizontes, em vez de se acalmarem de todo, mais e mais se perturbavam. — Isto vai muito mal!... muito mal! Desde que cheguei a este inferninho de cidade, ainda não tive um momento de verdadeiro descanso, e já pressinto aliás que as coisas vão tomando um caráter ameaçador! Confesso que não estou nada satisfeito!

— Não sou dessa opinião, contrapôs o Guterres, — Entendo que o negócio caminha às mil maravilhas! Nós, o que precisamos é não dormir com o trabalho!

— Ó homem! exclamou o outro. — Pois você acha que temos trabalhado pouco? Você acha que é pouco o que temos feito?! Ainda não abandonei a pena senão para comer e dormir algumas horas!

— É pouco! é quase nada!

— É um artigo!

E com efeito, os quatro dias que tinham de Petrópolis foram devorados na confecção de um artigo político, uma espécie de autobiografia a jeito de

programa ao mesmo tempo, peça original e divertida, na qual criticava o autor a lamentável situação econômica do Brasil, censurando e lamentando certas coisas, aplaudindo outras com entusiasmo, fazendo-se muito patriótico e empenhado na salvação desse “país esplêndido, destinado por Deus a um grande destino, mas infelizmente vítima todos os dias do egoísmo e do desamor daqueles que, se compreendessem os seus deveres, deviam ser os primeiros a defende-lo e honrá-lo perante o século dezenove e não procurar precipitá-lo no aviltamento e na vergonha”.

O Borges tomara no hotel um gabinete especial para esses trabalhos. E a sua mesa, coberta de tiras de papel, cheia de livros abertos, coalhada de jornais, não parecia ter quatro dias naquele serviço; parecia ter vinte anos.

E ele, todo vergado sobre a pasta, o olhar carrancudo, a ponta da língua a brincar fora da boca, como a cabeça de um boneco de engonço, enchia e reenchia centenas de tiras, caprichando na letra, recorrendo aos dicionários, consultando o código, manuseando jornais velhos e lendo em voz alta o que ficava escrito, declamando enfaticamente as frases que lhe pareciam de mais efeito.

O Guterres nunca escrevia, apenas ditava; ora repimpado na cadeira de balanço, o copo de cerveja ao lado, a cabeça vergada para trás, a fisionomia cheia de preocupação, os olhos quase fechados, espiando atentamente por entre os dedos que ensarilhava no ar, defronte do rosto.

Ou então passeava pelo quarto, fitando o soalho, as mãos nas algibeiras das calças, o charuto fumegando a um canto da boca. E só se alterava para fazer uma visita ao copo ou dar uma vista d’olhos ao que escrevia o Borges.

Às vezes, depois de correr uma olhadela pelo trabalho tomava em silêncio a pena das mãos do outro, emendava alguma palavra mal escrita, largava de novo a pena sobre a mesa e prosseguia no seu passeio.

“Patriota e defensor acérrimo da Carta Constitucional”..., bradava ele, destacadamente, acentuando a frase com um movimento de braço: “sempre tive por único objeto de meus esforços a prosperidade e a glória de meu país!” Escreva!

O Borges escrevia.

“No meu livro sobre o Oriente” (é bom falar nisso!) “escrito de colaboração com minha mulher, a Exma. Sra. baronesa de Itassu, e que muito breve verá a luz da publicidade, hei de provar o que há pouco avancei!”.

E depois de dar ao Borges o tempo de escrever:

“Na política espanhola, na qual tive a honra de tomar parte durante as últimas revoluções do cantonalismo...

— Mas, filho, eu não tomei parte nisto! protestou o Borges, largando a pena e limpando o suor da testa. — O que se passou foi só aquilo que te contei! Para que havemos nós de dizer uma coisa que não é verdade?!

— Cala a boca, homem de Deus!

— Não! Hás de convir que...

— Mau! Se você conta escrever só a verdade, está bem servido nas suas pretensões! É melhor então cuidar de outra coisa!

O Borges coçou a cabeça, sem responder...

— Em política, meu amigo, disse o outro — verdadeiro é só aquilo que nos convém. Que diabo há de então você dizer, no caso que esteja resolvido a alegar em seu favor somente os seus serviços reais prestados à política?! Sim! Quero saber o que foi que você já fez por este ou por aquele partido! Se há qualquer coisa, diga, porque, olhe! não me consta!

O Borges olhou para ele, sempre a coçar a cabeça.

— Por conseguinte deixe-se de histórias, e escreva! Escreva, que o resto fica por minha conta!

Daí a pouco suscitou a mesma questão a respeito de d. Luis de Portugal. O Guterres queria que o amigo desse a entender no seu artigo que havia em Paris gozado “a estima e a confiança do bom e afável duque do Porto”.

— Não! Essa agora é que não passa! reagiu o Borges energicamente. — Ainda com o cantonalismo — vá! porque enfim o basbaque do estalajadeiro tomou-me por um correligionário; mas com o d. Luis valha-me Deus! a coisa é muito diversa! Homem, pois se ele nem mesmo chegou a trocar uma palavra comigo, que até supunha que eu não entendesse o português! ... Eu estava de botocudo!

— Mas é a mesma coisa, João! Você não entende disto! Faça o que lhe digo e deixe-se de escrúpulos sem razão de ser!

Afinal entraram em acordo, e o primeiro artigo ficou pronto. O Guterres iria levá-lo pessoalmente ao *Jornal do Comércio*.

— Ah! soprou o Borges, atirando-se a uma cadeira. — Deste estou livre!

Mas foi logo interrompido pela mulher, que lhe vinha dar parte que no dia seguinte, antes de principiar o baile do Casino, organizado no próprio hotel Bragança, onde havia um teatrinho, ela dançaria um de seus tangos e cantaria uma de suas modas para fazer a vontade ao padrinho.

— Está tudo perdido! calculou o Borges, empalidecendo. — Adeus sossego! O diabo é dançar a primeira vez!

E o pobre homem tinha razão. A notícia de que Filomena ia dançar, levantou entusiasmo. Petrópolis assanhou-se; o hotel Bragança encheu-se de curiosos; por toda a cidade só se falava na baronesa de Itassu; todos queriam ajudar nos preparativos da festa; foi preciso fechar o salão do baile para conseguir -se fazer alguma coisa. O Borges viu-se atrapalhado.

No dia da função, às sete horas da noite, já se não podia transitar na rua do Imperador. De todos os lados acudia gente; os carros grupavam-se em todo o comprimento do rio. Uma curiosidade febril agitava os corações.

E quando, acesos os candeeiros de querosene, organizada a platéia; distribuídos os lugares, o monarca já instalado com o seu seminário, ergueu-se o pequeno pano do teatrinho e Filomena principiou a dançar o tango, o entusiasmo difundiu-se de tal modo, que foi preciso empregar todos os meios para contê-lo.

Era a primeira vez que o salão do frio e sizudo Casino experimentava uma febre daquela ordem.

Terminado o ato, o imperador dignou-se cumprimentar pessoalmente a formosa artista e prometeu que dançaria com ela uma quadrilha francesa.

Este ato foi aplaudido em geral, como um rasgo de verdadeira justiça.

Afastaram-se logo as cadeiras e os bancos da platéia, desembaraçando-se o salão para a dança e, daí a pouco a linda baronesa de Itassu, em grande uniforme de baile, era a soberana daquela festa. O padrinho dirigiu-lhe por várias vezes a palavra e disse-lhe que simpatizava muito com o barão e que mais tarde havia de dar provas dessa simpatia.

Espalhou-se logo o boato de que o imperador estava deveras apaixonado pela irresistível afilhada e que esta lhe correspondia de um modo escandaloso.

Verdade é que, depois do primeiro baile, não se passava um dia em Petrópolis, sem que d. Pedro tivesse ocasião de se encontrar com ela; e, quando havia dança, o bom príncipe não lhe dispensava a sua quadrilhazinha e os seus dois dedos de palestra.

— Belo monarca! Belo monarca! dizia o Guterres. E ainda havia por aí toleirões que falavam em república e revolução! Onde iriam encontrar um chefe mais lhano, mais condescendente, mais generoso, mais democrata que aquele? ... um verdadeiro amigo de seu povo!

E fazia-se muito dele, muito amigo da monarquia, muito pronto a defendê-la. Se, em sua presença, alguém se animava a falar no suposto namoro de Filomena com o padrinho, Guterres respondia logo, fazendo voz de choro e cara de lamúria:

— Não, coitado! é uma injustiça! O pobre homem não pode se divertir um instante!... Ah! também vocês de tudo querem armar escândalo!

O Borges é que não se conformava com a brincadeira, se bem que a mulher empregasse todos os meios para convence-lo de que tais sobressaltos não tinham o menor fundamento.

Mas não era só por causa disso que ele se apoquentava — é que a despeito do esforço que fazia o infeliz para evitar as convivências ruidosas e resignar-se à maçadora companhia do Guterres, não conseguia fugir às constantes visitas de cerimônia, e a sua vida ia-se tornando cada vez mais cheia de etiquetas e mortificações.

— Já vejo que é mesmo sorte minha!... resmungava ele. — E eu que supunha vir encontrar aqui neste inferno de intrigas um momento de repouso!

A presença do imperador, a sua conversa constrangedora, virgulada de gestos incompreensíveis, era de tudo o que mais o amofinava. Borges, por melhor vontade que empregasse, não podia entrar com as praxes estabelecidas da cortesia.

— Não nascera para aquilo!

Burguês completo, amigo sincero do povo, donde saíra e onde crescera, livre por hábito e por princípio conhecendo o governo apenas pelos seus impostos, pelas suas exigências, pelas suas opressões, era, sem nunca o ter dito,

talvez até sem o saber, um inimigo natural do trono, um tipo perfeito do revolucionário moderno, um verdadeiro, um puro republicano.

Todavia, nunca se envolveu nem de leve com a política de seu país; nunca se declarou mais simpático a este ou àquele partido. Até aos quarenta anos cederá os seus votos ao primeiro amigo que o mendigasse, sempre indiferente aos atos do governo, aos negócios do Estado, chegando até a evitá-los instintivamente, como uma mulher honesta evita por impulso natural o contacto de certas pessoas.

Amava os homens pela pureza do caráter e não pela cor do partido ou pela posição social. Se a mulher não o tivesse obrigado a comprar um título, não seria ele decerto quem se havia de lembrar de semelhante patacoada.

Desde pequeno habituado ao trabalho livre, sem jamais precisar do governo, a quem sempre considerou um parasita importuno, educado por um pai da mesma forma trabalhador e independente. Borges nunca se lembrou de pôr a sua consciência em leilão, nunca precisou dobrar aquela grossa cabeça de plebeu às conveniências desta ou daquela idéia. Além disso, quando se viu sem recursos de vida e abandonado na mais dura miséria, tudo, nesse momento, lhe teria passado pelo cérebro, menos a lembrança de que possuía uma pátria, para a segurança da qual tinha ele contribuído, durante muitos anos, com o seu esforço e com a sua coragem.

De sorte que, lançado agora bruscamente, por um capricho da mulher, aos pés de um soberano, que, até aí, era para ele simplesmente um princípio, que a gente aceita, para não se dar ao trabalho de dizer a razão por que aceita, atirado assim de improviso aos degraus safados de um trono, que nada de comum podia ter com ele, um trono de que ele nada podia esperar por *motu próprio*, o Borges sentiu-se como esmagado por uma desgraça que o humilhava, sentia-se coagido, preso, inutilizado, e, cada vez mais, furioso de sua vida.

Entretanto, obedecia à fatalidade das circunstâncias que o arremessavam àquela posição falsa e constrangedora.

Ia tudo suportando, sem ânimo de reagir: fazia-se cortesão a pouco e pouco, habituava-se ao sorriso do Paço; acompanhava os outros na adulação e no servilismo; até que, de repente, sem esperar por isso, recebeu como um augusto favor ou talvez como recompensa do seu aviltamento, a nomeação de “superintendente dos trabalhos privados do Paço”, com um bonito ordenado, casa, comida, roupa lavada e engomada.

A mulher atirou-se-lhe ao pescoço: — Bravo! bravo, meu amor! Principias maravilhosamente!

— Mas eu, em consciência, não devo aceitar este cargo... objetou o Borges muito atrapalhado.

— Eu não entendo nada disto! Não sei o que é ser superintendente, não sei quais sejam as atribuições desse lugar! Não sei finalmente o que tenho de dar em troca do ordenado que me oferecem!

Feriu-se uma tremenda discussão entre os dois.

— Está bom, está bom! disse afinal a baronesa.

— Acho que deves guardar essas discussões para quando estivermos em casa — neste hotel ouve-se tudo o que se diz um pouco mais alto!

Borges calou-se, mas, receoso de fazer algum disparate, saiu à procura do Guterres. — Precisava desabafar! Arre!

— Não dês com o pé na fortuna!... disse-lhe o amigo. — Que diabo queres tu então, homem de Deus?! ...

— Eu sei cá o que quero! Quero fazer a vontade a Filomena, mas isso, já se vê, sem me colocar na crítica situação em que me acho! Eu lá sei pra que lado fica o serviço de que me querem encarregar!

E que necessidade tens tu de entender disso?... Acaso alguém te reclama habilitações?... Alguém te pede competência?... Por ventura os mais que são nomeados para os outros cargos apresentam-se aptos para desempenhá-los?... Ora, por amor de Deus! Estás na aldeia, e não vês as casas? Quem sabe se pretendes reformar os costumes!... Quem sabe se queres ser a palmatória do mundo!...

— Nada disso me convence de que devo aceitar um cargo, sem ter habilitações para exercê-lo!

— Mas, João, vem cá, repara que estás no Brasil e lembra-te de que aqui os empregos de confiança do governo, sejam eles de que gênero for, nada tem que ver com as aptidões individuais de quem os vai desempenhar! Que diabo! Não vês aí todos os dias ministros da guerra, que não conhecem patavina do militarismo? Não vês que os ministros da agricultura não sabem para que lado fica a lavoura; que o ministro do império, a cargo de quem está a instrução pública, já faz muito quando sabe ler e escrever corretamente... Não vês que o ministro da fazenda não pesca nada de economia política; que o da pasta de estrangeiros não entende coisa alguma de política internacional? E assim o da marinha! e assim todos eles! e assim todo o mundo! Oh!

Essas razões, longe de convencerem o Borges, mais lhe irritavam os nervos.

— Não! bradou ele, furioso. Não! Não posso, não devo aceitar semelhante cargo! seria uma bandalheira, uma velhacaria! Não quero!

— Bem diz o provérbio que Deus dá nozes a quem não tem dentes! sentenciou o outro. — Ah! se fosse eu o nomeado, havia de te mostrar que...

— Queres tu ficar com o emprego?!... perguntou o barão, limpando o rosto, que se inundava o suor.

— Ora! Se fosse possível, que dúvida! ...

— Vai ver se é ou não possível!

E nesse mesmo dia, o Borges, logo que pilhou o imperador, foi-se atravessando defronte dele e dizendo abertamente que não podia aceitar o cargo de superintendente, mas que designava o Guterres para o substituir.

— É um pouco difícil de contentar, seu marido! observou d. Pedro a Filomena quando se encontrou com ela.

— Não sabia que era tão exigente!

— Exigente?! ... perguntou a baronesa.

— Não se dá por satisfeito com o cargo que lhe ofereci. E, no entanto, agora é quase impossível dar-lhe coisa melhor!...

Filomena surpreendeu-se muito agradavelmente com essas palavras do monarca: — Pois seria possível que o Borges já fizesse daquilo?... Oh! Não julgava que o marido fosse capaz de um rasgo de ambição!

— Bravo! bravo! aplaudiu ela consigo. E tratou logo de confirmar a opinião do esposo — No fim de contas, ele não deixa de ter alguma razão, coitado! Vossa Majestade há de concordar que o tal cargo é muito insignificante para um homem de aspirações e de talento! Superintendente! Ora, que vale isso!

— Bom! bom! Já sei! já sei o que devo fazer enquanto não lhe arranjo melhor emprego! Vou trocar-lhe o título por outro, por título brasileiro e mais alto — vou fazê-lo visconde! Não ficará ele satisfeito?!

Filomena apressou-se a beijar a mão de seu augusto padrinho: — Oh! Vossa Majestade é magnânimo!

— Engana-se! Não sou: — faça-me, para dar-lhe o exemplo: percebe?... disse o monarca piscando o seu olho azul do lado esquerdo.

Mas teve logo de disfarçar, porque alguém se aproximava.

XXI

TORNIQUETES

Foram inúteis todos os novos esforços do Borges para recusar o cargo. Teve de entrar logo em exercícios de suas funções.

— Ora a minha vida! lamentava ele, sozinho, a espacear pela quinta do imperador. Ter de entrar na carreira pública depois dos cinquenta anos de idade! Esta só a mim sucede!

Sua Majestade não tardou a puxá-lo bem para junto de si, faze-lo dos do seu peito. E, com enorme espanto do Borges, chegava a consultá-lo em questões completamente estranhas ao pobre homem. Às vezes pedia-lhe conselhos.

— Homem, majestade! ... para falar com franqueza, eu...

— Já sei, já sei! Não lhe é simpático o negócio! Eu também sou quase desse parecer...

— Perdão, perdão! não é isso!... mas é que...

E o Borges, a contragosto, ia pensando nas coisas do Estado, ia-se articulando às engrenagens do governo, ia-se deixando invadir secretamente por todas as sutilezas da política.

— Eu, jurava ele com os seus botões — eu, quando menos o esperarem, fujo! desapareço por uma vez, e ninguém saberá para onde fui! Posso lá com semelhante modo de vida!

Não obstante, quatro meses depois disso, a condessa de Itassu era já o melhor empenho para o sr. d. Pedro de Alcântara. Pretendente que se apadrinhasse com ela podia ter a certeza de obter o que desejasse.

De suas mãozinhas aristocráticas saíram nomeações importantíssimas, licenças escandalosas, remoções, transferências, acessos de empregos, privilégios de companhias, concessões de engenhos centrais. Muita questão importante se resolveu com um simples sorriso.

Quando regressaram de Petrópolis foram habitar em S. Cristóvão, perto do palácio de sua majestade. O monarca não queria o visconde de Itassu muito longe de si.

A casa deste transformou-se logo em um centro político. Aí, todas as noites se reuniam as figuras mais volumosas dos poderes públicos; aí se discutiam as mais graves questões do Estado; formavam-se e destruíam-se gabinetes; criavam-se e resolviam-se crises, conforme o capricho de Filomena.

— Ora, dá-se por isso?... Será crível que eu nunca mais obtenha um momento de repouso?... pensava o Borges.

Com efeito, sua pobre vida jamais esteve tão cheia de preocupações e tão carregada de responsabilidade. Quando o desgraçado saía do quarto, depois de uma noite mal dormida, já uma enorme salva o esperava, transbordante de jornais, de cartas, requerimentos, ofícios, comunicados e o diabo, cujo expediente era preciso aviar e fazer subir quanto antes ao conhecimento do seu augusto amo.

Depois, tinha audiências; negócios inteiramente fora de sua competência vinham-lhe suplicar um parecer, pedir um auxílio.

Que luta!

Mas, além de tudo isso, era preciso atender aos colegas, aos amigos, aos políticos em atividade, que o procuravam todos os dias. De resto, era preciso constantemente envergar a farda, suportar as exigências do cargo, acompanhar o monarca, comparecer aos atos solenes da corte ou às reuniões particulares dos ministros.

E o Borges em vão se arrepejava, se maldizia e se punha fora de si.

Filomena, ao contrário, à semelhança de certas plantas caprichosas, que só vingam bem nos abrasados e altaneiros píncaros do rochedo, cada vez mais e mais se identificava às exigências do seu novo meio.

E protegia o marido à sombra de seus conselhos, amparava-o, conduzia-o, emprestando-lhe um lugar no ginete de suas ambições e cedendo-lhe liberalmente todas as armas do seu espírito e toda a força da sua vontade.

O Imperador não disfarçava o bom conceito em que tinha a opinião do experimentado e sensato visconde de Itassu,

— É um homem de peso... dizia. — Não tem fulgurações de talento, mas sobra-lhe o tino! Homem de gabinete!

O Borges, o modesto e inofensivo Borges, viu então circularem ao redor de si os mais lisonjeiros comentários a respeito de qualidades, que ele nunca desconfiara que possuía. Viu atribuírem-lhe competências, das quais ele podia jurar que não dispunha: viu darem-lhe a paternidade de fatos de grande tática política, dos quais só chegara ao conhecimento pelas notícias do “Diário Oficial”.

Mas, em compensação, os jornais ilustrados, os órgãos republicanos e algumas folhas diárias surgiam pejados de sátiras, de pilhérias e de caricaturas contra ele, a mulher e o monarca.

Deram-lhe alcunhas ridículas, inventaram-lhe biografias vergonhosas, crivaram-no de *triolets* insultuosos. Afirmou-se que Filomena Borges era de fato a imperatriz do Brasil: que ela, se não reinava sobre a nação, reinava sobre o monarca: que sua majestade, tomado de amores, deixava fazer de si o que bem quisesse a viscondessinha de Itassu, e que esta abusando da posição, pintava o diabo com o pobre país, erguia e desmanchava gabinetes, com o mesmo capricho com que armava e desfazia os seus penteados e... os do marido.

Borges não sabia resistir a tais diatribes; ficava a ponto de perder a cabeça quando as lia; mas, em vez de revoltar-se contra a própria fraqueza, atirava sua indignação sobre os inimigos do Estado, ao passo que a este ia-se prendendo cada vez mais.

— Não dê a menor importância! acudia o Guterres. — Deixa ladrar a inveja!

— Mas que necessidade tenho eu de ouvir diariamente esses desaforos?...

— E uma questão de hábito, filho! Bem se vê que ainda não estás calejado nesta coisa! Pois querias fazer posição sem ouvir descomposturas?...

Serias aqui o primeiro! — quem tem mérito, tem inimigos! Mais tarde, quando os jornais já não disserem nada a teu respeito, hás de sentir até a falta desses mesmos desaforos que hoje te mortificam!

Mas o visconde, em vez de habituar-se ao que diziam dele, ia-se enterrando progressivamente no azedume e no tédio; deixava-se tomar de um desespero irritativo e constante, assanhava-se já por qualquer coisa, andava sempre de cara fechada, tinha palavras duras e gestos desabridos, até com o próprio imperador.

O imperador! ...

Pobre homem! Bem longe estava ele de merecer as acusações que lhe faziam a respeito da afilhada!

Que estivesse impressionado pela gentil criatura, pode ser, mas é que o diabrete arranjava as coisas de tal jeito, que o bom monarca não conseguia ir além de seus desejos, se é que os tinha.

Por mais esforço que empregasse, se os empregava, a viscondessinha fugia-lhe por entre os dedos com desculpas banais, como por exemplo a da circunstância de ser sua afilhada, deixando o coração do soberano ainda mais abrasado e ansioso, o que é possível, porque desgraçadamente os imperadores são feitos da mesma carne fraca e tilitante de que se formam as outras criaturas suscetíveis ao amor.

Por esse tempo era o Borges indigitado para exercer fora do País um importante cargo diplomático, que acabava de vagar.

— Não é que este homem embirroou deveras comigo?!... exclamou ele, quando lhe chegou aos ouvidos tal notícia. — Agora quer me fazer ministro plenipotenciário lá por onde o diabo perdeu o cachimbo! Ora, os meus pecados!

Filomena preferia ficar na corte, mas declarou logo que, se o marido aceitasse o cargo, ela o acompanharia, fosse lá para onde fosse.

Cassou-se imediatamente a nomeação do visconde, e, à noite, quando este teve ocasião de ver o amo, notou-lhe na fisionomia um certo ar de má vontade. Lá se ia por água abaixo o prestígio do Borges e mais da mulher.

XXII

DISSOLVEM-SE AS ÚLTIMAS ILUSÕES

Todo o empenho de Filomena Borges, todo o seu sonho dourado, era ver o marido no poder, à frente de um ministério; ordenanças atrás do carro, casaca resplandescente de galões amarelos, chapéu armado, espada à cinta e comenda ao peito.

Queria vê-lo ministro! Ministro, ainda que fosse por pouco tempo! — por uma semana, por um dia ao menos!

— Mas meu amor, dizia-lhe o esposo com a voz suplicante — teu marido já não pode com semelhante vida! Hei de fatalmente arriar a carga; estou exausto, estou seco, sem uma pitada de miolo! — mais uma semana — estouro! levo o diabo!

— Oh! Por amor de Deus não desanimes! exclamava a viscondessa, lançando-se-lhe nos braços. — Concentra todas as tuas forças e luta mais um instante! Juro-te, meu amigo, que, mal te vejas ministro, eu te acompanharei para onde quizeres e farei tudo o que me ordenares! Não penses em abandonar covardemente o posto de honra, agora que à custa de sacrifícios, conseguimos vencer a parte mais difícil da ladeira! Ânimo, visconde de Itassu! Não cedas o terreno aos teus adversários, que nos cobrem de ultrajes e calúnias! Não queiras realizar o que eles nos profetizaram! Se me tens amor, se me adoras, visconde, se te merece alguma coisa o muito que te quero e a forma imaculada pela qual tenho até hoje conduzido o teu nome, não faças uma fugida vergonhosa! Não queiras ser o meu algoz, porque eu não saberia resistir a tanta humilhação!

— É o diabo! ... respondeu o Borges, coçando a cabeça. É o diabo! Se tudo isso dependesse só de minha vontade, já cá não estaria quem falou! Mas a questão é que eu já não sei a quantas ando! Já não tenho cara para mostrar a todos esses homens, que confiam no meu valor e que esperam de mim o que nunca esperei! — É o diabo! Não calculas o quanto me pesa esta responsabilidade; não imaginas com que impaciência desejo atirar para longe as cangalhas que me puseram nas costas, e fugir, fugir contigo para um canto obscuro, onde não haja preocupações políticas, compromissos, artigos a responder, e onde não tenhamos que amargar as descomposturas da imprensa e as cuspalhadas dos inimigos! Ah meu Paquetá! meu belo e tranqüilo Paquetá, como te desejo, como te ambiciono! ...

— Não! Nós não nos enterraremos em Paquetá, não nos condenaremos ao ostracismo, sem que tenhamos triunfado dos nossos esforços! Hás de governar! Juro-te eu! Hás de ser grande; e poderoso!

Mas, ai! a linda ambiciosa contava dispor ainda do único elemento com que lhe era dado realizar tudo isso — a proteção do padrinho. Não desconfiava ainda, a visionária! que já não tinha às suas ordens essa vontade maravilhosa, que tudo determina no Brasil. E, ao reconhecer os primeiros sintomas de sua impotência, teve ímpetos de estrangular-se.

Todavia procurou iludir-se. Não desanimou logo e, a despeito dos protestos do marido, que parecia cada vez mais aflito, reuniu todo o seu empenho em um último esforço, a ver se conseguia reatar o sonho, sem ter de poluir o seu contrato de fidelidade conjugal.

— Lutaremos! Lutaremos! bradava ela, a sacudir o marido violentamente. — As principais influências conservadoras estão conosco! Havemos de vencer ou morreremos juntos, esmagados pelo mesmo destino!

O Borges tomou fôlego, depois de uma reviravolta que lhe deu a mulher, e declarou que entendia muito mais acertado irem eles acabar os seus dias tranqüilamente em um canto obscuro e feliz.

— Pensa em quanto é tempo, meu amor! dizia o pobre homem. Resolve-te quanto antes, porque, para falar com franqueza, desconfio que as coisas não vão boas; creio que teremos novidade lá por cima! E, assim por assim, é muito melhor que a bomba rebente quando já estivermos longe! Que te parece? ...

Filomena não respondeu às considerações do marido e jurou que estava “disposta a lutar até o último momento”.

Mas um fato inevitável, e talvez precipitado justamente pelo soberano, veio tolher-lhe as asas logo no coração do vôo, e decidir a derrota de Filomena: — declarou-se no ministério conservador a memorável crise que produziu a situação de 5 de janeiro de 78.

O velho partido estalou nas raízes, estremeceu todo, rangeu e afinal caiu por terra, como um carvalho secular, esmagando de uma só vez a caterva de políticos que dormiam à sombra dele.

Foi um charivari furioso.

O Rio de Janeiro despertou sobressaltado com o baque formidável do poder. Mil existências desarticularam-se de seus eixos, mil interesses feneceram; mil esperanças espocaram, para dar lugar a outras tantas, que surgiram... Os liberais atiraram-se a campo, assanhados, famintos, depois de um jejum de dez anos. E um redemoinho vertiginoso formou-se em volta do trono, arrancando pela raiz todas as plantas mal seguras ao fundo limoso daquele oceano de egoísmos.

E tudo veio à superfície d’água; velhas misérias abafadas ressurgiam. E os corpos que boiavam depois do cataclismo, chocaram-se uns contra os outros, a lutarem, a morderem-se, a engalfinharem-se, num supremo desespero de naufragos.

O Borges nunca experimentara um dia tão levado dos diabos; viu -se tonto, perdido, naquele labirinto de paixões políticas e conveniências particulares; labirinto de que ele não conhecia o norte, nem o sul, nem o lugar de entrada, nem o lugar da saída. O imperador virou-lhe as costas à primeira pergunta; o Guterres desapareceu, sem lhe deixar ao menos duas palavras que o animassem.

Todavia exigiam dele a explicação de fatos cuja existência o pobre homem até ignorava; responsabilizavam-no por outros completamente alheios à sua competência; fizeram dele um bode expiatório; envolveram-no em uma rede de intrigas; reduziram-no a peteca e atiraram-no de mão em mão, crivado de pilhérias, de dichotes, de rabos de palha, inutilizado, cheio de ridículo, cuspidor por todas as bocas da publicidade.

— Safa! safá! bufava o desgraçado, quando afinal se viu em caminho de casa.

— Vão todos para o diabo que os carregue, súcia de bandidos! Agora, haja o que houver, não os aturo nem mais um instante! Minha mulher que tenha paciência, mas em coisas que cheirem a política nunca mais meterei o bedelho! Nada! Hei de ver-me livre daquele inferno e ainda me parecerá um sonho!

Só à noite conseguiu chegar ao lado de Filomena, já tarde e caindo de fome, porque nesse dia nem lhe deram tempo para comer.

Encontrou-a toda vergada sobre a secretária, a cabeça entre as mãos, os cabelos despenteados e soltos ao ombro.

— Então, hein?! ... Que me dizes tu à brincadeira?..., exclamou ele, indo ter com a mulher.

— Peço-te que não me dês uma palavra a respeito da situação política! respondeu Filomena erguendo-se muito triste.

E a partir daí deixou-se tomar de uma grande melancolia.

Foi preciso chamar um médico logo ao amanhecer do dia seguinte. Filomena sentia-se mal, vieram-lhe irritações nervosas, derramamento de bÍlis, e depois febre, acompanhada de delÍrios.

Assim levou três dias, sem obter melhoras de espécie alguma.

Durante esse tempo, Borges penou e labutou mais do que em toda a sua trabalhosa existência. Andava num torniquete incessante das secretarias para S. Cristóvão, de S. Cristóvão para casa, arranjando a sua demissão e ao mesmo tempo servindo de enfermeiro à esposa.

Uma dobadura infernal! Faltava-lhe cabeça para tanta coisa. Já não podia suportar as perguntas que lhe faziam sobre os trabalhos do paço, fugia-lhe a paciência, dava respostas atravessadas, queria brigar, esbordoar os que lhe exigiam explicações, praguejava, insultava e pedia por amor de Deus que o despachassem quanto antes, que o pusessem na rua.

Afinal, convencidos de que o pobre diabo sofria de demência e talvez também porque já estivessem fartos de rir e de o aturar, deram-lhe com a demissão, e ele, sem perda de tempo, correu para junto da enferma, disposto a não pensar noutra coisa que não fosse restituir-lhe a saúde, a força, a alegria, que eram igualmente a sua alegria e a sua força.

Chegou à casa caindo de fadiga. A mulher estava tão fraca, tão abatida, que não parecia a mesma.

Ele ajoelhou-se a seus pés, tomou-lhe uma das mãos entre as suas e cobriu-a de beijos.

A doente agradeceu-lhe com um sorriso triste.

— Como te sentes?... perguntou ele. Estás melhorzinha, não é verdade?

Filomena respondeu que sim com a cabeça.

— Isso nada vale! Diz o médico que ficarás boa, logo que mudes de ar. Agora mesmo venho de estar com ele; amanhã tratarei da viagem.

E, chegando-se mais para a esposa, principiou com muita ternura a dizer os seus projetos:

— Seguiriam juntos e mais o Urso para um ar que escolhessem no campo.

— Paquetá, por exemplo, "Paquetá, que ele não via há quanto tempo, e da qual sentia tamanhas saudades!..."

— Ah! que bom! uma existência calma e desocupada nessa querida ilha, onde ele nascera e passara os primeiros anos! Teriam a sua casinha, muito bem arranjada, sempre muito limpa, muito bem ventilada; teriam o seu pomar, o seu jardim, de que eles próprios se encarregariam para matar o tempo; teriam uma vaca de leite, algumas cabras, carneiro, porcos, um pequeno tanque, onde os marrecos e patos tomassem banho, muita criação de galinhas e pombos, pombos a perder de vista. A casa seria à beira-mar, teriam o seu botezinho para a pesca e para os passeios à tarde pela costa ou até a ilhota da Brocoió! ...

— Que gosto em ter a gente à mesa as frutas que viu crescer no seu quintal..., dizia o Borges comovido. Que prazer em passar os dias a cuidar do que é seu, consertando, endireitando, plantando, regando, colhendo. Demais, ali não tens que fazer etiquetas; podes andar por toda a ilha com o teu vestidinho de chita, o teu chapéu de palha, o cabelo à vontade, que ninguém repara nisso!

E entusiasmando-se progressivamente com aquela expectativa de felicidade tranqüila:

— Isso que sentes agora nada vale... Hás de ver como ficas esperta logo que estivermos em nossa casinha de Paquetá! ... E que passeios não havemos de fazer ao ar livre, pela praia, nas manhãs de sol ou nas noites de luar! ... Havemos de ter pequenas reuniões de amigos; tu tocarás o teu piano, cantarás, enquanto eu estiver cuidando da chácara!

— Oh! como havemos de ser felizes! como havemos de ser felizes! exclamava o bom homem, já transportado mentalmente à sua terra, e sentindo-se em pleno gozo daquela doce existência que ele tanto ambicionava.

Filomena ouvia-o em silêncio, o olhar imóvel, a boca levemente arqueada pelo esforço que ela fazia para sorrir às palavras carinhosas do marido.

— Mas não fiques triste desse modo, que me matas... suplicava ele, com a voz trêmula e os olhos embaciados. — Espalha essas mágoas, que são a causa única de tua moléstia, minha querida Filomena! Se não quiseses vir para a roça, como aconselhou o médico, se Paquetá não te agrada, dize então o que te

apetece, o que te serve... bem sabes que todo o meu empenho é só fazer-te a vontade, é ver-te feliz e satisfeita, minha santa, minha querida mulherzinha!

— Não, meu amigo, não! Eu irei para onde quiseres; tenho obrigação de acompanhar-te... respondeu Filomena em voz baixa, fazendo esforços para conter as lágrimas.

XXIII

PAQUETÁ

Borges não descansou mais um instante, sem ter arranjado o necessário para abandonar a cidade.

Obteve uma casa em Paquetá; comprou tudo que lhe pareceu mais ao gosto da mulher, pois que ela se obstinava a guardar silêncio e não se pronunciava por coisa alguma, como se tudo lhe fosse indiferente.

— Faze o que entenderes..., respondia ela, sem abrir os olhos. Quanto fizeres será bem feito. Tudo me agradará...

— Mas não fiques desse modo!... pedia o esposo afagando-a.

Ela sorria tristemente e não dava mais palavra.

Partiram na manhã seguinte para Paquetá.

Havia um belo sol. Toda a natureza palpitava às carícias da luz; um panorama radiante desenrolava-se em torno da poltrona, onde Filomena se sumia entre grandes almofadas.

Os horizontes iam fugindo e azulando; as águas da baía estendiam-se a perder de vista, refletindo nas suas lâminas de prata as pequenas ilhas verdejantes que surgiam de todos os lados. E a serra dos Órgãos aparecia ao longe, apunhalando o céu com as suas pontas cor de aço, enquanto as nebulosas cordilheiras derramavam-se-lhe aos pés, formando grupos de nuvens paralisadas.

Filomena, entretanto, parecia indiferente a esses mesmos esplendores que dantes a arrebatavam.

Embalde o marido fazia por chamá-la às antigas impressões; embalde procurava despertar-lhe na alma o extinto entusiasmo: — Filomena, muito abatida, os olhos mortos, as mãos esquecidas sobre o regaço, deixava-se ficar no seu entorpecimento doentio.

Já não era a mesma Filomena de dois meses atrás. Seu sorriso agora era triste e cansado; sua cabecinha redonda e outrora esperta como a cabeça de uma rola, caía-lhe sobre o peito em uma prostração de luto e viuvez.

O resto da viagem correu fúnebre.

Ao chegarem a casa, Filomena não se mostrou interessada por coisa alguma; entrava ali como se entrasse para um hospital; a criada que encontrou às suas ordens, pareceu-lhe uma irmã de caridade. Em vão o marido pedia a sua

opinião sobre o que tinha preparado para recebe-la ou sobre a beleza natural do lugar, a esplêndida vista que se desfrutava deste ou daquele ponto.

Filomena sacudia os ombros, sem uma palavra; Urso em vão lhe farejava os pés, à espera de uma carícia.

Veio o almoço, Borges, para chamar a mulher, ao bom humor, lembrava tudo que lhe parecia ter graça: e inventava anedotas, recorria a todos os meios para distraí-la, fazendo-se pilhérico, fingindo-se alegre, procurando reconstruir as mesmas fisionomias, os mesmos movimentos ridículos, com os quais ele, antes, sem querer, fazia-a rebentar de riso. — Engasgava-se com o vinho, tossia, fingia-se parvo, imbecilizava-se propositadamente.

Mas tudo era baldado. E o infeliz sentindo acudir-lhe as lágrimas, fugia, abafando os soluços com as mãos, para que a mulher os não percebesse.

E no entanto, a melancolia de Filomena avultava de instante a instante, como uma nuvem que se espalha no céu. E tudo se foi tornando sombrio, carregado, trevoso, até que a última réstea de azul desapareceu totalmente.

Então a enferma deixou-se ficar de cama, sem querer ouvir falar de coisa alguma desta vida, nem querer suportar outra companhia que não fosse a do marido.

Ele, só andava na ponta dos pés, só falando em segredo, tresnoitado, aflito, como louco, servindo a um tempo de enfermeiro e de criado. Não queria que ninguém se aproximasse do quarto da mulher, com receio de incomoda-la. Ela não podia ouvir a menor bulha; o mais leve som de passos equivalia a marteladas na cabeça.

E o Borges, em meias, com pisadas de ladrão, o ar sobressaltado, não ficava quieto num lugar, andava por toda a casa, evitando o que pudesse contrariar a doente. E quando se punha ao lado dela, seguia-lhe os movimentos da pálida fisionomia, como um cão ao lado do senhor, pronto a lançar-se de carreira para a direita ou para a esquerda, conforme o decrete o olhar do dono.

— Ó minha Filomena! minha querida companheira, dizia-lhe em segredo, sem poder distrair as lágrimas que lhe transbordavam dos olhos. — Que tens?... que sentes... Que te falta? Dize! fala, minha vida! Pode ser que isso te faça bem!... Desabafa, ordena — eu sou o teu escravo, estou aqui para te obedecer! Vamos, por quem és! dize o que queres!

Filomena desviou o rosto vagarosamente, pedindo ao marido, com um gesto, que se afastasse, e dois grossos fios luminosos principiaram a lhe correr pela nublada palidez do rosto. Depois, no fim de alguns minutos, como se ganhasse alívio com aquele choro, fechou os olhos e adormeceu tranqüilamente.

Borges, encostado à porta do quarto, vigiou todo esse sono, que durou mais de cinco horas.

Só se animou a entrar, quando a sentiu novamente acordada.

Eram seis da tarde: de uma tarde melancólica de julho. Ouvia-se grunhir lá fora, o vento nos flabelados ramos das palmeiras, e o mar estrebuchava em soluços pela extensão da costa.

No aposento da enferma crescia o silêncio escuro das igrejas. Tudo era triste e concentrado; ao longe, vozes de crianças rezavam em coro a Ave-Maria.

Borges parou defronte do leito da mulher.

Viu-a toda branca, destacando-se do claro-escuro dos lençóis, como uma figura de cera. Mas a fisionomia dela repousava numa expressão de inefável doçura.

Aproximou-se lentamente, sonâmbulo, e foi ajoelhar-se aos pés daquela imagem adorada; tomou-lhe uma das mãos, que pendia fora da cama.

— Meu amigo, disse Filomena com dificuldade, derramando sobre o marido um suplicante olhar de extrema ternura, como se lhe quisesse pedir perdão. — Meu bom amigo, sinto que morro, e só me punge a idéia do bem que te não fiz e do muito que merecias!

— Ó minha querida! não penses nessas coisas! ... Espalha essas idéias de morte!

Filomena meneou a cabeça.

— Não, não! disse-lhe o marido, tomando-a nos braços. — Tu não morrerás! Havemos de viver ainda muito! — felizes! — eternamente unidos como dois pombos! Eu continuarei a ser o teu escravo, o teu amante, o teu fiel companheiro; tudo aquilo que entenderes! Voltarei alegre para onde quiseres! Tornaremos à agitação da corte, à febre das paixões; principiarei de novo a minha vida! Saltimbanco, *touriste*, superintendente, jornalista, homem célebre, serei tudo de novo, contanto que tu vivas, meu amor, minha felicidade! Contanto que não te deixes assassinar por essa tristeza, que te abafa, a existência, ó minha vida! ó minha doce esposa!

E o Borges, tomado de um desespero febril, estorcia-se ao lado da cama, desfazendo-se em lágrimas.

— Obrigada! muito obrigada, meu generoso e honrado amigo! De tal modo te habituaste às minhas quimeras e à minha loucura, que não podes acreditar que eu tenha um momento lúcido antes de morrer.

— Não! não! não penses em morrer, minha querida!

Filomena, em resposta passou os braços em volta do pescoço do marido e repousou a cabeça no colo dele.

— Só tu és bom! ... dizia arquejando — só tu mereces todas as bênçãos do céu!... Como eu te adoro e como eu te amo, meu...

Não pôde acabar. E, depois de uma breve aflição, retesou as pernas e os braços, exalando, num estremecimento geral, o último suspiro.

— Filomena! Filomena! bradou o esposo, sem a largar das mãos, mas afastando-a rapidamente a toda a distância dos braços e encarando-a desvairado e sôfrego: — Fala, fala! Dize por amor de Deus que não estás morta!

Ela, porém, em vez de responder, deixou pender cabeça para um dos lados e, assim, ficou na sua imobilidade de cadáver.

Borges ainda a encarou em silêncio arquejante. Depois, sacudiu-a toda, com impaciência; chegou repetidas vezes ao seu rosto esfogueado o lábio frio da morta, para ver se lhe descobria um último sopro de vida. E, afinal, soltando um

bramido formidável, repeliu-a de súbito e atirou-se ao chão, a espolhar-se, a rolar por todo o quarto, entre gargalhadas de louco.

Entretanto, lá fora continuava o surdo marulhar das vagas; zumbia ainda o vento nos palmares; e as crianças, no seu coro de arcanjos, pediam à Virgem Santíssima que as amparasse neste vale de lágrimas.

Dias depois, no modesto cemitério de Paquetá, à sombra de um velho cajueiro, via-se uma pobre sepultura, em cuja lápide dois nomes se entrelaçavam com o mesmo apelido. E defronte, estático e silencioso, como uma esfinge de mármore negro, um enorme cão velho e trôpego, fitava-a, deitado sobre a relva.